COTRIJORNAL

ANO 16 — IJUÍ, SETEMBRO/89 — 169

O V Seminário Nacional de Pesquisa da Soja reuniu técnicos, pesquisadores e agricultores

Mato Grosso do Sul

A SOJA EM DEBATE

Mercado internacional, crédito agrícola, pesquisa. Estes os três assuntos principais discutidos em Seminário Nacional, realizado em Campo Grande 5, 6 e 7

ARROZ

Cada vez mais difícil de continuar plantando

Os preços não ajudam, o VBC não cobre os custos de produção e a água está ficando pouca 9

Central de Carnes é extinta

E a Cotrijuí, dentro da sua política de continuar incrementando a suinocultura na região, assume a planta industrial do Frigorífico São Luiz 4

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

De volta às urnas

Eleitores dos 16 aos 46 anos vão às urnas pela primeira vez para eleger o novo presidente do país Última

PELADINHO

Apesar de sua baixa produtividade, o trigo peladinho continua sendo uma opção constante para os produtores de Tenente Portela 11

IJUÍ - FORMOSA

Produtores da Pioneira vão a Formosa e trazem na bagagem um novo projeto de integração econômica 8

Visita incluiu avaliação nas lavouras argentinas

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.

Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Insc. INCRA nº 248/73
CGC.MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO
DIRETÓRIA EXECUTIVA
Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolivar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Walter Frantz
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva
Superintendente/Dom Pedrito:
Eduardo Augusto Pereira de Menezes
Vice-presidente/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert
Conselho de Administração (Efetivos):
Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Ataídes Conceição, José Jorge Rieth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerlle, Luiz Carlos Roos, Olívio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Straliotto, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

Suplentes:
Onorildo Zangirolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Carniel, Jorge Cleiton Gonzales, Hédio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guiotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.
Conselho Fiscal (Efetivos):
Amário Becker, José Dalízio R. Marchese e Ivo Vicente Basso
Suplentes:
Ervino Egon Preissler, e Arthêmio Agostini

Diretores contratados:
Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges e Léo José Goi.

LOJAS COTRIJUÍ

Regional Pioneira	26
Dom Pedrito	3
Mato Grosso do Sul	7
Total	36

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira	584.800 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Mato Grosso do Sul	476.150 t
Total	1.371.950 t

COTRIJORNAL
Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE

REDAÇÃO
Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

REVISOR
Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTES

Campo Grande: Rosane Henn
Porto Alegre: Raul Quevedo

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

Problemas financeiros levaram a Cooperativa Central Gaúcha de Carnes a encerrar suas atividades. Sem capital de giro, a Central não teve como suportar os altos estoques diante de uma crise agravada pelas importações de carne suína autorizadas pelo governo. Com o fechamento da Central de Carnes, a Cotrijuí que já vinha participando com 93 por cento da matéria-prima industrializada pela CCGC, assume a planta do frigorífico de São Luiz Gonzaga, para poder dar continuidade ao seu projeto de incremento à produção de suínos na região. A presença da Cotrijuí no município de São Luiz Gonzaga não é definitivo, já que a cooperativa tem o seu projeto de construção de um abatedouro de suínos, aves e bovinos para Ijuí. Enquanto o projeto não se viabiliza, a Cotrijuí, através do frigorífico de São Luiz vai garantindo a industrialização da produção de seus associados, aprimorando tecnologia e conquistando um mercado. Matéria na página 4.

A soja foi assunto de debate durante dois dias em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Técnicos, pesquisadores, analistas de mercado e agricultores aproveitaram a realização do V Seminário Nacional da Pesquisa da Soja, para falar de tudo e um pouco, desde que o assunto envolvesse a soja. Se falou em crédito agrícola, mercado internacional, no valor nutritivo da oleaginosa na alimentação humana e animal e de pesquisa. As palestras sobre o V Seminário da Soja de Campo Grande estão nas páginas 5, 6 e 7.

A integração entre Ijuí e Formosa está agora mais fortalecida pelo surgimento de um novo projeto econômico entre as duas regiões. A origem do projeto veio da última viagem realizada por produtores da região Pioneira da Cotrijuí que estiveram no início do mês visitando as lavouras e o centro de pesquisa do sul da província Argentina. Durante a visita eles receberam oferta de terras pelos argentinos, que pretendem desenvolver a região, mas carecem de tecnologia e recursos humanos. Os detalhes da viagem e a opinião de produtores estão na página 8.

Muitas ameaças rondam a próxima lavoura de arroz. Além da praga do arroz vermelho que hoje já atinge mais de 90 por cento da área plantada, os preços são baixos e não compensam os altos investimentos. Os VBCs estipulados pelo governo para a cultura ficaram aquém da real necessidade e a estiagem que assola a região fronteiriça do Estado, vem reduzindo drasticamente o volume dos reservatórios. Nem as últimas chuvas que caíram na região durante o mês de setembro foram suficientes para recuperar o déficit hídrico. Angustiados diante de tantos problemas, os arrozeiros só falam num assunto: reduzir a área plantada. Matéria na página 9.

Nestes tempos em que mesmo as médias de produção mais altas não conseguem alcançar os custos de produção, uma variedade de trigo cultivada no Alto Uruguai contraria em parte este princípio do ganho pela alta produtividade. É o peladinho, um precoce que se adapta muito bem à região caracterizada por um micro clima de pouca geada e que possui potencial genético estacionado em não mais do que 1.200 quilos por hectare. A sua precocidade, no entanto, livra os pequenos proprietários e minifundiários do município de Tenente Portela, de muito gasto em tecnologia, até porque a maior parte de pragas e doenças que comumente atacam o trigo não chega a atingir o peladinho, estando ele nesta época (do ataque das pragas, principalmente), pronto para ser colhido. A história do peladinho e a opinião do produtor estão na página 11.

DO LEITOR

A universidade regional é irreversível

Telmo Frantz

A Unijuí está partindo firme para a implantação da Universidade Regional, denominada de Unicor. A Universidade de Cooperação Regional não se trata de uma idéia nova, recente. A Fidene, quando foi instituída em 1969 já tinha esta proposta. Ela nasceu com a idéia de regionalização, sendo constituída na época por 53 municípios. Entretanto, a idéia de regionalização somente começou a florescer neste ano e especialmente a partir da assinatura de um protocolo de intenções, que ocorreu por ocasião do Seminário Regional de Ciência e Tecnologia, realizado no dia 19 de setembro, na Unijuí. Este protocolo envolve não só a Unijuí, como o Instituto Dom Bosco de Santa Rosa e Sociedade Educacional de Três de Maio. Contando com a participação do governo estadual — representado pelo secretário da Ciência e Tecnologia, André Foster — o protocolo acentua a proposta de se constituir uma universidade multicamp, além de um polo regional de desenvolvimento tecnológico.

A regionalização se tornou uma exigência, já que, sem este passo, não se conseguirá construir uma universidade forte. Existem várias outras vantagens da regionalização, dentre as quais, uma instituição descentralizada, uma universidade que está fisicamente presente em toda a região e uma instituição que vai contribuir para um desenvolvimento harmônico da região.

A regionalização, através da Unicor, permitiria dar saltos de qualidade no desenvolvimento regional integrado. Acredito que hoje a região passa novamente por um momento histórico, sendo interessante retomar idéias que surgiram há mais de 20 anos. A universidade regional implicará também numa alteração de perfil da Unijuí. A Universidade vai se enriquecer, ampliar o leque de suas ações, mas não significa que a instituição regional venha a fazer com que a Unijuí deixe de atuar em alguns setores. Esta ampliação se trata de uma exigência do momento para a região que, por decisão política dos seus agentes, quer entrar no campo da tecnologia. A região tomou consciência de que precisa trazer investimentos nas várias áreas, potenciar investimentos já existentes e entrar em setores novos, como a informática.

"A regionalização se tornou uma exigência, já que, sem esse passo, não se conseguirá construir uma universidade forte".

Acredito que a Universidade precisa até mesmo se antecipar aos acontecimentos da região. Uma universidade tem que tentar antecipar o futuro, pois se não faz isso, não tem razão nenhuma para existir. E a Unijuí percebeu que isso é importante para que a região Noroeste se torne mais competente, mais qualificada tecnologicamente. Daí surgiu a decisão que já não é somente da Universidade.

Sobre as prioridades em termos de regionalização, existe uma prioridade histórica, que nunca será abandonada: a educação. Todas as decisões que porventura a Unijuí venha a tomar nas áreas de ciência e tecnologia, vão respeitar a história e a vocação da região. As prioridades no campo científico-tecnológico são várias, mas dentre elas, destacam-se a eletro-eletrônica, metal-mecânica, agropecuária e alimentos.

No que se refere a implantação efetiva da Unicor, já se ultrapassou a fase das discussões e existem ainda decisões a serem tomadas. Politicamente, posso afirmar que a decisão de se criar a universidade regional é irreversível. Entretanto, quanto ao convênio com Santa Rosa, a reitoria da Unijuí tem vontade política de buscar esta aproximação. Isso foi comunicado aos conselhos superiores, que autorizaram a reitoria a realizar estudos. Está-se instruindo o processo que será encaminhado aos conselhos universitário e diretor que, com base nas informações, dirá se o convênio será assinado ou não.

Com base no estatuto jurídico da Unijuí, ocorrerá este funcionamento da Universidade Regional, já que a instituição pode manter na área de sua influência, unidades ou desdobramentos de seus cursos e demais serviços. A instituição tem respaldo legal para manter cursos fora da cidade, desde que seja autorizada pelo Conselho Universitário. Com base no estatuto, a Unijuí tem poder para ser uma universidade multi-camp, com sua sede em Ijuí e com o campus em Panambi, Santa Rosa, Três de Maio e possívelmente Três Passos ou região Celeiro.

Telmo Frantz é Reitor da Universidade de Ijuí

registro

Para falar sobre o mercado internacional da soja, esteve no Brasil, durante as duas últimas semanas de setembro, o analista e professor, Argemiro Luís Brum, atualmente realizando doutorado em Economia Internacional na França. O curto espaço de tempo que passou no Brasil, Argemiro Luís Brum, ocupou dando palestras para agricultores e instituições. Na região, ele conversou sobre o mercado internacional da soja com os produtores de Ijuí, Jóia, Augusto Pestana e Ajuricaba, no dia 25 de setembro e com produtores associados da Cotrijuí de Chiapetta, Santo Augusto, Tenente Portela e Coronel Bicaco no dia 26. Também debateu a soja com os produtores do Mato Grosso do Sul e ainda foi palestrante do V Seminário da Soja, realizado em Campo Grande. Em todas as palestras, um conselho: o produtor brasileiro precisa ficar atento para a reestruturação do mercado internacional. Para competir no mercado, entende que a saída está no aumento da produtividade, "pois o tempo de produzir soja com mercado fácil e preço alto, já passou," destacou, lembrando que um novo estouro nos preços pode ocorrer só de forma eventual. Outra porta aberta é o mercado interno, "desde que haja poder aquisitivo suficiente para elevar o consumo do produto.

Bisol apresenta candidatura popular

"Todas as ocupações desencadeadas pelos agricultores sem terra são constitucionalmente legítimas". A afirmação é do senador José Paulo Bisol, candidato a vice-presidente da República na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva, da Frente Brasil Popular (PT, PCdoB e PSB) durante visita a Ijuí no dia 23 de setembro. O jurista e jornalista participou de passeata em vários pontos da cidade e à noite foi recebido pela Unijuí, na cripta da Matriz São Geraldo, onde falou para um público de aproximadamente 500 pessoas.

Preocupado em traçar um panorama do que tem sido o Brasil nos últimos 30 anos, Bisol chamou atenção para um dos principais fatores que determinam a crise econômica e social brasileira, que é o nível de concentração de renda, responsável hoje pelo registro de 40 milhões de indigentes no País. De acordo com o senador, apenas uma pequena parte da população detém 99 por cento da renda, enquanto a maioria tem somente um por cento restantes.

Para reverter este quadro de marginalização social, Bisol apontou a importância da eleição presidencial em 15 de novembro, com a possibilidade de escolha baseada em mudança real, estruturada a partir de um projeto de desenvolvimento realizado pela distribuição da renda nacional. Isto porque, segundo o senador, ao contrário das eleições presidenciais passadas, onde os candidatos tinham a mesma origem de classe, a de agora, tem em Luis Inácio Lula da Silva, "uma candidatura legitimamente popular, respaldada pelos vafios segmentos de trabalhadores do campo e da cidade.

FRASES

"Vai sobrar malaio tentando exportar óleo de palma assim como vai sobrar brasileiro querendo exportar óleo de soja". (Argemiro Luís Brum – analista de mercado externo e, atualmente fazendo doutorado em Economia Internacional na França. A frase foi citada durante palestra proferida para agricultores associados da Cotrijuí na Pioneira e referia-se a evolução do processo de produção sem o acompanhamento da demanda).

"Não podemos nem pensar em colocar ração no porco que dá prejuízo na certa. Temos que procurar produzir dentro da propriedade a sua alimentação para baratear os custos de produção". (Estanislau Przybytowicz, agricultor residente em Linha 1 Oeste, interior de Ijuí, referindo-se aos custos de produção da suinocultura).

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

A cédula da primeira eleição presidencial desde 1960 já foi definida pelo Tribunal Superior Eleitoral. Ela vai trazer o nome dos 22 candidatos, distribuídos segundo sorteio realizado pelo próprio TSE na presença de representantes de todos os partidos políticos. O deputado petista Luís Inácio Lula da Silva teve garantido o primeiro lugar na ordem dos nomes colocados na cédula e Eudes Mattar o último. A cédula apresenta três dobras e uma faixa no verso, para que o voto não seja identificado. Para votar corretamente, basta o eleitor escolher o nome do candidato de sua preferência e assinalar o quadro correspondente com um X.

O Tribunal Superior Eleitoral já sabe o número de eleitores que vai votar nesta eleição presidencial: 82.057.634. O eleitorado cresceu 8,2 por cento em relação ao número que compareceu às urnas, em novembro do ano passado, para eleger os novos prefeitos e vereadores do país. Os jovens – entre 16 e 17 anos – somam 3,3 milhões de novos eleitores. 1.562.307 com 16 anos e 1.781.566 com 17 anos. Os eleitores com mais de 18 anos somam 78.713.761.

O Rio Grande do Sul continua sendo o quinto colégio eleitoral do País – 5.704.708 eleitores. São Paulo ocupa o primeiro lugar com 18.529.439; Minas Gerais o segundo com 9.436.237; Rio de Janeiro com 8.199.986 e Bahia com 5.877.380. A região com maior número de eleitores é a Sudeste – 37.573.666, seguida pela Nordeste com 21.500.249 e pela Sul com 13.492.613.

Para Presidente da República

- ☐ 13 - LULA
- ☐ 42 - MARRONZINHO
- ☐ 31 - ZAMIR
- ☐ 22 - AFIF
- ☐ 23 - ROBERTO FREIRE
- ☐ 54 - P. G.
- ☐ 25 - AURELIANO CHAVES
- ☐ 12 - BRIZOLA
- ☐ 43 - GABEIRA
- ☐ 16 - PEDREIRA
- ☐ 57 - MANOEL HORTA
- ☐ 26 - CORREA
- ☐ 33 - CELSO BRANT
- ☐ 11 - MALUF
- ☐ 45 - MARIO COVAS
- ☐ 27 - LIVIA MARIA
- ☐ 20 - COLLOR
- ☐ 14 - AFFONSO CAMARGO
- ☐ 56 - ENEAS
- ☐ 15 - ULYSSES GUIMARÃES
- ☐ 51 - RONALDO CAIADO
- ☐ 55 - EUDES MATTAR

Falecimentos

Antoninho Domingos Rossoni
(1950-1989)

Nasceu no dia 6 de abril de 1950 no município de Redentora. Em toda a sua carreira profissional de técnico em agropecuária, só teve um emprego: na Cotrijuí, onde iniciou suas atividades em 1972, na unidade de Tenente Portela. Em 1976 foi transferido para a unidade de Coronel Bicaco. Em março de 1981 foi promovido a gerente da Unidade, cargo que o cupou até agosto de 1985, quando foi remanejado para a unidade de Tenente Portela, na mesma condição de gerente. Seu companheirismo e espírito de liderança foi além das Afucotris que ajudou a organizar e a fazer crescer, tanto em Coronel Bicaco como em Tenente Portela. Em Coronel Bicaco, onde atuou por mais de nove anos, foi um dos idealizadores da Festa Nacional do Mate. Em Tenente Portela, onde residia nestes últimos anos, foi membro do Lions Clube, atuando ativamente junto a Comissão pró-construção de uma escola para a Apae. Foi um dos idealizadores da Cooperativa de Crédito de Tenente Portela, a Creditepo; membro da Sociedade Campestre Portelense; do Esporte Clube Ipiranga; do Esporte Miraguai; do CTG Sentinela da Fronteira; do Clube Recreativo Comercial; do Conselho de Desenvolvimento de Tenente Portela e presidente da Associação dos Funcionários da Cotrijuí da sua Unidade. Casado com Eloir Terezinha e pai de Maurícia, 14 anos e Carina de 11 anos. Faleceu tragicamente em acidente automobilístico na RS-522 que liga Ijuí a Augusto Pestana no dia 22 de setembro. Antoninho Rossoni se dirigia, juntamente com seu colega gerente da unidade de Santo Augusto para o município de Jóia, onde deveria participar de uma reunião do grupo gerencial da Cotrijuí na Regional Pioneira.

Antônio Vieira dos Santos
(1949-1989)

Natural de Ijuí, onde nasceu em 7 de junho de 1949, Antônio Vieira dos Santos, 40 anos, era formado em agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria. Iniciou suas atividade profissionais pela antiga Ascar – hoje Emater –, mas em março de 1977 se transferiu para a Cotrijuí. Atuou na unidade de Augusto Pestana até janeiro do ano seguinte, quando foi transferido para Santo Augusto. Em julho deste mesmo ano assumiu a função de coordenador do departamento agrotécnico da unidade, cargo que ocupou até 30 de julho de 1985, quando passou a desempenhar o cargo de gerente. Especialista em sementes, Antônio Vieira dos Santos coordenou o movimento que transformou o município de Santo Augusto em um dos maiores produtores e beneficiadores de sementes da região. A facilidade com que sempre fez amigos o levou a se transformar em um líder dentro e fora da cooperativa. Pela liderança e iniciativa, presidiu, a convite dos poderes executivos e legislativos, as quatro Feiras da Árvore e Artesanato realizadas em Santo Augusto nos anos de 1979, 1982, 1985 e 1989. Sempre marcou presença no Clube de Serviços – Lions de Santo Augusto – onde desempenhou várias funções e participou de iniciativas comunitárias. Como sócio fundador da Cooperativa de Crédito Rural de Santo Augusto, onde ocupava o cargo de conselheiro fiscal, foi um grande batalhador, primeiro pela instalação da cooperativa no município, depois, no sentido de buscar o seu fortalecimento na região. Membro da Associação Hospitalar Bom Pastor, não poupou esforços no sentido de buscar incentivos para a ampliação do Hospital Bom Pastor de Santo Augusto. Filho dos ijuienses Lúcio Vieira dos Santos e Joana Amaral dos Santos, Antônio era casado com Fátima Nara Machado dos Santos e pai de Alexandre, 9 anos; Fernando, 8 anos e Antônio Júnior, de 4 anos. Faleceu tragicamente em acidente na estrada RS-522 que liga Ijuí a Augusto Pestana no dia 22 de setembro, quando se dirigia ao município de Jóia para participar de uma reunião gerencial do Grupo Cotrijuí.

Vilibaldo José Ciotti
(1964-1989

Filho de Ulrico e Anair Serafini Ciotti, Vilibaldo José Ciotti, 25 anos, nasceu em Santo Augusto no dia 7 de julho de 1964. Cursou o primeiro grau na Escola Rural de São Valério, interior do município de Santo Augusto e o segundo grau na Escola Cenecista Padre Anchieta. Atualmente cursava o 2º ano de Ciências Contábeis na Unijuí, em Ijuí. Trabalhava na Cotrijuí desde 13 de maio de 1981. Começou na função de ajudante do supermercado; em 15 de fevereiro de 1982 passou a exercer a função de auxiliar de escritório da administração e, em junho de 1987 passou a desempenhar a função de auxiliar de contabilidade na administração. Participou da Escola de Samba Unidos da Última Hora, do Grupo de Bolão Sexta-Feira; da Sociedade Cultural Recreativo 7 de Setembro e ainda integrava o quadro social da Associação Santo Augustense dos Universitários de Ijuí – Asuni. Além de membro da Afucotri de Santo Augusto, integrou, durante muitos anos a diretoria da Associação. Faleceu tragicamente no dia 24, em Santo Augusto, deixando ainda, além dos pais, os irmãos Sinibaldo José e Jeane Maria Ciotti.

Cotrijuí assume frigorífico

Central de Carnes é extinta e Cotrijuí assume planta do frigorífico de São Luiz Gonzaga.

Frigorífico de São Luiz Gonzaga: A indústria vai continuar absorvendo a produção de suínos e bovinos do associado da Cotrijuí

Falta de capital de giro necessário para manter os estoques. Este foi o ponto de estrangulamento que levou a Cooperativa Central Gaúcha de Carnes a fechar suas portas neste final de setembro. A crise da suinocultura, agravada pelas importações, fez com que a Central não pudesse se desfazer de seus estoques, mantidos a altos custos financeiros. Como o projeto se tornou inviável economicamente, a saída encontrada pelas cooperativas singulares — a Cotrijuí, a Castilhense de Júlio de Castilhos e a Coagrijal, de Jaguari, foi extinguí-la.

Instalada há vários anos no município de Júlio de Castilhos, a Central de Carnes, depois de atravessar mais uma de suas crises, foi reestruturada em fins do ano passado, quando também passou a operar, em regime de comodato, na planta do frigorífico de São Luiz Gonzaga. Começou muito bem, mas sucumbiu à falta de capital de giro. A frágil situação financeira da Central chegou a originar um movimento, por parte da Fecotrigo, no sentido de buscar um apoio que ajudasse a Central a se manter e superar a crise. Sem respaldo das singulares da região, a Fecotrigo também nada pode fazer para evitar a extinção da Central.

Nas mãos da Cotrijuí — Com a extinção da Central de Carnes, a Cotrijuí resolveu assumir a planta do frigorífico de São Luiz Gonzaga. "Assumimos o ativo e o passivo da Central e vamos começar a operar na planta do frigorífico de São Luiz Gonzaga tão logo a situação esteja regularizada", explicou Celso Sperotto, diretor vice-presidente da Cotrijuí na Regional Pioneira. "Nós temos a produção em casa e algum fomento feito na região. Então, vamos industrializar esse produto e assumir a sua comercialização", reforçou ainda, deixando bem claro que essa atitude não foi tomada de forma isolada. O assunto, segundo Celso Sperotto, foi amplamente debatido com o Conselho Administrativo da Cotrijuí na região em várias reuniões realizadas e a decisão tomada conjuntamente.

Ao assumir a planta do frigorífico de São Luiz Gonzaga, a Cotrijuí não só estará assegurando colocação a curto prazo para a produção de suínos de seus associados como também pensando em assegurar espaço para seu projeto agroindustrial para a região, a se viabilizar através da construção, em Ijuí, de um abatedouro de suínos, aves e bovinos. "Não tivemos outra saída, senão assumir o frigorífico. Onde íamos encontrar colocação para a produção de nossos associados?, indaga Sperotto. A meta inicial da Cotrijuí é dar prioridade para a produção de seu quadro social, "mas se houver falta de matéria-prima, até podemos recorrer às demais cooperativas da região".

Meotti na Europa

Oswaldo Meotti

Levando na bagagem um bem circunstanciado projeto técnico de implantação industrial, viajou para a Itália no dia 28 de setembro, o presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti. O referido projeto trata da intenção de instalar um parque frigorífico moderno, inclusive dotado de cozinha industrial, para a transformação de produtos de origem animal no município de Ijuí. O frigorífico vai abater suínos, bovinos e aves.

A obra, de grande porte, depende de recursos financeiros de elevado valor. A Itália tem financiado projetos semelhantes para países em fase de desenvolvimento e com potencialidades idênticas às do Brasil. Daí as perspectivas excelentes da Cotrijuí obter êxito neste empreendimento.

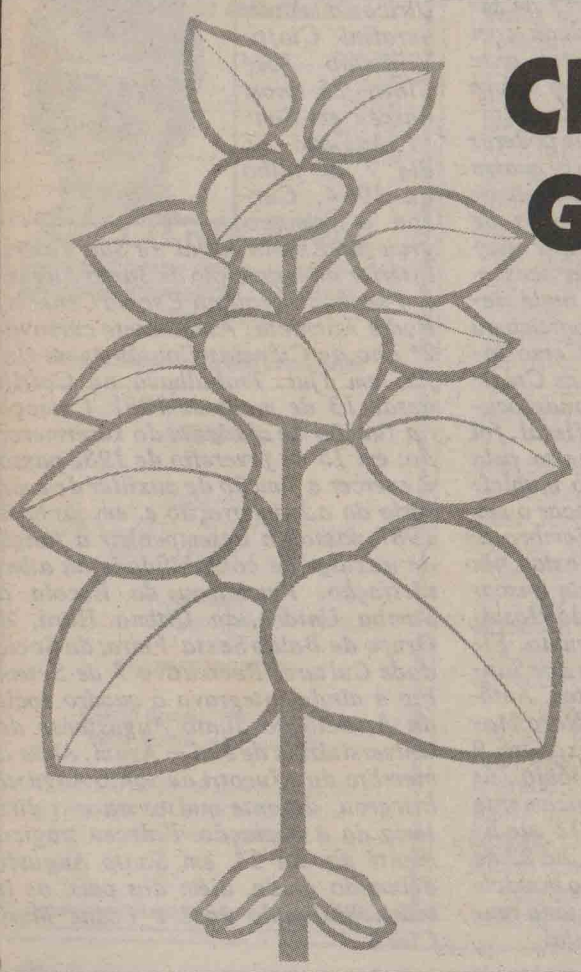
Meotti viajou acompanhado do gerente-técnico do Irfa, o veterinário Carlos Quintana da Rosa. Da Itália, aproveitaram a oportunidade para alongar a viagem até a França e Portugal, onde promovem novos contatos de negócios com cooperativas e produtores com as quais a Cotrijuí já vem mantendo intercâmbios nas áreas comerciais e técnicas.

Sacaria FRESAL de Polipropileno

- Alta resistência e durabilidade;
- Costura lateral com dobra dupla e reforço na boca;
- Impressão nítida em até 3 cores;
- Baixo custo e entrega imediata.

FRESAL EMBALAGENS LTDA.
Fone: (0512) 43.4399

P.A.Z.



CHEGOU CORSUM: SUA SOJA GANHOU MAIS FORÇA.

A utilização prolongada de um único herbicida pode conduzir a uma seleção das ervas daninhas que o produto não controla. O uso de herbicida de largo espectro pode minimizar esse tipo de problema.
Considerando essa questão, a CIBA-GEIGY desenvolveu uma alternativa ao sojicultor atento ao risco de seleção. CORSUM®: um pré-emergente de amplo espectro de ação que controla as seguintes ervas de folhas largas e estreitas.

FOLHAS ESTREITAS

Capim colchão, Milhã
Capim marmelada, Papuã
Capim carrapicho, Timbete
Pé-de-galinha
Capim brachiaria
Capim arroz
Capim avião, Oferecido
Trapoeraba

FOLHAS LARGAS

Caruru
Nabo, Nabiça
Picão-preto
Beldroega
Mestrasto
Guanxuma
Poaia
Quebra pedra
Picão-branco
Apaga fogo

CORSUM®

CIBA–GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

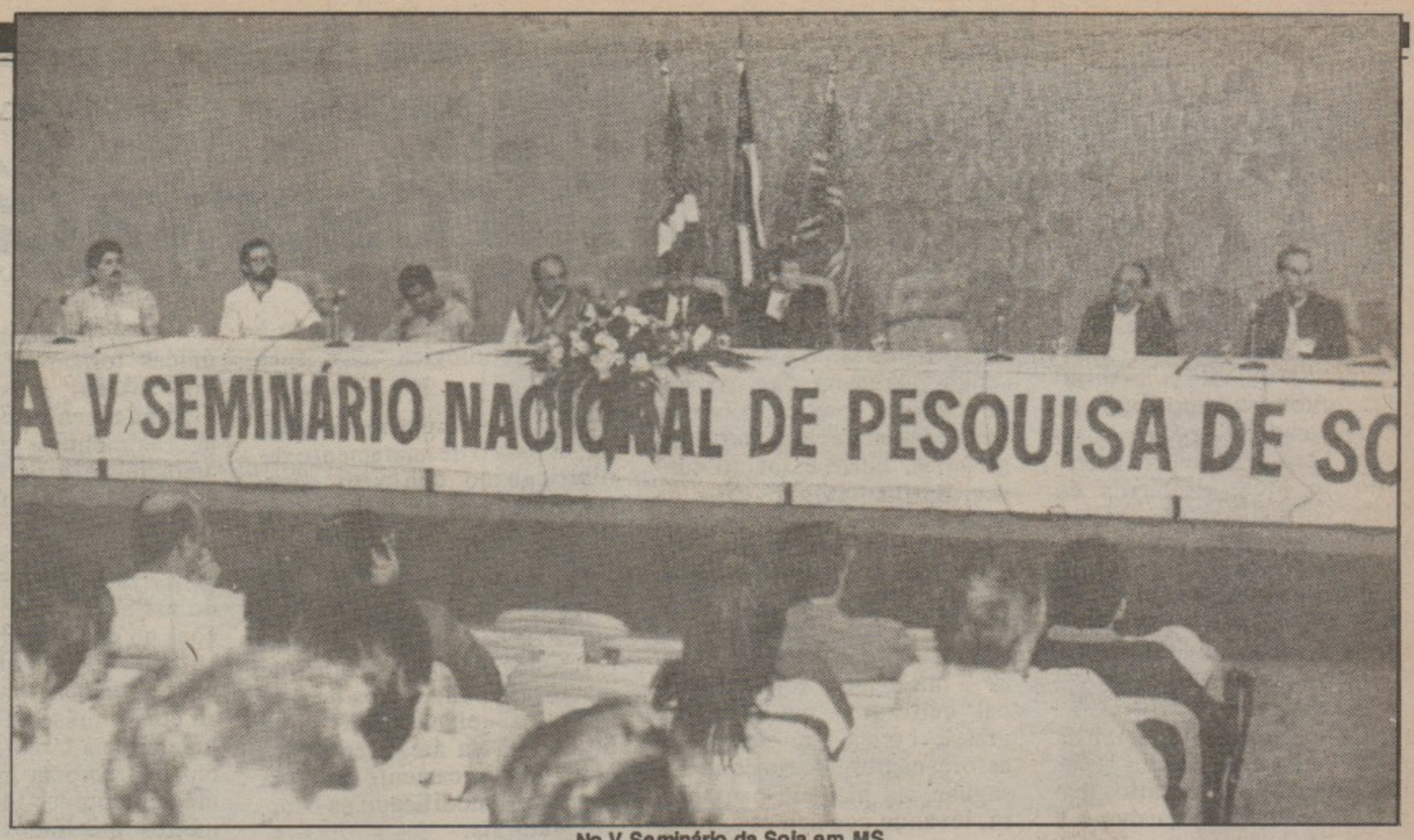
Herbicida pré-emergente com amplo espectro de ação.

José Ubirajara

A Embrapa, através do seu Centro Nacional de Pesquisa de Soja, promoveu de 18 a 22 de setembro em Campo Grande, o V Seminário Nacional de Pesquisa de Soja. O evento reuniu mais de 240 participantes, entre agrônomos, pesquisadores, técnicos, extensionistas e de outros segmentos ligados à cultura, e teve como finalidade debater vários assuntos que envolvem a soja.

Para o presidente da Comissão Organizadora, José Ubirajara Garcia Fontoura, chefe da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual — Uepae de Dourados, o seminário cumpriu seus objetivos pois permitiu uma efetiva integração entre pesquisadores, extensão rural, produtores rurais e empresários, ressaltando que além das palestras que abordaram assuntos correlatos à soja, também foram apresentados cerca de 50 trabalhos de pesquisas sobre a oleaginosa.

Um dos aspectos mais positivos desse encontro, continua ele, foi permitir que pesquisadores, o principal público do seminário, na maioria das vezes restritos ao seu campo de trabalho, tivessem acesso a outras informações sobre a cultura da soja, como a questão do crédito rural e do mercado internacional. Desta forma, finaliza Ubirajara Fontoura, o V Seminário Nacional de Pesquisa de Soja proporcionou um amplo debate sobre os principais aspectos que envolvem a cultura e permitiu um significativo aproveitamento para todos que dele participaram.



No V Seminário da Soja em MS
A presença de cerca 240 participantes entre pesquisadores, técnicos e agricultores

V Seminário Nacional de Pesquisa da Soja

Perspectivas do mercado internacional

O analista de mercado Argemiro Luis Brum participou do V Seminário Nacional de Pesquisa de Soja e fez uma análise sobre a conjuntura do mercado internacional da oleaginosa e suas perspectivas para o futuro. Segundo ele, o mercado internacional vem passando desde 1985 por uma reestruturação importante e não pode haver um contínuo aumento na produção sem fazer-se uma análise profunda dos fatores que influem no mercado, sobretudo quando se fala de grão e farelo, nossos principais produtos do complexo soja destinados à exportação.

Atualmente 85 por cento da produção de soja está concentrada em quatro países: Estados Unidos, Brasil, Argentina e China, mas há dez anos estes detinham 93 por cento da produção mundial, o que significa que novos países entraram no mercado e entre esses destaca-se a crescente produção da Comunidade Econômica Européia, que ainda hoje é a principal compradora da soja brasileira. Argemiro Brum ressalta, entretanto, que a Europa tem importado cada vez mais a soja em grão pois possui um parque industrial habilitado para a trituração, competindo desta forma com o óleo brasileiro e diminuindo a importação de farelo, que nos dois últimos anos reduziu em dois milhões de toneladas.

Ele destacou ainda a expansão da oleaginosa na Argentina, que nos últimos anos dobrou sua produção e para a próxima safra estima colher 14 milhões de toneladas. Essa produção juntamente com a americana, a brasileira e a de outros países deverá totalizar no próximo ano, 111 milhões de toneladas, um recorde absoluto da história mundial. Essa supersafra, se confirmada, vai aviltar a oferta e impossibilitar preços elevados para o grão como no ano passado quando os preços dispararam devido a quebra na lavoura americana.

O FIM DO SUBSÍDIOS

O analista de mercado abordou também um assunto desconhecido de muitos, mas que poderá influir decisivamente na produção sojicultora do país. Trata-se do GATT, que reúne os principais países do mundo e discute o término dos subsídios e a livre produção da agricultura mundial. De um lado, os Estados Unidos que defendem o fim (o Brasil tem se posicionado da mesma maneira) e de outro os países da Comunidade Econômica Européia onde a atividade é fortemente subsidiada pelo governo. Estas negociações, alerta Brum, deverão terminar no final do próximo ano e deverá ser posta em prática já a partir de janeiro de 1991. Caso prevaleça a posição americana, o futuro da soja nacional é sombrio, continua ele, pois hoje a Europa é o principal cliente do Brasil porque lá toda a produção de carne, ovos e leite — onde é consumido o farelo — é subsidiado. Com o seu término os agricultores europeus certamente vão reduzir sua produção em função dos preços que não serão mais atraentes e conseqüentemente haverá uma drástica diminuição das importações de farelo de soja.

Diante dessa perspectiva, está se processando uma verdadeira revolução tecnológica na agricultura e pecuária, sobretudo nos países importadores de soja. Brum afirma que em busca de opções para produtos importados, a Europa está investindo na biotecnologia e já tem conseguido resultados promissores nesta área. Ele cita o caso da colza, que graças ao desenvolvimento da pesquisa teve aumentado seu teor de proteínas e reduzido sua acidez. Desta forma a colza está sendo cada vez mais usada na fabricação de rações animais, ocupando o lugar antes destinado à soja. Esse processo de avanço tecnológico é irreversível, avalia o especialista, e é preciso que o produtor brasileiro esteja atento a todas essas mudanças que estão ocorrendo e que podem alterar o cenário internacional a curto e médio prazo.

Argemiro Luís Brum
A reestruturação do mercado internacional

Mais do que nunca, conclui ele, é preciso buscar mais eficiência na produção agrícola e obter maior produtividade na lavoura, pois uma seleção é inevitável e só permanecerá na atividade quem estiver preparado para enfrentar possíveis adversidades num futuro próximo.

SEMENTES FISCALIZADAS DE FEIJÃO

VARIEDADES

**** Rio Ribaji * Guateian * Maravilha * Carioca***

Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda.

Rua das Chácaras, 1513 - Fone (055) 332-2400
ramal 304 - 98700 - Ijuí/RS

V Seminário Nacional de Pesquisa da Soja

Progresso x preservação

Nilson de Barros

O divórcio entre os interesses econômicos e objetivos preservacionistas tem trazido enormes prejuízos ao ecossistema da região pantaneira. Essa a opinião do secretário de Meio Ambiente do Mato Grosso do Sul, Nilson de Barros, que durante sua palestra expôs os principais problemas que atingem atualmente o Pantanal Mato-grossense, a maior área úmida contínua do planeta.

A vocação natural da região, nos dois últimos séculos, segundo o secretário, tem sido a pecuária extensiva e a pesca. Mas recentemente o turismo e outras atividades vêm sendo incrementadas, trazendo enormes preocupações às entidades ambientalistas e ao governo. Entre essas atividades, Barros citou o caso da agricultura praticada nas áreas circundantes ao Pantanal e que têm trazido grandes prejuízos à região. Esse o maior problema do Pantanal hoje, afirma ele, porque a agricultura — que tem na soja a principal cultura — praticada em grande escala tem causado o assoreamento dos rios que desaguam na planície pantaneira, levando consigo os agrotóxicos e causando destruição à fauna ictiológica das suas águas.

O secretário alertou ainda para o desmatamento indiscriminado que vem ocorrendo na região e segundo um levantamento feito pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente, entre os anos de 1979 e 1986 foram concedidas autorizações para desmatar cerca de 245 mil hectares de matas. Isso aliado aos desmatamentos clandestinos que proliferam na área, tem reduzido dramaticamente a faixa silvestre e modificado os habitat naturais.

A pecuária é uma das únicas formas de exploração do Pantanal, pois tem convivido há cinco gerações de forma harmoniosa com o meio ambiente e a agricultura fica inviabilizada na planície pantaneira porque suas terras são de baixa fertilidade e descaracterizaria a região, resultando assim em profundas alterações no ecossistema.

Nilson de Barros reconhece que conciliar o progresso com a preservação do Pantanal é uma tarefa árdua, principalmente pela imensidão da área abrangida: 140 mil quilômetros quadrados, englobando 69 municípios nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e dois países vizinhos: Bolívia e Paraguai. O objetivo entretanto, é estabelecer-se uma política específica voltada para o desenvolvimento econômico da região pantaneira, mas que permita sobretudo a sua preservação, finaliza ele.

Só com bola de cristal

Aldemir Ferreira Ápio

Para o delegado da ABEPA — Associação Brasileira das Empresas de Planejamento Agropecuário do Distrito Federal, Aldemir Ferreira Ápio, que falou sobre crédito rural no V Seminário Nacional de Pesquisa de Soja, analisar o assunto é hoje uma das coisas mais difíceis porque não existem definições concretas a curto, médio, e longo prazo de crédito rural e nem tampouco uma política agrícola definida no país. Segundo ele, para se ter perspectivas para o futuro seria necessário uma bola de cristal, tamanha a indefinição e incerteza que permeiam a questão, e isso é apenas um reflexo de toda a política econômica do governo.

O crédito rural, afirma Ápio, estimula ou desestimula qualquer atividade agropecuária, dependendo das intenções do governo. É através do crédito rural, cujo objetivo é fomentar os investimentos no setor, fortalecer o produtor economicamente e incentivar a adoção de tecnologia, que o governo dá condições para que o produtor produza mais ou menos. Nos últimos anos, lembra ele, vem se registrando uma política de desestímulo, pois se até 1983 o governo destinava 16 bilhões de dólares para o custeio agrícola, hoje esse índice caiu para três bilhões, quantia que será destinada a financiar a safra de verão, que na realidade necessita de 24 bilhões de dólares.

Atualmente o crédito rural é insuficiente, inoportuno e inadequado, avalia o delegado da ABEPA, em função da burocracia, da falsa mentalidade de que o produtor encontra-se em boa situação financeira, da ausência de conhecimento da realidade do campo, das dificuldades econômica do país e pela falta de recursos para cobrir os custos reais do plantio.

Para que o crédito rural e o Proagro atendam realmente às necessidades dos produtores, Ápio dá algumas sugestões. No caso do crédito, ele deve ser adequado, suficiente e oportuno, as prioridades devem ser definidas a médio e longo prazo, deve haver incentivo ao uso de tecnologia, a criação de um banco específico voltado para a produção agropecuária, o reembolso de operações proporcionais aos valores contratados e a formação do crédito rotativo. Quanto ao Proagro, ele sugere o enquadramento único sobre cem por cento do VBC ou orçamento, enquadramento de empreendimentos rurais não financiados e tratamento do recurso próprio com enquadramento igual ao valor financiado.

Faltam recursos para a pesquisa

Rubens José Campo

O chefe do Centro Nacional de Pesquisa de Soja, Rubens José Campo, representante do presidente da Embrapa, Carlos Magno, fez uma avaliação do trabalho que vem sendo realizado pela entidade e afirma que a pesquisa é uma das responsáveis pela expansão das áreas de fronteira agrícola como o Centro-Oeste e o Nordeste, graças ao desenvolvimento de cultivares de soja adaptadas ao meio ambiente. Em 1980, lembrou Campo, essas duas regiões eram responsáveis por menos de 15 por cento da produção nacional da oleaginosa e atualmente já contribuem com aproximadamente 45 por cento do total produzido no país.

Em 14 anos de existência, continua, o Centro Nacional de Pesquisa de Soja da Embrapa, conseguiu gerar tecnologias no cultivo da soja, como o controle biológico da lagarta, hoje adotadas em outros países da América Latina, Central, África e Estados Unidos. Além disso foram desenvolvidas variedades mais resistentes a doenças, o que tem contribuído para a redução do uso de produtos químicos nas lavouras.

O desenvolvimento dessas tecnologias, enfatiza, tem contribuído para vencer o maior desafio: a preservação do meio ambiente, pois com a adoção de novas técnicas e cultivares resistentes, cerca de 10 milhões de litros de agrotóxicos deixaram de ser pulverizados na natureza.

Campo lembrou ainda que a pesquisa está buscando variedades apropriadas para o consumo humano, fazendo da soja uma alternativa alimentar nutritiva e econômica. Estamos buscando variedades que agradem ao paladar da população, ressalta, para serem consumidas in natura ou adicionadas aos alimentos para enriquecer a dieta.

O chefe do Centro Nacional de Pesquisa da Soja, encerrou sua palestra afirmando que faltam recursos para incrementar a pesquisa agrícola brasileira, mas não falta garra aos pesquisadores.

MAIOR PRODUTIVIDADE, SEM RISCOS.

PLUSFÓS EXTRA SQUIBB

- Aumenta a produção de carne e leite.
- Excelente aproveitamento de cálcio e fósforo.
- Bezerros e novilhas mais sadios.

NESTE VOCÊ PODE CONFIAR. FORMULAÇÃO COM A GARANTIA SQUIBB.

Belo Horizonte (031) 201-1991 • Curitiba (041) 223-8128 • Porto Alegre (0512) 42-6956 • Recife (081) 221-2651 • São Paulo (011) 241-8513

SQUIBB VETERINÁRIA

QUALIDADE SERVIÇO CONFIANÇA

Alternativa alimentar

A soja tem sido utilizada como alimento direto pelo homem desde três mil anos Antes de Cristo e na China antiga era considerada junto com o trigo, o arroz, o centeio e o milheto, um dos cinco grãos sagrados. Alguns historiadores afirmam que a soja foi responsável pela sobrevivência da nação chinesa, uma vez que representava importante fonte de proteína. Para as civilizações orientais a oleaginosa sempre esteve presente na alimentação.

Atualmente o grão é cultivado em vários países ocidentais, e o Brasil é o segundo produtor mundial, com uma média nos últimos quatro anos de 18 milhões de toneladas. Considerando-se que a soja apresenta um teor de proteína em torno de 40 por cento, o país produz anualmente cerca de 7 milhões de toneladas de proteínas. Desse total, 63 por cento é destinado à exportação.

Para a pesquisadora Mercedes Panizzi, do Centro Nacional de Pesquisa de Soja, os 4,5 milhões de toneladas de proteínas que são exportados, representa quase o dobro da

Mercedes Panizzi

necessidade total anual de proteína para consumo no Brasil. Isso é um paradoxo brutal, pois ao mesmo tempo que a soja é abundante e uma alternativa econômica para o consumo humano, cerca de um terço da população brasileira vive na miséria absoluta sem consumir as calorias e proteínas disponíveis na soja.

Dentro das condições brasileiras, portanto, a soja é a alternativa alimentar de baixo custo e excelente valor nutritivo, sendo a melhor fonte de proteína vegetal e equiparando-se à proteína animal. A soja, continua Panizzi, fornece três vezes mais proteínas que os ovos, 12 vezes mais que o leite e duas vezes mais proteína que a carne e o feijão.

O sabor é o fator mais limitante à aceitação da soja, afirma a pesquisadora, mas mesmo assim o óleo de soja é o mais consumido no Brasil e a margarina tem grande aceitação. A soja já está sendo recomendada também na prevenção e tratamento de algumas doenças como a arteriosclerose, pois reduz o colesterol para o diabetes devido ao baixo teor de carboidratos e no caso da hipertensão arterial porque seu baixo teor de sódio e alto teor de potássio podem reduzir o problema.

A soja, enfatiza Mercedes Panizzi, pode ser utilizada direta ou indiretamente em vários alimentos, representando uma opção alimentar econômica para auxiliar no problema da desnutrição protéica no país. É exatamente por isso que a Embrapa tem pesquisado com afinco variedades que agradem ao paladar, mas para que haja um consumo significativo da soja, conclui a pesquisadora, é preciso divulgar suas qualidades nutricionais e maneiras de utilização.

José Humberto Guimarães

O crescimento das bolsas

José Humberto Guimarães, funcionário há 28 anos da Carteira Rural do Banco do Brasil em Uberaba foi o idealizador da Bolsa de Arrendamento naquele município. O programa deu certo e o Banco do Brasil encampou a idéia disseminando a Bolsa de Arrendamento em vários Estados do país, sobretudo onde há uma oferta acentuada de terras agricultáveis.

Em Uberaba, conta ele, havia se chegado a um dilema: crescer ou sucumbir. O município mineiro, conhecido nacionalmente pela sua atividade pecuária, tinha disponível em 86, 300 mil hectares de terras próprias para a agricultura, mas somente 60 mil eram ocupados com lavouras. O Banco do Brasil concluiu, então, que a Bolsa de Arrendamento seria a forma ideal de propiciar uma expansão na agropecuária.

Assim, já no primeiro ano de implantação da Bolsa, em 86/87, foram arrendados 17 mil hectares de terras, principalmente para o cultivo da soja. De lá para cá, revela Guimarães, a procura pelo arrendamento tem crescido sensivelmente e na próxima safra a estimativa é de que sejam arrendados 120 mil hectares para áreas de cultivo.

O objetivo da Bolsa, explica ele, é aproximar quem tem terras disponíveis de quem não tem e quer plantar, mas ressalta que o programa se destina somente aqueles que já têm tradição e estrutura na atividade agropecuária. O empreendimento não apresenta nenhum risco para arrendatários e proprietários porque tem o aval do Banco do Brasil com apoio das cooperativas, sindicatos rurais, empresas de assistência técnica e extensão rural.

O sucesso da Bolsa é comprovado pela sua expansão: nos últimos quatro meses, 93 novas Bolsas de Arrendamento foram criadas em todo país, sobretudo nas áreas de fronteira agrícola como Mato Grosso do Sul. O Brasil está descobrindo a Bolsa de Arrendamento, uma prática muito comum em países desenvolvidos da Europa e Estados Unidos, mas que paradoxalmente vinha em declínio onde há oferta abundante de terras agricultáveis como no nosso caso. Esse quadro vai se reverter, conclui Guimarães, pois a procura tem sido vertiginosa.

Na alimentação animal

Carlos Seiffert

A nutrição animal, principalmente de aves e suínos, precisa de alimentos ricos em proteínas; por isso a soja representa ainda a melhor opção tanto no Brasil quanto em outros países, para a composição de rações. A opinião é do diretor da Nutrivital, Carlos Seiffert, que em sua palestra no V Seminário Nacional de Pesquisa de Soja, abordou a questão da soja na alimentação animal.

A soja pode ser utilizada em alimentação animal na forma de farinha integral ou farelo, subproduto obtido da extração de óleo, mas para ser empregada como alimento deve sofrer a inativação dos fatores antinutritivos. Estes fatores são destruídos a partir do tratamento térmico dos grãos mas o desconhecimento dessa técnica trouxe alguns prejuízos quando, no início do cultivo da oleaginosa no país, muitos produtores utilizavam o grão diretamente na alimentação de animais domésticos.

Atualmente, diz Seiffert, existem alguns equipamentos para proceder ao tratamento térmico dos grãos, mas o processo não é tão simples, pois ao mesmo tempo que a ação do calor destrói os fatores antinutricionais, pode também diminuir o valor biológico da proteína se for empregado de maneira incorreta. Diante dessas dificuldades, o aproveitamento doméstico da soja para a alimentação animal ainda é praticamente inexpressivo nas regiões produtoras. Aliado a isso, continua ele, existem outros fatores que inibem a expansão do consumo, como o preço pago à soja pela indústria de óleo e o seu valor no mercado de exportação.

A soja, enfatiza o diretor da Nutrivital, tem sido produzida basicamente para a extração de óleo, resultando com isso uma correlação negativa entre proteína e óleo. Para contornar essa situação, ele sugere que a pesquisa desenvolva variedades com níveis mais baixos de fatores antinutricionais e selecione as de maior teor protéico, proporcionando assim, novas alternativas para a alimentação animal.

Um passo a mais na integração

Comitiva de produtores da Cotrijuí Pioneira vai a Formosa e traz na bagagem mais um projeto de integração entre as duas regiões: o de produzir com tecnologia própria em solo argentino.

Visita às lavouras: Produtores e técnicos da Cotrijuí observam o solo chaquenho. Abaixo, explicações sobre a ervilhaca nativa, leguminosa abundante na região.

Desde o início deste mês, vários produtores da região Pioneira estão avaliando formas práticas de melhor efetivar um projeto de intercâmbio econômico com a província de Formosa na Argentina. A avaliação é fruto da viagem realizada a Formosa de dois a quatro de outubro, como parte do processo de integração entre as duas regiões, já confirmado pela Declaração de Formosa, assinada pelo governador da província argentina Vicente Joga, o prefeito de Ijuí, Valdir Heck e entidades ligadas ao projeto de Retomada do Desenvolvimento-Cotrijuí, Unijuí, Câmara de Vereadores e ACI.

Formada por 40 pessoas, entre produtores, técnicos e o superintendente da Cotrijuí Pioneira, Walter Frantz, a segunda comitiva do noroeste gaúcho que esteve em Formosa, foi conhecer a agricultura daquela região, caracterizada por terras úmidas e férteis, mas com pouca tecnologia e recursos humanos. Lá estiveram em contato com o governador, pesquisadores do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária-INTA, cooperativas e com produtores da região "chaquenha", localizada ao sul de Formosa, onde são cultivados a soja, o algodão, hortigranjeiros, e em fase de implantação o milho e o sorgo.

OFERTA ARGENTINA — O novo projeto de integração ainda em estudo saiu através de uma oferta por parte dos produtores argentinos, mas viabilizado pelo governo, do arrendamento ou compra de 11 mil hectares de terra, a serem cultivados com tecnologia brasileira. Ainda por amadurecer, esta proposta teria como base de sustentação uma espécie de empresa chamada Ijuí/Formosa Agrupacion de Colaboracion Empresaria, integrada pelo Instituto Provincial de Assistência a 1ª Producion — IPAP — e pela Cotrijuí.

Para o superintendente da Cotrijuí Pioneira, Walter Frantz, essa proposta dos argentinos vem confirmar a possibilidade de um mercado comum latino-americano, a partir da produção de alimentos. E, segundo ele, está baseada numa visão mais ampla da necessidade de acompanhar a nível mundial a formação de blocos econômicos como acontece na Europa Oriental, entre países socialistas, na Ásia e na América do Norte. Dessa forma, segundo Walter Frantz, a integração, que nesse momento passa pelo repasse de tecnologia e produção e grãos no país vizinho, tem como objetivo maior a integração diplomática dos povos, a identificação cultural no desenvolvimento econômico, para a implantação efetiva de integração do Cone Sul.

A parte mais operacional desse processo de produção em campo argentino está, segundo Walter, na dependência de um reconhecimento mais específico de todos os setores envolvidos na atividade, embora como ele afirma, "os argentinos estão facilitando em muito o ingresso dos brasileiros", assim como são mínimas as dificuldades de transferência de máquinas e insumos brasileiros para a Argentina.

ACOMPANHAMENTO TÉCNICO — Todos os apectos comerciais e técnicos deste projeto já estarão sendo estudados a partir deste mês. É provável, no entanto, como salienta o gerente de produção vegetal da Pioneira, João Miguel de Souza, que antes de qualquer fechamento contratual, a Cotrijuí faça um acompanhamento mais intenso das lavouras argentinas, procurando aprofundar o conhecimento da produção desde o plantio até o melhoramento genético, e até mesmo "obter resultados sobre a introdução das nossas variedades naquela região".

Os cuidados levantados por João Miguel, vem em decorrência de fatores como a diferença de solo, que já está sendo analisado aqui na região, e que por isso dependeria de um outro tipo de manejo e do uso de outros implementos. Por outro lado, comenta o engenheiro agrônomo, "foi possível constatar novamente os trabalhos de pesquisa realizados pelo INTA, que há vários anos vem realizando experimentos sobre manejo do solo, formação de pastagens, criação de gado de corte, variedades de trigo e hortigranjeiros, entre outros. "A pesquisa argentina tem muitas informações", afirma João Miguel, lembrando que a sua carência é de recursos humanos, fato que os leva a abrirem as portas para os nossos produtores.

Primeira avaliação

Um bom negócio, mas não para arriscar sozinho, pelo menos por enquanto. Essa parece ser a idéia inicial dos produtores da Cotrijuí Pioneira que estiveram visitando propriedades "chaquenhas" em Formosa, e que foram os primeiros a ouvir a proposta dos argentinos para produzir no solo "hermano". Três deles, Valter Driemeyer, Antenor José Vione e Ivo dos Santos Oliveira, são praticamente unânimes em afirmar que a melhor saída para participar deste projeto seria através de um grupo, onde cada um entraria com um tipo de recurso, fosse capital, maquinário ou sementes.

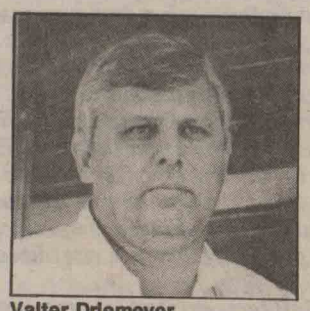
A conclusão inicial dos produtores parte da atual fase de encaminhamento do intercâmbio, em que está sendo buscado o máximo de informações a respeito da própria política agrícola argentina. Para uns, como Ivo dos Santos Oliveira, proprietário de 150 hectares em Santo Augusto, é preciso antes de tudo uma "pesquisa melhor em termos técnicos e econômicos, comercialização, transporte e a própria situação do solo".

A necessidade de ter em mãos maiores dados concretos também aparece porque, segundo os produtores, as decisões do novo governo argentino ainda estão em compasso de espera, fazendo com que o produtor de lá fique, como diz Driemeyer, proprietário de 96 hectares em Boca da Picada, Ijuí "com um pé atrás e outro na frente, mas com o freio puxado". Isso em termos mais práticos significa dizer que o produto agrícola, que vinha sendo muito taxado, tem agora a possibilidade de ser um pouco aliviado, fato que, segundo os visitantes ainda não aconteceu.

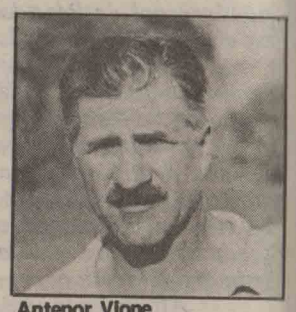
Mas se "sair de um lugar onde a política agrícola está indefinida para ir para outro de igual situação, não resolve muito", como afirma o seu Antenor Vione, proprietário de 120 hectares na localidade de Barreiro, Ijuí, por outro lado, os três concordam que em outros aspectos o negócio é "perfeitamente viável". Principalmente se o ingresso dos brasileiros se der através da aquisição da terra e não via arrendamento, já que com as porcentagens oferecidas para o segundo caso, cerca de 15 por cento para a soja, 10 para o algodão e 12 para o trigo, é possível pagar aos preços atuais do hectare, a mesma área em dois anos.

***VANTAGENS** — Há também quem vá mais longe na hora de formalizar este pagamento, sugerindo uma espécie de troca-troca com a soja brasileira. A idéia é do Ivo Oliveira, para quem o arrendamento provocaria problemas futuros para outros produtores que quisessem adquirir terras de lá, ou mesmo porque com o pagamento em produto, se evitaria a retirada de recursos do lado de cá.*

É ele também que diz estar colhendo muitos adeptos do intercâmbio econômico, desde que dentro das condições estudadas. "Tem muita gente que, em grupo, pensa comprar terra imediatamente", principalmente sabendo que ela não precisa de calcário, nem de adubo e que não existe problemas de transferência dos insumos e equipamentos brasileiros daqui para lá. Ele por exemplo, até levanta a possibilidade de adquirir uns mil hectares para, não fugindo à regra, plantar soja, milho, sorgo e quem sabe criar gado de corte.



Valter Driemeyer



Antenor Vione

Driemeyer, por sua vez, ao falar de seus planos de participação no intercâmbio com Formosa, diz que o trabalho vale a pena, principalmente se for comparado ao Mato Grosso do Norte, onde existe muita oferta de terra, a preços acessíveis, mas com necessidade de correção. O problema, no entanto, analisa o produtor, é a sua falta de capital, o que o leva a pensar no assunto caso venha a formar uma sociedade.

A partir daí, Driemeyer pensaria então em formar lavoura de soja e de milho "e quem sabe de repente até plantar algodão", arrisca o produtor que vê nas terras uma boa oportunidade para quem está interessado em adquirir uns lotes e de ocupar um espaço deixado pelos argentinos, um pouco parados com os investimentos na agricultura.

***MAIOR CONHECIMENTO** — Como os outros produtores, o seu Antenor Vione também acha que o arrendamento não vale a pena, e que no seu caso, momentaneamente não poderia dispor de recursos para entrar sozinho no projeto. Ele acha ainda que o governo argentino precisa deixar algumas regras do setor mais claras, principalmente em termos de financiamentos.*

No entanto, se a aquisição e o trabalho for feito em grupo, o produtor já se entusiasma um pouco. "Tem muita gente interessada, inclusive um cunhado que possui um bom lote de máquinas", diz Vione, ao sugerir ainda que o grupo poderia dar apenas o passo inicial utilizando as mesmas máquinas e dividindo o custo dos insumos. Depois disso, então, afirma, "cada um poderia partir para uma compra individual e tocar o trabalho adiante".

ARROZ

Ameaças à lavoura

A persistência da seca em plena época de preparo das lavouras, ameaça a cultura orizícola em Dom Pedrito. Técnicos da Cotrijuí e Emater consideram a viabilidade de outras culturas no verão. Ampliação das lavouras de soja, sorgo, milho e pastagens, é uma possibilidade.

Lavoura de arroz
Redução na área pode chegar a 70 por cento. Ao lado, Carlos Requião

Estamos na véspera do início de plantio da safra de verão, e nada está ainda definido a respeito do que, e quanto plantar, na maior parte da região da Campanha. Em Dom Pedrito, por exemplo, a indefinição é total. A seca, que continua persistindo, mantém os açudes secos e a terra ressequida nas partes mais elevadas das lavouras. As chuvas, que têm caido em partes isoladas, são logo absorvidas nas fissuras do solo, ou filtradas pelos raios solares, ficando muito pouca umidade no terreno, impossibilitando o preparo de lavoura.

Os técnicos da Emater em Dom Pedrito prevêem grandes dificuldades econômicas para o município, caso não se regularizem as chuvas no município dentro de, no máximo trinta dias. O chefe do escritório local, médico-veterinário Carlos Requião, prevê que a lavoura do arroz, a mais tradicional e produtiva, que ocupa cerca de 25 mil hectares de lavouras em Dom Pedrito, poderá ser reduzida em até 70 por cento do espaço, o que se reverterá em verdadeiro desastre.

A precipitação de chuvas no município, em 1989, é a menor dos últimos seis anos, segundo medição pluviométrica feita em aparelhos da Emater.

A MÉDIA DE PRECIPITAÇÕES

Ano de 1984: 1.890 mm
Ano de 1985: 1.500 mm
Ano de 1986: 1.538 mm
Ano de 1987: 1.586 mm
Ano de 1988: 980 mm
Ano de 1989: 758 mm

A esperança, segundo o técnico, se concentra ainda no decorrer do mês de outubro, que é o derradeiro período para preparar as lavouras. Há a necessidade de chuvas, no mínimo, em 300 milímetros, durante este mês.

O engenheiro-agrônomo Erich Oscar Groeger, responsável pela área de campo da Emater, já considera certo que haverá acentuada redução de área na cultura do arroz. Para ele, se vier a confirmar-se essa tendência, a opção dos agricultores deverá se concentrar nas culturas de soja, sorgo e milho. Essas plantas, diz ele, por não dependerem de irrigação, resistem a seca em melhor desempenho.

Quanto a rentabilidade dessas culturas, o técnico não tem dúvidas que a resposta deverá ser boa. Até aqui, dadas as condições ótimas para o plantio do arroz, os produtores consideraram o sorgo, o milho, e mesmo a soja, culturas marginais, não dispensando a elas o mesmo trato cultural dado ao arroz. Agora, em face, talvez, de um fenômeno climático, é possível que os agricultores venham a despertar para a importância econômica daquelas culturas.

Citou, como exemplo, o caso de Bagé, que é grande produtor de sorgo, com boa rentabilidade por área cultivada. E esclarece que toda a planta carece de bons tratos culturais, para responder com produtividade.

EXPECTATIVA — Para o técnico da Emater, o visual da agricultura no Rio Grande do Sul é ainda muito unitário. E a expectativa com que acena é de que se generalize mais o universo das culturas. A região da Campanha tem se estratificado muito no arroz. Mas existem outras potencialidades que precisam ser exploradas. Dentre elas, cita o trigo, a soja, o sorgo, o milho, todos eles culturas de verão como excelentes alternativas, além das pastagens, que carecem de receber maior estímulo no município.

Em anos passados Dom Pedrito já teve presença mais significativa em outras culturas. Há cinco anos, segundo uma pesquisa feita pela Central de Informações e Análises Econômicas da Secretaria da Indústria e Comércio, era bem mais diversificada a lavoura pedritense.

Em 1984, conforme aquela pesquisa, além de 25 mil hectares de arroz, foram cultivados 21.700 hectares de soja, 900 hectares de milho, 3.500 hectares de sorgo e 1.795 hectares de trigo, além de outras culturas de menor porte e valor.

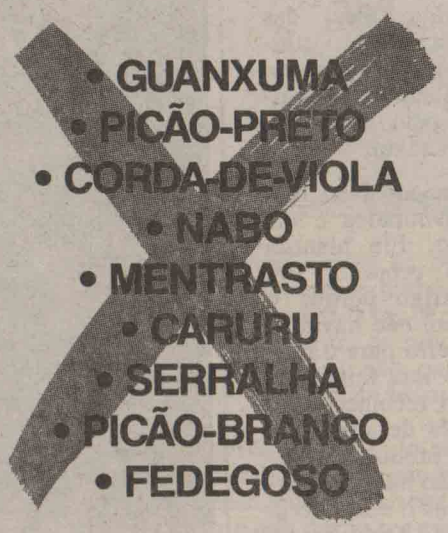
A expectativa agora, se essa tendência de seca persistir, é de que os agricultores se lancem no cultivo desses outros grãos, que num passado bem próximo deu tão bons resultados para a economia do município. Não deve ser esquecido que, ao contrário do arroz, totalmente irrigado, as demais culturas citadas não necessitam muito mais do que umidade do solo, enfatizou o técnico da Emater.

APREENSIVA — A Cotrijuí também manifesta preocupação com o estado do clima. O vice-presidente da Regional, Oscar Vicente Silva, teme pelo pior caso persista a seca. Não sabe o que os orizicultores poderão fazer se não for possível cultivar o grão. É sabido, diz ele, que em terras planas, de várzea, que são ideais para o arroz, é temerário cultivar grãos não irrigáveis. E sendo os arrozeiros, em sua maioria, arrendatários de terras de várzea, não vê como eles possam vir a plantar nesta safra.

Nossa esperança, profetiza ele, deve ser direcionada a São Pedro, para que nos dê chuva em abundância suficiente para preparar o solo e plantar, com o mínimo de certeza que vamos ter reservas suficientes para irrigar as lavouras na fase de crescimento do arroz, pois do contrário, não adianta plantar.

LEXONE®
NÃO CONTROLA LEITEIRO,

Quem vive enfrentando o picão-preto, a guanxuma, a corda-de-viola, o caruru, o mentrasto e outras ervas daninhas de folhas largas da soja precisa de LEXONE® para vencer todas as partidas. Com economia e eficiência, LEXONE® vai riscando estas invasoras da sua plantação, assegurando sempre o melhor resultado para a sua colheita. Outra jogada bastante inteligente é LEXONE® e TRIFLURAN® para você derrotar as folhas largas e também as folhas estreitas.
LEXONE® acaba com o jogo das ervas daninhas, enquanto sua soja fecha no limpo.



MAS RISCA ESTAS ERVAS DA SUA SOJA.

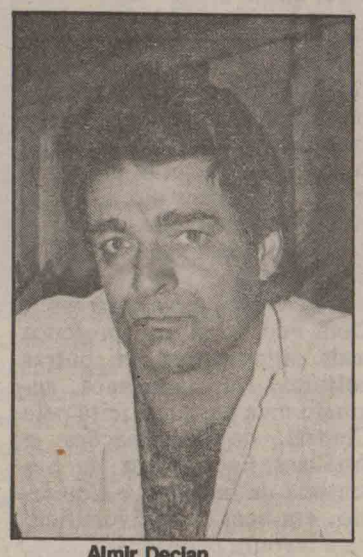
LEXONE® DUPONT

TRIGO

Prejuízos com a chuva e geada

A falta de chuva no início do plantio, o ataque da brusone e as chuvas e geadas reduziram a produtividade da lavoura de trigo no MS para 1.300 quilos por hectare

Neri Inácio
Situação difícil



Almir Decian
Bom desempenho

Foi encerrada no mês de setembro a colheita do trigo no Mato Grosso. Não fossem as adversidades climáticas essa seria uma excelente safra, apesar da redução de área que houve no Estado. Os principais problemas foram a seca no início do plantio, o que causou um atraso levando muitos produtores a plantarem fora da época recomendada, as fortes geadas ocorridas no início de junho e o excesso de chuva quando a lavoura estava quase pronta para ser colhida.

As doenças típicas do trigo como a brusone, foram insignificantes, afirma o engenheiro agrônomo Maurício Peralta, coordenador do Departamento Técnico da Cotrijuí de Dourados, município que tem a maior área cultivada na safra de inverno. A maior incidência de doenças foi em lavouras plantadas fora da época recomendada, pois essas continua ele, foram afetadas pela ferrugem. Peralta ressalta também que a longa estiagem prejudicou a cultura, pois nas áreas atingidas, a mesma lavoura desenvolveu-se de forma irregular porque o trigo germinou em períodos diferentes.

Apesar de ter sua área total diminuída com relação ao ano passado, em Dourados essa redução não se efetivou, tendo o município cultivado praticamente os mesmos 73 mil hectares da safra anterior. O que reduziu bastante foram as lavouras financiadas, diz o agrônomo, pois segundo dados do Banco do Brasil, em 88 foram financiados 59 mil hectares e este ano 45 mil. Esses financiamentos incluem recursos do Banco do Brasil local, de municípios vizinhos e da rede privada.

A produtividade média também foi prejudicada e se no início da safra era de 1.800 quilos por hectare, no final caiu para 1.300 quilos por hectare, ficando abaixo da média obtida em 88, que ficou em 1.500 quilos por hectare. Peralta lembra ainda que a produção de sementes foi muito afetada pelas excessivas chuvas e se no ano passado a cooperativa recebeu 95 mil sacos de sementes de trigo, esta safra recebeu apenas 50 mil em Dourados. Isso frustrou as estimativas que previam o recebimento de 80 mil sacos e além da diminuição quantitativa, reduziu também a qualidade da semente produzida. Como a redução foi geral, ele alerta para a provável escassez de sementes na próxima safra.

MOMENTO DIFÍCIL –

Muitos produtores que tiveram frustadas suas expectativas de comercializar com bons preços a safra de soja, apostaram no trigo como alternativa para equilibrar suas contas. Para alguns, entretanto, essa esperança não se concretizou, porque além das condições climáticas, o próprio governo não colaborou e o atraso na liberação dos financiamentos pelo Banco do Brasil, foi inevitável.

O associado Neri Inácio Eidt, de Dourados é um exemplo disso. Ele plantou com recursos próprios 100 hectares de trigo porque o Banco do Brasil não havia liberado o dinheiro para o custeio da sua lavoura feita dentro do período recomendado, ou seja, no mês de abril. Em junho, conta o produtor, o dinheiro ainda não havia chegado no banco mas o contrato já estava deferido. Tudo entretanto, corria bem e Eidt calculava que a lavoura lhe renderia aproximadamente três mil sacos de trigo. Foi aí que veio a geada e arrasou a plantação do associado. Quatro dias depois, conta ele, chegou o dinheiro no banco, só que então era tarde demais.

Sem a cobertura do Proagro, o produtor se viu numa situação difícil porque sem a produção não teve como pagar o adubo e a semente que foram adiantados pela cooperativa. Para liquidar as dívidas, prossegue, vou ter que vender uma área de terras em Ijuí e seguir em frente. Eidt diz que não pensa em abandonar a atividade, mas salienta que vai continuar porque é teimoso. A esperança dele é que a situação mude com a eleição presidencial e reclama da atual política agrícola do governo, que só tem penalizado os agricultores.

Apesar de tudo, o associado está confiante na próxima safra e decidiu plantar 322 hectares com soja, além de arroz e milho em menores quantidades, para consumo familiar. Cerca de 20 por cento da produção, calcula ele, já está comprometida no pagamento das dívidas, mas acredita que no ano que vem as coisas vão melhorar poque se não for assim a metade dos agricultores vai à falência, conclui.

Nem todos produtores, contudo, tiveram o mesmo problema e entre eles está o associado Almir Decian, também de Dourados. Ele plantou 120 hectares de trigo e 80 de aveia preta a título de experiência, e além de ter aumentado sua área de trigo (em 88 cultivou 95 hectares) teve também um aumento de produtividade. Decian colheu 5.300 sacos de trigo, o que lhe deu uma produção de 44 sacos por hectare, mas esse resultado foi obtido graças a uma série de fatores, entre eles a qualidade do solo e à tecnologia aplicada, principalmente quanto as variedades adequadas e a época de plantio.

O associado afirma que a seca atrapalhou um pouco na época do plantio e também a chuva excessiva na hora de colher. Isso acabou resultando numa diminuição do PH do trigo, mas mesmo assim, ressalta ele, foi um dos melhores anos para se ganhar dinheiro com o trigo. Embora não represente a maioria, Decian foi um dos produtores que conseguiu um bom desempenho na safra de inverno, pois além de ter obtido financiamento para o trigo em tempo hábil, também viu sua lavoura bem sucedida e com o resultado liquidar o restante das suas dívidas de custeio da safra de verão.

PELADINHO

Uma antiga opção do Alto Uruguai

Embora renda uns 500 quilos a menos do que outras variedades, o trigo peladinho continua sendo uma alternativa para os produtores de Tenente Portela que há mais de dez anos vêm comprovando as vantagens adquiridas pela sua precocidade.

Menor incidência de pragas e doenças, possibilidade de preparar a lavoura de verão mais cedo e condições do uso de baixa tecnologia. Estas são algumas das razões que contribuem para a estabilidade de produção de uma antiga variedade de trigo cultivada na região de Tenente Portela desde meados da década de 70. É o peladinho, variedade precoce chamada assim pela ausência de aristas na espiga e que, ao contrário de outras, nunca foi abandonada pelo produtor, mesmo que a sua produtividade perca em pelo menos 500 quilos para aquelas recomendadas pela pesquisa.

De origem pouco definida (as especulações indicam introdução com os imigrantes ou talvez via Uruguai), o peladinho também tem como característica um porte bem menor do que as outras variedades e por isso uma maior resistência ao acamamento provocado por temporais. A junção dessas qualidades além de outras citadas pelos produtores, levaram a variedade a ocupar até mais de 30 por cento da área de trigo cultivada na região, principalmente no início da década de 80, depois que passou a ser financiada pelo governo.

Quem lembra esta história do peladinho, é o técnico da unidade da Cotrijuí em Tenente Portela, Sergio Alberto Didoné, contando, no entanto, que aos poucos sua área foi sendo reduzida em função do surgimento de outras variedades mais produtivas. Antes disso, no entanto, acrescenta o supervisor da área de sementes na Cotrijuí Pioneira, Décio Luis Cassol, a própria Fecotrigo incluiu algumas linhagens do peladinho nos ensaios de pesquisa. Trabalho este que não chegou a avançar muito devido a falta de potencial genético, mas que colocou o peladinho como variedade recomendada especialmente para a região de Tenente Portela, que apresenta um micro clima com pouca incidência de geadas. Atualmente a variedade representa quase dois por cento do volume de semente fiscalizadas no Estado.

Peladinho
Há mais de dez anos mantendo a mesma média e ocupando as lavouras de Tenente Portela.

Gabriel Vincenzi
Fica mais fácil lidar com a palha

Soffiatti
Toda a área destinada ao peladinho

VANTAGEM DA PRECOCIDADE

Mas se a área do peladinho foi reduzida, as vantagens apregoadas pelos produtores ainda são as mesmas de anos atrás. A precocidade, por exemplo e toda uma série de outras qualidades, permite o plantio até no início de abril, e em consequência reduz os riscos de pragas e doenças, trazendo no final, uma economia significativa no uso de inseticidadas e fungicidas, e estabilizando a área nos últimos anos em 10 por cento do cultivo do trigo. Em Tenente Portela, por exemplo, onde a lavoura de inverno ainda gira em torno do trigo, a Cooperativa já está recebendo parte da produção do peladinho plantada em mil e 200 hectares, devendo fechar o recebimento em aproximadamente 180 mil sacos.

Do total de recebimento estimado pela Unidade, cerca de 100 sacos deverão ser entregues para semente, como forma de repor as várias lavouras do município. O volume de sementes só não vai ser maior, porque as chuvaradas ocorridas no início de setembro propiciaram o aparecimento do mal-do-pé, fungo de solo que ataca diretamente a raiz e compromete o ciclo evolutivo da planta. Sobre o peladinho, contudo, o mal-do-pé não fez tantos estragos no geral, já que na época da chuva o trigo se encontrava em fase adiantada de granação.

AVALISTA DA LAVOURA — A comprovação da preferência pelo peladinho ao longo dos anos é comprovada por produtores como Aquilino Bavaresco, proprietário de 25 hectares na localidade de Nossa Senhora da Saúde em Tenente Portela. Adepto da variedade há mais de dez anos, Bavaresco lembra ainda do tempo em que ela não era financiada mas chegava a ocupar, segundo ele, algo em torno de 50 por cento.

Essa ocupação significativa, de acordo com o produtor levou o Banco do Brasil a financiar a variedade, pois "viram que estavam perdendo dinheiro." Ao mesmo tempo crescia o número de variedades mais produtivas, porém, "não tão resistentes quanto o peladinho", o que fazia com que ele se tornasse um avalista da lavoura de inverno."

Iniciando o cultivo do peladinho com 10 sacos de sementes, Bavaresco destina hoje cinco hectares para a variedade de um total de 15 ocupado pelo trigo. O restante é dividido por outras culturas como a fava, já que, como explica o produtor, os preços e a instabilidade climática não permitem que "a gente arrisque tudo numa só cultura.".

Mas para manter todo ano esta área de peladinho, Bavaresco detalha bem suas razões, como a certeza de que o trigo "na maioria das vezes escapa da lagarta", pois quando começa a esquentar e a probabilidade do inseto é maior, o peladinho já está pronto para ser colhido. Além disso, o produtor também não tem registrado o aparecimento do mal-do-pé, com exceção deste ano, embora em menor quantidade do que nas outras variedades.

MÉDIA ESTÁVEL — Outro fato apontado pelo produtor é quanto a própria estabilidade produtiva do peladinho. "Em todos estes anos, o que me admira é que ele sempre manteve a mesma média, ou seja, pouco abaixo dos 30 sacos, enquanto variedades como o IAS-55, Maringá, Minuano e outras deixaram de ser cultivadas "porque não resistiram a produção". Ele está sempre presente", diz o produtor, que planta no restante da área outras variedades como o CEP-14.

Bavaresco
Ele sempre escapou da lagarta

Fazendo toda a lavoura por conta, desde 87, Bavaresco já anda calculando o que vai lhe sobrar nesta safra, feita em mútuo com a Cooperativa, e para a qual somente gastou com adubo. Até pode sobrar alguma coisa, arrisca o produtor pensando na lavoura da soja.

MENOS LAGARTEIRO — Um outro produtor também da localidade de Nossa Senhora da Saúde, Gabriel Vincenzi, vê no peladinho todas as vantagens apontadas pelo seu Bavaresco, mas acrescenta ainda as condições da palha, menos volumosa e com maior facilidade de ser incorporada ao solo. "Fica mais fácil de lidar," afirma o produtor que há dez anos vem cultivando parte da lavoura de trigo com a variedade e nesta safra destinou a ela quatro e meio hectares.

Proprietário de 22 hectares, Vincenzi também discute o nível de Ph do peladinho, contando que na sua lavoura ele até foge da média. Este ano, por exemplo, parte do trigo entregue na Cooperativa registrou um Ph de 79 por cento, enquanto no ano passado chegou a mais de 80. "Neste ano baixou por causa do excesso de chuva", analisa.

Com a lavoura de trigo feita toda por conta, Vincenzi já tem uma reserva própria de sementes, pois "os planos é de aumentar a lavoura no próximo ano", diz o produtor que qualifica o peladinho como o trigo "menos lagarteiro", que na hora em que a lagarta aparece ele já está maduro."

Mas se estes dois produtores como outros tantos de Tenente Portela creditam uma boa dose de confiança no peladinho, outros como Antônio Soffiatti vão mais fundo ao ponto de ocupar toda a área com o peladinho, opção que ele justifica primeiramente por causa da precocidade. "Ele é mais rápido e pesteia menos," explica Soffiatti lembrando ainda que vale a pena dedicar todo o espaço para o peladinho, por causa do descanso que a terra ganha até a lavoura de verão.

"Como a gente colhe até dois meses antes do que outras variedades, dá para fazer uma planta sem perda, pois a terra fica melhor para a soja, além da palha apodrecer com mais facilidade e deixar a adubação mais prática." Com metade da área destinada para semente, o produtor, que espera colher uns 30 sacos por hectare, somente tem receio de uma baixa no Ph por causa das chuvas. Isso, no entanto, não o assusta muito pois pouco tem registrado o mal-do-pé na lavoura, valorizada por ser toda ela por conta.

DIA DE CAMPO

Peixe com suínos

Duas atividades em consórcio: o peixe e o suíno. Este foi o assunto de um dia de campo na propriedade do seu Estanislau.

Peixe com suíno. Podem até nem combinar no prato, mas se acertam muito bem como atividades consorciadas dentro de uma produtividade diversificada. Quem anda envolvido com as duas atividades, não tem mais dúvidas de que, onde tem porco crescendo e engordando, também se pode criar peixe sem muito gasto. A alimentação, que peixe também precisa comer, fica por conta dos resíduos e sobras destinadas aos suínos, o que comprovadamente contribui para reduzir os custos de produção. Consorciar peixes com suínos não é novidade na região. Os resultados ninguém mais questiona e podem, inclusive, serem avaliados pelo volume de produção deste ano: 45 mil quilos de peixes de açudes. 22 mil quilos foram comercializados através da Cotrijuí.

Pois foi o assunto consórcio de peixes com suínos que levou produtores, ~~técnicos~~ da Emater, professores da Fundames/Santo Ângelo e o pessoal da Cotrijuí a um dia de campo na propriedade do seu Estanislau Przybytowicz, localizada em Povoado Santana, interior de Ijuí. O dia de campo foi coordenado pelo técnico agrícola da Cotrijuí, unidade de Ijuí, Pedro Pitol e contou ainda com as informações do veterinário Gerson Madruga.

CRESCIMENTO DA ATIVIDADE — O Pedro Pitol ficou com a parte do peixe. Destacou a importância da piscicultura na região, colocando-a como uma alternativa para a diversificação da propriedade. Falou do crescimento da atividade nestes últimos anos e do trabalho da Cotrijuí no sentido de melhorar a tecnologia empregada. SomaM-se ao trabalho da Cotrijuí na região dois programas em andamento, o da LBA, possibilitando a construção de 200 açudes e o da Secretaria da Agricultura que, através de convênio com a cooperativa, está emprestando cinco tratores de esteira aos agricultores para a construção dos açudes.

OS ASSUNTOS — O valor da consorciação, a construção de açudes, sistemas de comportas, alimentação, entre outros, foram os assuntos da conversa do técnico com os produtores. Quem lida com peixes e suínos já sabe das vantagens de duas atividades consorciadas e até pode dar alguma receita. Mas falar de construção de açude ou do melhor sistema de comportas, já é uma conversa mais demorada o que fica no entendimento do técnico com o produtor interessado.

Para construir um açude, ou o produtor aproveita uma vertende d'água ou desvia a água de algum rio de perto da casa. O açude de vertente, segundo o Pitol, é de pouca água e ainda pobre em oxigênio. Em compensação, tem a vantagem de apresentar poucos predadores. Já a água de um rio, é bem mais oxigenada, mas também é perigosa, pois, além de infestada de predadores, ainda possibilita a entrada de agrotóxicos e detritos de lavouras — argila e adubo. A argila impede a penetração dos raios solares dentro do açude, atrapalhando o desenvolvimento das fitoplantas da água. Para evitar a invasão de predadores, aconselhou o uso de tela na entrada de água.

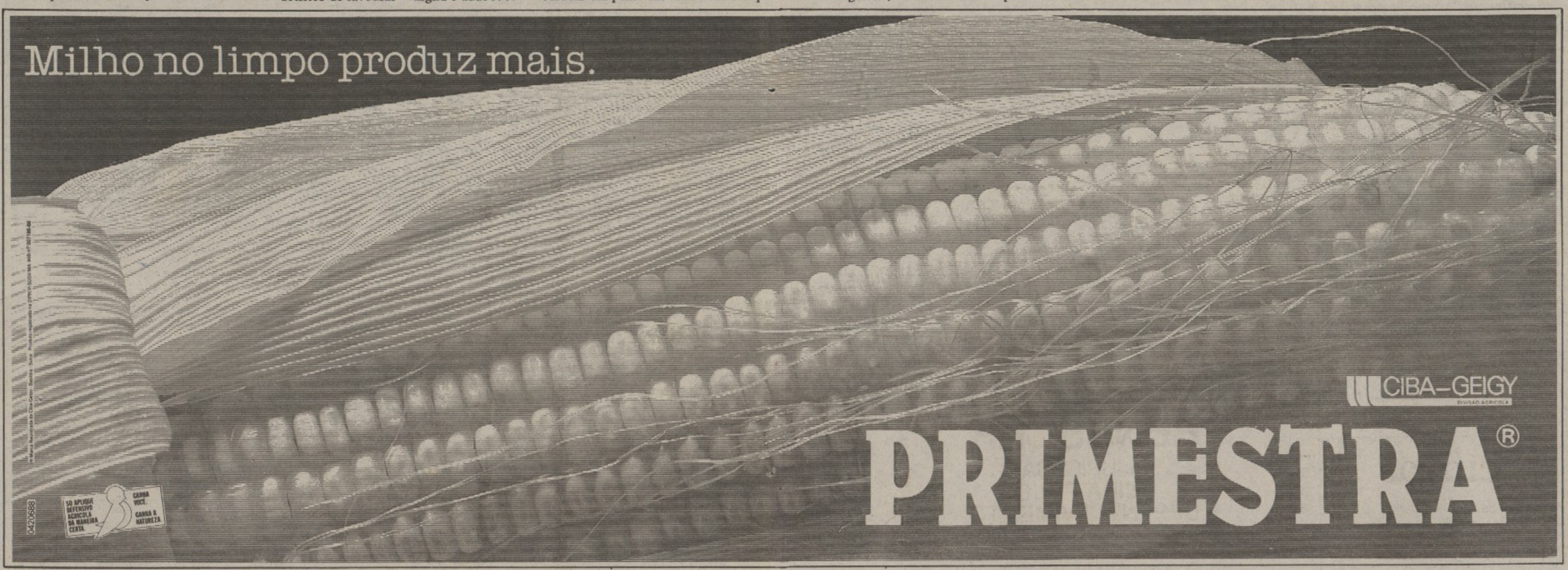
A nova comporta do antigo açude Vai permitir que a lama acumulada no fundo saia para fora do açude

LIMITAÇÕES — Dois fatores limitam a criação de peixes: a oxigenação da água e a alimentação. Em um açude rico em oxigênio, lembrou o técnico, é possível colocar um peixe em cada 3 metros quadrados da superfície de água. Em contrapartida, num açude de vertente, por exemplo, o produtor só pode colocar um peixe para cada metro quadrado de superfície de água. "Açude com boa entrada de água dá até três mil peixes por hectares", assinalou.

A construção de um açude não tem segredos, mas assim como o plantio de uma lavoura de milho ou de alfafa, exige certos cuidados. Além do revolvimento da terra, a construção das taipas e comportas, o produtor vai ter que se envolver no preparo, correção e adubação do solo — ver quadro comparativo. O pH da água também é importante e, para o caso da piscicultura, o ideal fica em torno de 7. "Quanto menor for o pH da água, alertou o Pitol, menos o peixe vai crescer".

Outro assunto que puxou muita conversa foi o das comportas. Qual o melhor sistema?, queriam saber os produtores. O ideal, foi logo dizendo o técnico, é aquele sistema que permite a saída da água do fundo do açude, "onde existe menos plânton e menos oxigênio. Este tipo de comporta possibilita ainda a saída da lama que se acumula no fundo do açude. "Uma boa comporta é aquela que facilita a despesca", receitou. Outro conselho do técnico: taipas revestidas com pedras. Elas não só vão impedir a ação dos peixes sobre o açude, como também dos ventos. "Açude com taipa de pedra, apartou o seu Estanislau, dá pouca lama e o açude não avança".

Lavoura de milho ou alfafa	**Açude/peixes**
• preparo do solo	• preparo do solo
• correção da fertilidade	• correção da fertilidade
• eliminação dos inços	• eliminação dos predadores
• uso de boa semente	• uso de bons alevinos
• adubação com NPK	• adubo com NPK e esterco
• inoculação com bactérias	• colocação de esterco na água é fundamental porque faz com que se desenvolva o fictoplancto e o zooplancton.



Manejo e mortalidade

PRODUTIVIDADE. *Esta deve ser uma das preocupações do produtor que vem investindo na suinocultura, aconselhou o veterinário da Cotrijuí, unidade de Ijuí, Gérson Madruga ao conversar com os produtores que compareceram ao dia de campo realizado na propriedade do seu Estanislau Przybytowicz. Por entender a suinocultura como uma atividade vulnerável às diferentes situações de mercado e preços, Madruga não vê outra saída senão investir em produtividade para que se possa alcançar resultados equilibrados, mesmo nas épocas de crise. "Uma produtividade baixa, num período de crise da suinocultura, só serve para aumentar ainda mais os prejuízos", alertou.*

Na intenção de mostrar que uma boa produtividade na suinocultura tem o seu valor no sentido de alcançar receitas senão superiores, mas pelo menos compatíveis com os custos de produção, é que o Madruga conversou sobre manejo e mortalidade dos leitões, traçando alguns cuidados que precisam ser considerados pelos produtores. Falou da importância do acompanhamento do nascimento dos leitões, já que, na maioria das vezes, algumas providências imediatas precisam ser tomadas para se evitar perdas.

Entre as principais providências, recomendou o corte e desinfecção do umbigo do animal; o corte dos dentes; fornecimento de calor e de água; um exame cuidadoso nos leitões aparentemente mortos; enxugamento dos animais recém nascidos e ainda orientá-los na primeira mamada. Qualquer descuido que resulte em perda, é prejuízo, avisou o veterinário. O produtor precisa considerar que, ao nascer, um leitãozinho já está custando ao seu bolso a quantia de NCz$ 62,00. Este cálculo só é válido para o caso do nascimento de 10 leitões de uma mesma porca de duas leitegadas/ano.

Peixe com suínos Para cada açude, o seu Estanislau coloca 45 suínos

ADAPTAÇÃO *— O leitãozinho recém nascido é bem desenvolvido, mas fisiologicamente se apresenta imaturo e indefeso para enfrentar uma nova fase: a do crescimento. Sem a proteção dos anticorpos, ele se torna vulnerável ao ataque de doenças infecciosas. Para evitar mortandade no nascimento, o Madruga recomendou a remoção dos líquidos fetais acumulados nas vias respiratórias, a estimulação da respiração através da compressão ritmada e suave do tórax ou então o uso de estimulantes respiratórios e a remoção da placenta, caso o animal nasça envolvido na mesma. O ideal, recomendou o veterinário, é que o parto seja acompanhado por uma pessoa treinada.*

Aconselhou ainda a aplicação de oxitocina na porca após o nascimento dos primeiros leitões; a indução do parto para que aconteça de dia. Essa indução pode ser feita através da aplicação de Prostaglandina. A vacinação contra as doenças que causam problemas reprodutivos, especialmente a parvovirose, manejo nutricional adequado das fêmeas em reprodução; temperatura em torno de 20 a 22 graus centígrados dentro da maternidade são cuidados que também evitam perdas no nascimento.

A propriedade do seu Estanislau

Criar suínos é mais fácil do que criar peixes. O suíno a gente olha todos os dias. O peixe não. A afirmação é do seu Estanislau Przybytowicz, certo de que o olho do dono também ajuda na engorda da criação. Ele conversou com os visitantes, falando um pouco sobre a piscicultura e a suinocultura. Proprietário de 31 hectares, seu Estanislau vem trabalhando com suínos há mais de 26 anos e com peixes há quase 10 anos.

Três açudes e um tanque reservatório dão suporte a piscicultura que só neste ano já rendeu ao agricultor 4,5 toneladas de peixes e que vai sendo administrada em consórcio com a suinocultura. Nos planos para este ano, a construção de mais um açude reservatório para alevinos. Entende que deixando os alevinos pegar mais peso antes de serem soltos nos açudes, pode adiantar o serviço de engorda dos peixes que são alimentados, até dezembro, apenas com o esterco que cai dos chiqueiros instalados acima dos açudes. A partir de dezembro, os peixes passam a ser alimentados com "prato limpo", à base de milho e mandioca.

Seu Estanislau Przybytowicz É mais fácil lidar com porco

Seu Estanislau não aconselhou o superpovoamento dos açudes por entender que não é a quantidade que deve contar em qualquer atividade. "Temos que pensar em qualidade", reforçou, condenando a colocação de três alevinos num açude de apenas um hectare. Outra preocupação do agricultor está relacionada com a entrada de esterco no açude. Como tem problemas de água - seus açudes são de vertentes - procura colocar em torno de 45 suínos por açude. Mas garante que num açude de boa entrada de água, é possível colocar mais animais "que a água não fica poluída".

Além das carpas, seu Estanislau trabalha com a nilótica e o pacu. Os alevinos das carpas espelho e húngara são produzidos na propriedade, em tanques especiais.

Ao mostrar o velho açude que vem sendo reformado e está ganhando uma nova comporta e revestimento com pedras, seu Estanislau falou das vantagens do produtor trabalhar dentro das normas recomendadas pelos técnicos. "Só para retirar a lama do fundo, está quase me saindo mais caro do que construir um novo", disse ele referindo-se ao antigo sistema de comportas que possibilitava a saída da água da parte superior do açude. Mas no seu caso, não houve erro. Na época em que construí o açude, esse sistema de comportas era o recomendado", destacou.

SERVIÇO...

O selo do parboilizado

Selo de garantia para o arroz parboilizado, visando proteger o consumidor de produtos considerados subalternos, é o que pretende a Associação Brasileira das Indústrias de Arroz Parboilizado (Abiap), que assinou convênio com a Fundação de Ciência e Tecnologia — Cientec, para uma avaliação das indústrias do setor.

De acordo com o presidente da Abiap, Alfredo Treichel, as empresas certificadas serão autorizadas pela Associação a utilizarem o selo de garantia do produto, que é produzido — afirma a entidade — dentro das maiores técnicas de higiene e qualidade, por processos que garantem a uniformidade do arroz pré-cozido.

Pelo convênio, a Cientec procederá a uma avaliação das indústrias sediadas no Rio Grande do Sul e emitirá laudos que as habilitará ao credenciamento junto a Abiap. Na ilustração, o selo que deverá ser gravado nas embalagens do arroz parboilizado, quando o produto for aprovado pela Cientec.

Destaque Adubos Trevo Germano Becker recebeu "A Granja do Ano"

Adubos Trevo em destaque

Em solenidade realizada durante a XII Expointer, em Esteio, a Adubos Trevo, empresa do Grupo Luxma, foi distinguida por seu desempenho no setor de adubos e corretivos nos últimos doze meses. A distinção lhe foi outorgada pela Revista A Granja, que pela quarta vez consecutiva premia a empresa gaúcha.

O troféu "A Granja do Ano" é conferido através de votação direta dos assinantes da Revista. Germano Becker, vice-presidente do Grupo Luxma (foto), recebeu o troféu das mãos do governador Pedro Simon.

COTRIEXPORT — CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

Para seguros de:

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: **Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364**

Em Porto Alegre: **Av. Júlio de Castilhos, 342 5º andar - Fone 33-50-32**

Indicações para a Lei Orgânica

Através do 7º Seminário Regional da Saúde, o setor encaminha as diretrizes para a participação popular na carta municipal.

A Lei Orgânica Municipal, a Saúde e o Meio Ambiente foram os temas do 7º Seminário Regional da Saúde realizado nos dias 18 e 19 de setembro, em Ijuí, e que contou com a participação de 19 municípios da região representados por profissionais, sindicalistas, secretários, estudantes e agricultores. Promovido pelo Centro de Saúde da Unijuí e pela Cimis, com apoio da Secretaria de Saúde e Meio Ambiente do Estado, o seminário teve como ponto inicial a discussão das constituições federal e estadual, além das propostas de melhor garantir a participação popular na elaboração e aprovação da constituinte municipal.

Aberto pelo professor da Unijuí, Jaime Callai, que fez uma explanação sobre a história da autonomia dos municípios brasileiros, o seminario teve prosseguimento com Maria Angélica Gomes, do Núcleo de Estudos em Saúde Pública da Universidade Federal de Brasília e mais Maria Ceci Misoczky, médica sanitarista que abordou a Lei Orgânica Municipal, a Saúde e o Meio Ambiente, recomendando um enfrentamento "corpo a corpo" com os parlamentares para que as decisões dessa constituinte, a exemplo de outras, não sejam tomadas de forma arbitrária.

Os alertas feitos pela médica sanitarista foram baseados no processo de elaboração da Constituição Estadual, na qual segundo Maria Ceci, a interferência popular foi prejudicada devido as dificuldades criadas por grande parte dos parlamentares que se negavam a receber as propostas das entidades. A observação e a discussão pelos segmentos populares na elaboração da Lei Municipal é fundamental, salientou Maria Ceci, mesmo em casos como o de Ijuí, onde o regimento interno foi indevidamente definido, já que a Constituição Federal determina que ele deve ser aprovado somente após o término da carta estadual.

PARTICIPAÇÃO POPULAR — No segundo dia do Seminário, as entidades representativas de várias categorias e dos usuários da saúde, reafirmaram a disposição de encaminhar as propostas à Lei Orgânica, reivindicando antes a flexibilização no prazo de encerramento da votação da Lei. A exigência, afinal, acabou sendo atendida, sendo o prazo de encerramento de apresentações de propostas prorrogado em 20 dias.

O primeiro painelista do grupo, Carlos Silva, do Conselho Regional de Nutricionistas, enfatizou a necessidade de maior pressão por parte das entidades populares, enquanto o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais — Regional da Fetag em Ijuí, Carlos Karlinski, lembrou as conquistas da categoria conseguidas com muito esforço, sendo por isso exigido, em mais esta etapa, o máximo de mobilização popular.

Liane Righi, representando o Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva, NESC, e também o Comitê Pró-Participação Popular na Constituinte, procurou definir a saúde a partir de uma visão de classe que englobe todas as reivindicações básicas do trabalhador como terra e salário justo, entre outros. Disse ainda que é preciso se assegurar a desprivatização da saúde, porque caso isso não aconteça, a própria descentralização da saúde, viabilizada pelo SUDS, pode se transformar em "um processo de reposição da mão-de-obra do capital".

RESOLUÇOES — No final do encontro os participantes aprovaram em plenária várias questões específicas que devem constar na carta municipal. Nas proposições gerais estão as seguintes determinações: todos os municípios

Seminário
Várias entidades participaram do debate. Abertura foi feita por Jaime Callai.

participantes devem organizar comitês populares para a Lei Orgânica Municipal, incluindo todos os segmentos da comunidade; estes comitês devem atuar junto às câmaras de vereadores já na elaboração do regimento interno, garantindo as formas de participação da sociedade civil organizada no processo de discussão, elaboração e promulgação da Lei Orgânica.

Constam ainda das resoluções gerais do 7º Seminário, a eleição de prioridades na área de saúde e meio ambiente e a reafirmação na Lei Orgânica, das conquistas do direito da mulher, com apoio a instalação de delegacias ou postos de atendimento especializados.

Sugestões específicas

Além das proposições gerais, o Seminário também aprovou várias propostas específicas da área da saúde que são agora encaminhadas pelo Comitê Popular junto a Câmara de Vereadores. Entre essas aparece em primeiro lugar a expressão das leis tanto da saúde como do meio ambiente em capítulo próprio, e com definição da primeira como direito de todos e dever do Estado, garantido mediante política social e econômica que vise a redução do risco de doenças e outros agravos, o acesso universal e igualitário às prestações de serviço.

Em um segundo ítem, é proposto que o direito a saúde implique nos direitos fundamentais como acesso a terra e aos meios de produção, condições dignas de trabalho, moradia, alimentação, transporte, lazer e proibição de cobrança dos usuários pela prestação de servicos de assistência, públicos ou privados.

***RECURSOS** — A autonomia na administração dos recursos é outro ponto apresentado pelo Seminário, estabelecido a partir da criação de um fundo único da saúde, obedecendo as diretrizes do SUS, após deliberação do Conselho Municipal de Saúde. Caberá ainda ao município, destinar 13 por cento do seu orçamento para o setor, como patamar mínimo e portanto, passivel de alteração decidida pelo Comitê Popular. Outro ítem dispõe sobre a formação dos Conselhos Municipais, que devem reunir serviços públicos, entidades profissionais de saúde, representantes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, de caráter deliberativo e com estatuto próprio. O Conselho deve aprovar o Plano Municipal de Saúde, fiscalizando e avaliando a sua execução segundo as diretrizes do SUS, excetuando o artigo que dispõe sobre a ordenação e formação dos recursos humanos, que ganha na Lei Municipal novo dispositivo.*

Quanto a saúde e educação, as recomendações do Seminário apontam um trabalho integrado desde a primeira série e em todos os níveis de ensino, salientando-se a educação ambiental. Também aparece a integração dos serviços de saúde com instituições de ensino profissional e superior, com finalidade de desenvolver pesquisa e cooperação técnica através de convênios ou acordos.

PROJETO RENASCER
AJURICABA UNIDA PELO DESENVOLVIMENTO
Várias decisões—dentro do PROJETO RENASCER—estão ajudando Ajuricaba a crescer.
Decida-se você também e participe.
* Microbacias, conservação e correção do solo;
* Culturas diversificadas para pequenos e mini-produtores;
* Administração rural.
Não se mude. Ajude a mudar.
PREFEITURA MUNICIPAL DE AJURICABA
ACI CONDEC CONSEPRO
Apoio:
COTRIJUI
gimic

LEITE

Poucos avanços

A reunião
Os produtores queriam correção no pagamento do leite

Produtores de leite se reuniram com a direção da CCGL para discutir a questão do prazo de pagamento. A direção decidiu adiantar 20 por cento do valor total para os 1°s dias de cada mês.

"A CCGL também é vítima da inflação". Desta forma o diretor presidente da Cooperativa Central Gaúcha de Leite, Frederico Dürr, contra-atacou a proposta dos produtores de leite da região que vinham reivindicando uma correção no pagamento do produto como forma de amenizar os prejuízos causados pela inflação. O encontro entre os produtores e a direção da Central de Leite, representada pelo seu diretor presidente e ainda pelo diretor técnico, Ernesto Krug, aconteceu no dia 21 de setembro, em Ijuí. Também presente à reunião o diretor presidente do Grupo Cotrijuí, Oswaldo Meotti.

Embora em posição de defesa, Frederico Dürr reconheceu que os produtores vêm trabalhando com prejuízo e assegurou que a Central se sente no compromisso de diminuir esse impacto causado pela inflação e agravado pelo prazo de pagamento, sempre no dia 20 do mês seguinte ao da entrega da produção. Mas descartou a possibilidade de um pagamento adiantado — para os primeiros dias do mês — ou corrigidos, como vinham propondo os produtores da região. "Para reduzir o prazo de pagamento, disse Dürr, a Central precisa encurtar os seus prazos de venda".

Metade da produção de leite entregue na Central se transforma em produto fluído. Deste total, informou Ernesto Krug, 40 por cento é comercializado à vista, representando 20 por cento sobre os 50 por cento da venda. O restante, 60 por cento, é vendido a prazo — média de 30 dias. A outra metade da produção vai para a indústria para virar derivados, mas apenas 2,5 por cento desta produção tem venda à vista. 94,8 por cento tem venda a prazo de até 45 dias. "Na verdade, reforça o diretor técnico, de venda efetiva, à vista, a Central de Leite só trabalha com 23 por cento da sua produção".

CONSEQÜÊNCIAS — Comparando a situação dos produtores com a da Central de Leite, "sofrendo as mesmas conseqüências", Dürr alertou para o perigo das decisões precipitadas. "Nós precisamos andar devagar, pois para qualquer decisão relacionada com a reivindicação dos senhores, precisamos ter fluxo de caixa", disse, pedindo mais um pouco de paciência, pois entra em jogo a vida da instituição. Anunciou medidas que a Central já vem tomando no sentido de encurtar os seus prazos de venda e colocou a antecipação de 20 por cento do pagamento total para os primeiros dias de cada mês como uma vantagem resultante dessa nova política da empresa de procurar o melhor para os produtores. Em agosto foram adiantados 20 por cento e em setembro mais 20 por cento. Os produtores associados da Cotrijuí, em vez de receberem os 20 por cento no dia 1° de cada mês, estão recebendo o pagamento integral no dia 16. Em lugar de fazer dois pagamentos, preferiu apenas um.

Para o diretor presidente da Central, esse adiantamento representa um ganho de quatro dias. "É como se a

Frederico Dürr

Central estivesse pagando toda a produção no dia 16. Cada dia antecipado é uma correção. É tudo uma questão de viabilidade prática", disse ainda mostrando-se preocupado com uma outra questão que os produtores nem começaram a sentir: a entrada de produto contrabandeado da Argentina e as importações. Segundo a Central de Leite, a necessidade de importação seria de, no máximo, 30 mil toneladas, mas o governo importou 87 mil. "Este produto, alertou, também está pressionando o mercado na porta da safra". Outra ameaça que paira sobre a produção, na entrada da safra, é a liberação do preço do leite. Disse que a Central sempre defendeu a liberação do preço do leite, mas com duas ressalvas: preço mínimo a nível de produtor e garantia de compra por parte do governo da produção excedente". Entende que essa liberação tem que acontecer na entresafra, "quando há disputa pela matéria-prima e o produtor consegue se sair bem. A liberação na porta da safra pode se transformar em calamidade para o produtor.

Mogens: o representante dos produtores

A questão da representatividade junto a Central de Leite. Este assunto já deu muito o que falar entre os produtores que reivindicavam a participação de um produtor no Conselho de Administração da Central. Na reunião do dia 21 o assunto avançou e culminou com a escolha do produtor Mogens Nielsen como representante dos produtores associados da Cotrijuí. Ele é de Ijuí e está na atividade há menos de um ano. Arrendatário de 15 hectares, Mogens vem formando aos poucos o seu plantel de gado leiteiro.

Mogens Nielsen

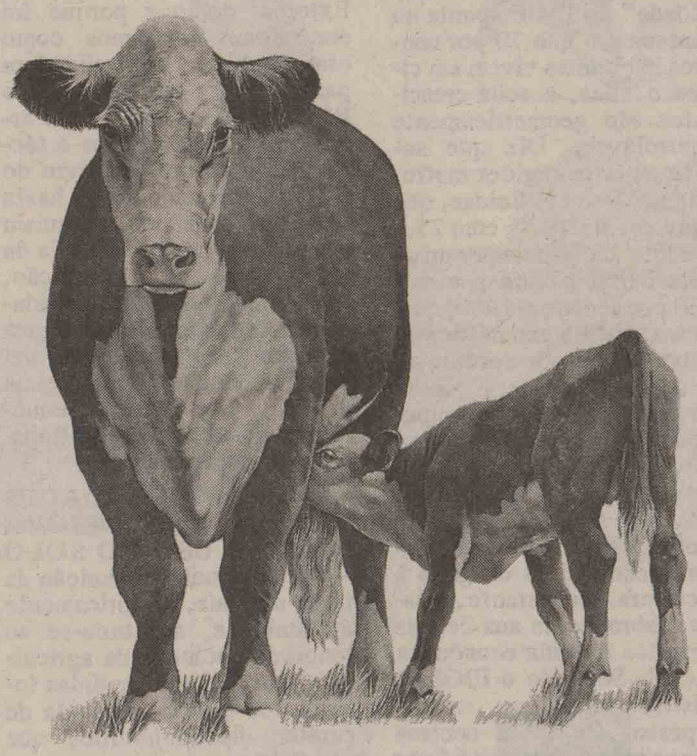
Ainda mobilizados

Uma reunião de poucos avanços. A afirmação é do produtor Arno Beck, coordenador da Comissão Regional dos Produtores de Leite ao fazer uma avaliação da reunião realizada com a direção da CCGL. "Pelo lado econômico, conseguimos muito pouco", disse ele referindo-se ao adiantamento de 20 por cento que a CCGL vem dando nos primeiros dias de cada mês seguinte ao da entrega da produção.

A disposição dos produtores de leite, mesmo entendendo a situação da Central, é de continuar atentos e mobilizados. "Entendemos o lado da indústria, que terá de enfrentar problemas com produtos contrabandeados e com preços menores e as importações autorizadas pelo governo. Mas não podemos ficar desatentos, na medida em que a inflação continua aumentando e desvalorizando nosso dinheiro". Os produtores reconhecem também, que a Central está estruturada em cima de vendas a prazo, dependendo, da entrada de dinheiro para fazer qualquer alteração nas suas formas de pagamento. Em dois meses seguidos ela conseguiu nos adiantar 20 por cento. Quem sabe nos próximos ela nos adianta mais 30"?

POLÍTICO — Os produtores não saíram de mãos vazias da reunião. Não conseguiram fazer passar a proposta de correção do pagamento, mas pelo menos conseguiram ver atendida uma antiga reivindicação da classe: o da representatividade dentro da Central. "Essa foi uma grande conquista política", disse seu Arno, entendendo que a presença de um produtor no Conselho de Administração da CCGL não só vai facilitar o diálogo como também terminar com as desconfianças em relação a indústria.

Sabe como você pode ajudar as suas matrizes a dar crias saudáveis todos os anos e produzir muito mais?



Saúde é peso. Saúde é lucro.

Incluindo um bom antiparasitário no manejo reprodutivo e alimentar. IVOMEC*.
Este antiparasitário de última geração pode ajudar a melhorar a saúde, peso e lucratividade de suas matrizes.
Use IVOMEC* antes do parto e na época da cobertura.
Confira os resultados nos gráficos.

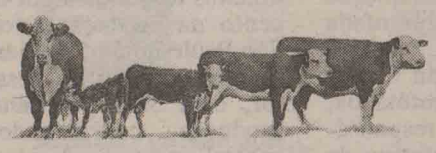
GANHO DE PESO EM NOVILHAS/103 DIAS (1)

59,2 kg IVOMEC*	41,8 kg CONTROLE	+ 17,4 kg DIFERENÇA	• Somente 1 tratamento. • Dose Utilizada: 1ml/50 kg P.V. • Animais: 58 novilhas.

PERFORMANCE REPRODUTIVA EM VACAS TRATADAS COM IVOMEC* ANTES DO PARTO - PORCENTAGEM DE PRENHEZ (2)

88% IVOMEC*	75% CONTROLE	+ 8% DIFERENÇA	• Somente 1 tratamento. • Dose Utilizada: 1ml/50 kg P.V. • Animais: 1485 vacas.

(1) Autores: Batti, A.F.; Gettimbay, G. Nenhuma reação adversa foi observada. Sem significância estatística.
(2) Autores: Holste, J.E.; Wallace, D.A.; Hudson, D.B. Nenhuma reação adversa foi observada. Sem significância estatística.
• J Vet Pharmacol Therap 7:1-16, 1984 • Vet Record 116:151-153, 1984 • dvm 16(10): 33-38, 1984 • Am J Vet Res 45: 2455-2457, 1984 • Proc 16 th Ann Con Am Assn Bov Pract, 69-71, 1984.



MSD AGVET
MERCK SHARP & DOHME
Farmacêutica e Veterinária Ltda.
Av. Brig. Faria Lima, 1815 - 2° and. - CEP 01451 - Tel. (011) 814-5266 - S. Paulo - SP

ANTIPARASITÁRIO DE ÚLTIMA GERAÇÃO
Você pode ver a diferença no seu gado.

VC-48/88

* Marca Registrada de Merck & Co. Inc., Rahway, N.J., U.S.A.

(B)A-IVC-48/88

O perfil da pobreza do país

Livro do IBGE mostra o caráter perverso do domínio da terra, lamenta o crescimento marginal das cidades e condena as desigualdades sociais que têm origem no mau uso do solo.

O Brasil, que largou o arado de aiveca, tracionado a boi, e subiu num trator para lavrar a terra; que desceu da tradicional carroça e pegou no guidão de um Fuca, arrancando à velocidade de cem quilômetros a hora, fazendo-se, ao mesmo tempo, vilão e vítima da máquina; que de um dia para outro deixou a estrada de barro para deslizar no asfalto construído a toque de caixa com dólares adiantados a juros exorbitantes, pelos próprios colonizadores, está sendo mostrado agora, de corpo inteiro, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no livro "Brasil: uma visão geográfica dos anos 80".

Escrito por uma equipe de 19 autores — todos pesquisadores do IBGE — o livro mostra as entranhas de um país que foi tirado de sua realidade a fórceps, e lançado, em louca corrida, na direção de um desenvolvimento e modernismo forçados, injusto, porque discriminador e centralizador de riqueza.

Sendo abrangente a todos os segmentos da economia, que analisa em suas variantes estruturais, é no setor primário que os autores concentram o peso maior da cobrança que fazem da ausência de medidas que, ou não foram tomadas, ou foram aplicadas erradamente. O enfoque é dos anos 80, mas as raízes da tragédia, que qualificam como a "Geografia da desigualdade," remontam aos anos 60 quando o golpe militar castrou o país em sua nacionalidade e o direcionou a um sistema de vida estilo "Made in USA", com requintes de luxo persa...

CARÁTER PERVERSO DA DISTRIBUIÇÃO DO ACESSO À TERRA — A terra — dizem os pesquisadores do IBGE — é uma das vertentes da questão agrária, que na área da produção vem, a cada dia, mais se evidenciando através dos conflitos de posse. Pelo estudo, ficou demonstrado que o Brasil depauperou-se, em vez de desenvolver-se. O Brasil que os pesquisadores do IBGE encontraram, mostra, por exemplo, que a acelerada modernização da agricultura — representada essencialmente pelo emprego maciço de maquinaria e pelo abusivo uso de agrotóxicos, foi uma das peças responsáveis pelo bloqueio efetivo da reforma agrária, pela concentração fundiária e conseqüentes aparecimentos dos sem-terras.

O outro fator determinante, e que praticamente desarticulou o que vinha sendo feito a altos custos, em prol da reforma, foi a extinção do Ministério da Reforma Agrária. O governo deu meia volta, desistiu de solucionar esse antigo problema e o quadro do campo agravou-se, sobremaneira. Hoje, é difícil prever-se as consequências. As desigualdades no campo são ainda maiores, visto que o rateio do bolo dos incentivos, inexplicavelmente — dizem os autores do estudo — é feito de maneira a privilegiar os mais improdutivos, enquanto os produtores que participam com até 62 por cento do valor da safra recebem apenas 25 por cento dos financiamentos.

Mas os latifundiários, que geram somente 38 por cento do valor total da produção, monopolizam até mais de 50 por cento do valor dos financiamentos.

INCHAÇO DAS CIDADES É CONSEQUÊNCIA DO ÊXODO VINDO DO CAMPO — A pesquisa revela que, como a agricultura e demais ocupações no campo ressentem-se desses anacronismos, o processo de urbanização nas cidades avançou a passos largos. Tão largos e imprecisos, que a maioria das administrações locais perderam o controle em relação não só aos processos urbanos mas no geral em tudo ao que tange às necessidades primárias de suas populações.

A "Geografia da Desigualdade" do IBGE aponta no levantamento que 70 por cento dos habitantes vivem em cidades e vilas, e seus crescimentos são geometricamente incontroláveis. Diz que somente as nove regiões metropolitanas assim definidas, que contavam, em 1970, com 25,6 por cento da população urbana brasileira, passaram a reunir 30 por cento em 1980, com uma taxa média geométrica de 4,4 por cento por decênio, o que é bem superior à que se refere ao crescimento populacional como um todo, na faixa de 2,5 por cento no mesmo período.

Por razões óbvias, optamos por focalizar neste artigo a questão mais chegada à agricultura. No entanto, o estudo é abrangente aos demais segmentos da vida econômica nacional. Segundo o IBGE, a indústria seguiu o mesmo compasso. Hoje, 12 centros urbanos respondem por 64 por cento da produção nacional. São Paulo detém, isoladamente, mais da metade desse valor, com 32,9 por cento da produção, comandando um centralismo econômico sem igual em qualquer parte do mundo capitalista.

E essa excessiva concentração é ainda mais acentuada em determinados setores empresariais. No caso das indústrias do complexo químico-farmacêutico ela chega aos 92,2 por cento, apenas no eixo Rio—São Paulo.

UMA NAÇÃO ESCRAVA DO TRANSPORTE SOBRE PNEUMÁTICOS — Os defensores desse Estado ultra-concentrador falam que em 25 anos (período da ditadura militar) o Brasil saiu de pouco mais de 3.000 quilômetros de estradas para mais de 100 mil quilômetros de rodovias pavimentadas. Isso é verdade. Mas ninguém fala que esse incremento rodoviário, que teve o fim de viabilizar os grandes negócios da então frágil indústria automobilística nacional, se fez em detrimento flagrante e injusto dos demais sistemas de transportes. Ou seja, em detrimento do trem e da cabotagem.

Por esse e outros problemas da mesma ordem, nosso sistema de transporte, além de ser dos mais caros do mundo, continua altamente defasado. É evidente. Um país que concentrou o grosso de sua população ao longo de uma faixa costeira de mais de 4.000 quilômetros, com uma economia de ordem primária (peso-volume) interiorizada, nunca deveria prescindir de sistemas de transportes ferroviários e sobre massa líquida, o marítimo-fluvial-lacustre.

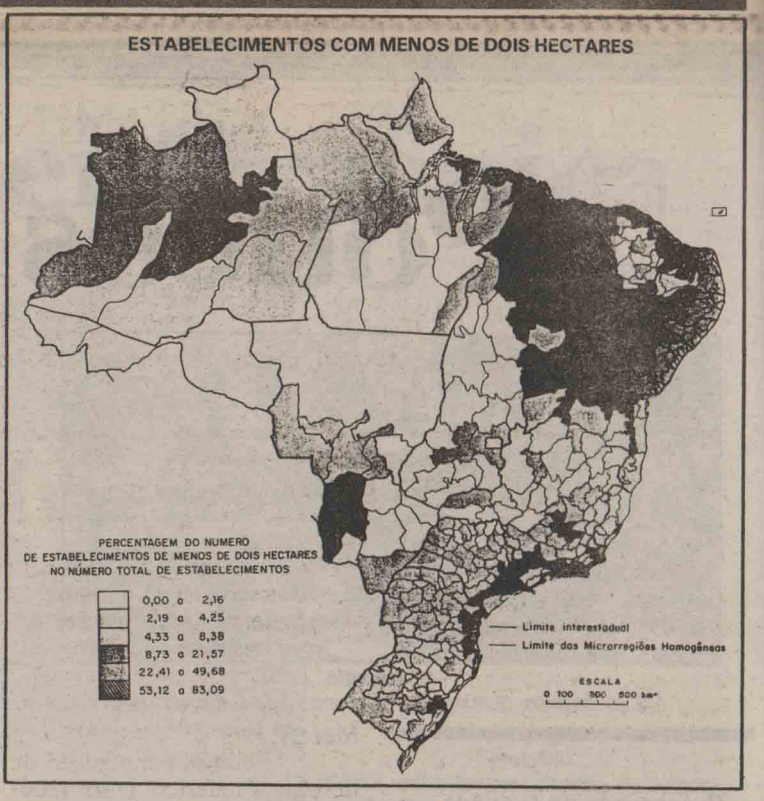
Já temos nos ocupado desse assunto. No "Cotrijornal" nº 155, de maio de 1988, no artigo intitulado Dívida Externa: como e porque foi contraída, mostramos como essa política centralizadora passou a ser um mal para o Brasil. Mas agora, e com argumentos mais sólidos e técnicos, os autores do livro do IBGE confirmam o que havia sido dito por nós. Afirmam eles que "a nova tendência de incrementar a exportação, tanto em termos de quantidade como de variedade de mercadorias, ocorreu sem um acompanhamento na mesma medida," por carência de melhor infra-estrutura (de transportes), naturalmente.

AS DESIGUALDADES SOCIAIS TÊM ORIGEM NO MAU USO DO SOLO — "A desigual distribuição da terra no país, historicamente determinada, acentuou-se ao longo da evolução da agricultura, por força de medidas tomadas de política agrícola de caráter discriminatório, que condicionavam o acesso a novas formas de riqueza àqueles que já então monopolizavam a propriedade de grandes extensões de terra."

E em seguida, enfatiza o IBGE: "Com efeito, as disparidades no perfil fundiário brasileiro traduzem-se no fato de 3/5 (três quintos) das microrregiões apresentarem a medida de concentração fundiária, índice de Gini, superior a 0,726. Tal medida, efetuada a partir de dados censitários referentes ao número de área das diferentes categorias dimensionais de estabelecimentos rurais, mostra, efetivamente, a concentração do acesso à terra, deixando entrever que a concentração da propriedade desse meio fundamental de produção deve situar-se em patamares numéricos ainda mais elevados."

Em 1980 — diz o estudo — 23 microrregiões situadas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentavam índices do Gini (diferença média) superiores a 0,900. Tudo isso é resultante de uma má política territorial e agrícola, que acabou por marginalizar grandes parcelas da população rurícola.

Hoje, o que se vê, é a pobreza deslocada do campo habitando as cidades, em verdadeiros "guetos" de miséria, num tremendo caos social. Uma das consequências imediatas do grave problema é o espaço das cidades ocupado pelas vilas marginais, a miséria explícita, a juventude abandonada, a criminalidade em seus requintes mais hediondos e a cada vez maior insegurança das pessoas. O trabalho do IBGE — sem que seja tacitamente claro — pretende chamar a atenção da sociedade em geral, para a necessidade de uma reforma drástica na estrutura fundiária do país.



ANUÁRIO AGRÍCOLA 1990
GUIA RURAL ABRIL.
PARA QUEM DÁ VALOR
A SUA TERRA.

Se você é produtor e pretende o máximo de rendimento de sua lavoura, sem prejudicar o solo, consulte o *Anuário Agrícola 1990 - Guia Rural Abril*. Você vai encontrar todas as informações de que precisa para obter bons lucros, até mesmo na entressafra. • Agora dividido por regiões • Caderno de serviços, com 2.000 endereços úteis • A maior e mais completa obra do gênero no país.

GRÁTIS! Sementes de milho verde

Guia Rural
ANUÁRIO AGRÍCOLA 1990
EDITORA ABRIL

Nas bancas

Não perca "Empório Brasil", todos os domingos às 9 h, no SBT

REFLORESTAMENTO

Recuperação das matas perdidas

Cotrijuí quer aproveitar o interesse do produtor para reverter os baixos índices de cobertura nativa

Recuperar as áreas desmatadas do município, através da distribuição de mudas de eucalipto e árvores nativas, com acompanhamento técnico sobre plantio e época adequada de corte, é uma das preocupações do departamento agrotécnico da unidade da Cotrijuí em Jóia, que começou a registrar neste ano, um crescente interesse pelo reflorestamento por parte de vários produtores. Foram comercializadas 65 mil mudas neste ano, comenta o técnico Valdemiro Ferrari, comparando a saída de apenas 15 mil no ano passado. "A comercialização só não foi maior, diz Ferrari, por causa da escassez de mudas".

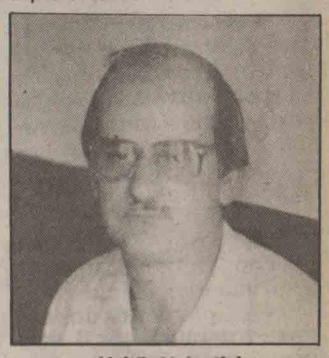
Procurando estimular a ampliação do reflorestamento em áreas como a dos projetos de microbacias hidrográficas, que por sua natureza já possuem quantidades maiores de matas do que as demais, o departamento, segundo Ferrari, quer reverter o índice de apenas 15 por cento de cobertura nativa nestes locais, além de dar uma mexida nos reduzidíssimos dois por cento apresentados na área de campo do município, os quais são responsáveis pelo processo de desertificação de quase 300 hectares.

Para alcançar este objetivo, Ferrari diz que o departamento pensa em organizar a partir do próximo ano, uma espécie de programa de reflorestamento que atenderia, além das propriedades, também escolas do município. O interesse do produtor, no entanto, é fundamental, acentua o técnico lembrando as várias propriedades que, aos poucos, vêm desenvolvendo o plantio principalmente de eucaliptos, destinados tanto a recuperação florestal como a comercialização de lenha.

Entre os produtores que já iniciaram o reflorestamento nas suas propriedades, aparece Valdir Valentini, proprietário de 30 hectares em São João Mirim. De um plantio iniciado em 87, o produtor, que possui atualmente algo em torno de cinco hectares, tem como meta reflorestar toda a área, "nem que isso leve muito tempo", assegura ele, dizendo, que embora o custo não seja somente a compra de mudas, o retorno dentro de cinco ou seis anos é garantido.

Reflorestar toda a área é ainda importante para o produtor porque, segundo ele, os valores atuais do metro cúbico da lenha que andam por volta dos 25 cruzados, faz do eucalipto uma boa alternativa de renda. "Principalmente num local como o município, onde, por enquanto, as áreas desta produção são ainda pequenas", diz Valentini.

Reflorestamento.
Interesse pelo eucalipto cresceu



Valdir Valentini

TRABALHO COM ESCOLAS – A intenção do departamento agrotécnico de Jóia em distribuir um número maior de mudas no município também atinge as escolas, partindo especialmente das três escolas pólos. Juntamente com a supervisão de ensino do município, a Cotrijuí está encaminhando o plantio de árvores nativas como Ipê e Paineiras, entre outras, totalizando cem mudas por escola. O mesmo trabalho atinge a Escola Estadual Antônio Mastela, onde a arborização foi realizada há pouco tempo.

A continuidade do trabalho com a possibilidade de efetivação de um programa organizado de reflorestamento é ainda uma questão aberta para o próximo ano. É certo, no entanto, de acordo com Ferrari que a comercialização deverá chegar às 100 mil mudas.

Para dominar o gado bravio, você precisa da força de um Elefante.

O arame farpado Elefante possui fios grossos de alta resistência.

Suas farpas, entrelaçadas por dentro e por fora do fio da cordoalha, nunca saem do lugar.

E apesar de tão robusto, mantém uma flexibilidade que facilita o trabalho.

Não é à toa que Elefante é o preferido na sua categoria. Até os animais mais pesados e inquietos respeitam a força que ele tem.

GERDAU

SIDERÚRGICA RIOGRANDENSE S.A.
Av. Borges de Medeiros, 650 - Sapucaia do Sul - RS - CEP: 93200 - TEL.: (0512) 73-1288
COMPANHIA SIDERÚRGICA DA GUANABARA - COSIGUA.
Av. João XXIII, 6.777 - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 23568 - TEL.: (021) 305-1515.
SIDERÚRGICA DO NORTE S.A.
BR 232, Km 12,7 - Recife - PE - CEP: 50791 - TEL.: (081) 251-3488.

PP 232/88

REPRESENTANTES

A posse dos novos no Mato Grosso do Sul e...

Os novos representantes do MS foram empossados no dia 18 de agosto, em reunião realizada na unidade de Maracaju.

O Conselho de Representantes foi empossado durante a reunião ocorrida em Maracaju, no dia 18 de agosto, que contou com a presença do presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, e dos Conselhos Fiscal e de Administração da Regional. Na ocasião, Nedy Rodrigues Borges agradeceu o trabalho desenvolvido pelos representantes que deixaram o posto e saudou os novos, lembrando a importância da função na vida da cooperativa.

De acordo com as mudanças do Regimento Interno, ratificados na última Assembléia, cada regional passará a ter um coordenador do Conselho de Representantes que poderá participar das reuniões dos conselheiros administrativos, mas sem direito a voto. Desta forma os 35 representantes presentes na reunião (foram eleitos 40 entre efetivos e suplentes) elegeram como coordenador o associado Realdo Cervi, de Maracaju, como secretário Jair Gregório Alves, de Rio Brilhante, como vice-coordenador Paulo Stefanello, de Dourados, e como suplentes Moci Alves Oliveira de Montese e Juventil Brignoni, de Douradina.

A eleição para o Conselho de Representantes da Cotrijuí, realizada nos dias 7 e 8 de agosto, revelou algumas surpresas quando todos os votos foram escrutinados. A começar pelo percentual de participação na Regional Mato Grosso do Sul, que foi de 54,12 por cento, o mais alto de toda cooperativa e superior ao da última eleição em 1986 quando 47,7 por cento dos associados votaram. Dos 1.951 produtores aptos (quem entregou produção na última safra), 1.056 participaram. A unidade de Bonito foi a campeã de votos: lá 80,64 por cento dos associados expressaram sua vontade através das urnas. Em Sidrolândia foi registrado o índice mais baixo. Naquela unidade a participação foi de 39,69 por cento dos aptos.

A eleição também resultou numa grande renovação do Conselho de Representantes, atingindo um patamar de 85 por cento. Apenas seis associados foram reeleitos. Esta mudança é natural, avalia o vice-presidente da Regional, Nedy Rodrigues Borges, e se o desempenho dos eleitos em 86 não correspondeu à expectativa do quadro social, isto se deve muito a falhas como falta de treinamento neste período. Esta situação vai mudar, garante ele, porque os novos representantes vão participar de cursos, encontros, treinamentos que visem equipá-los para exercer a função de acordo com as normas estabelecidas no Regimento Interno.

Juventil, o mais votado

Juventil Brignoni
Eleito com 45 votos

O associado de Douradina, Juventil Brignoni personifica com exatidão o papel que o representante deve exercer na cooperativa: participa de praticamente todas as reuniões que são convocadas (no ano passado foi o mais assíduo nos encontros) e reivindica as necessidades do quadro social que representa, tornando-se assim um perfeito elo entre cooperados e diretoria. A tarefa tem sido cumprida a contento e prova disto são os números da eleição que o consagraram como o representante mais votado em toda Regional, com 45 votos e fazendo dele um dos poucos reeleitos para mais uma gestão.

Juventil conta que ficou surpreso com a votação expressiva que conseguiu porque no posto de Douradina havia quatro candidatos na disputa. "O resultado da eleição é sinal de que estou no caminho certo" diz ele, e avalia o Conselho de Representantes como a melhor forma de participação do quadro social. É o representante junto com o conselheiro local que deve levar sugestões à diretoria, e se não fosse assim Douradina não teria as melhorias que tem hoje, como o supermercado que foi inaugurado há pouco tempo. Apesar de funcionar bem, o associado acha que os representantes eleitos deveriam participar mais da vida da cooperativa. Quem recebe voto e aceita o cargo, diz ele, tem o dever de participar.

O representante comenta que, como recebeu apoio para mais um mandato, vai continuar seu trabalho para levar melhorias ao posto e na pauta está a construção de mais duas moegas e a ampliação do secador. Estas obras, finaliza, vão aumentar o recebimento de grãos em Douradina e estimular a participação dos associados que vem crescendo gradativamente nos últimos anos.

...em Dom Pedrito

Um ato simples, que contou com a participação do presidente doGrupo Cotrijuí, Oswaldo Meotti, marcou a posse dos novos representantes de Dom Pedrito.

Em ato simples mas de muita efetividade e singular entusiasmo, foram diplomados e empossados os novos representantes eleitos da Regional de Dom Pedrito. A solenidade, que contou com a presença de toda a administração local e ainda do presidente Oswaldo Olmiro Meotti, que se deslocou de Porto Alegre especialmente para a cerimônia, realizou-se na sede da Associação dos Funcionários da Cotrijuí – Afucotri.

O representante Antonino Almeida Irigaray falou em nome dos demais representantes. Abordou a Estrutura do Poder, enfatizando o desejo dos eleitos no sentido de fortalecer a cooperativa cada vez mais, por entender que de sua força econômica e estrutural dependerá também a tranquilidade econômica dos associados e seus familiares. E mais do que isso – enfatizou. "Se fará presente a paz social de toda a comunidade onde haja cooperativa".

O vice-presidente da Regional, Oscar Vicente da Silva, ressaltou a expectativa que existe de parte da administração no trabalho dos representantes, como elementos de assessoria e consulta e assuntos de interesse geral. O presidente Oswaldo Meotti observou o perfil da Estrutura do Poder, classificando como uma abertura democrática real dentro do processo administrativo da cooperativa.

Identificou o colegiado dos representantes com o sistema legislativo do país, sendo muito claro ao afirmar que o representante não deve se preocupar com os detalhes administrativos, pois para o cumprimento desta difícil missão há uma diretoria executiva eleita com essa responsabilidade. Mas ele deve ter a visão abrangente para o todo do sistema, a política cooperativista que deve ser cultivada e aperfeiçoada.

Disse que, conforme especifica o regimento interno da Cotrijuí, na parte que fala das funções do representante, o mesmo deve ser elo de ligação entre o quadro social e a direção executiva.

LÃ

Cotação em dólar

Os novos preços da lã
Vigorando desde 1º de setembro

A Cotrijuí/Dom Pedrito está divulgando o sistema de comercialização da lã, a ser adotado na safra 89/90. Os novos preços foram aprovados pela Comissão de Produtores de lã.

Procurando aperfeiçoar cada vez mais os serviços oferecidos aos associados numa política de aproximação efetiva, produtor-coopérativa, a Cotrijuí está divulgando o sistema de comercialização da lã, a ser adotado na safra de 1989/90, na Regional Dom Pedrito.

Mas apesar do bom trabalho prestado pela cooperativa em termos de serviço, o que conta mais é quase sempre a cotação do dólar. Por essa razão a Cotrijuí entra em campo com uma boa oferta de valores na moeda norte-americana, visando atingir o recebimento de mais de um milhão de quilos do produto na safra que inicia a partir deste mês.

Os preços para liquidação estudados e aprovados pela diretoria em conjunto com a Comissão da Lã e representantes eleitos, vigorando desde 1º de setembro e indo até 31 de outubro próximo, são os seguintes:

Esses valores, que prevalecerão até o dia 31 de outubro, devem ser calculados pelo dólar cotação do dia.

TRABALHO DE ESQUILA — O Departamento Agrotécnico, juntamente com a Comissão da Lã, determinou que todo o produtor que desejar o serviço de esquila feito pela Cotrijuí, deverá fazer a programação junto ao Setor de Lãs, com antecedência mínima de dez dias. A medida tem o fim de não sobrecarregar os esquiladores e para que possam atender a todos os interessados.

O custo da esquila será diferenciado para produtores que entregaram na cooperativa, na safra de 88/89, cem por cento da produção. E a partir da contratação dos serviços de esquila, o produtor fica, automaticamente, comprometido a entregar sua produção de lã na Cotrijuí.

Todo esse valor referente ao custo da esquila e o frete do transporte, desde o estabelecimento até a cooperativa, será considerado como adiantamento de safra, com preços fixados em dólar, pela cotação oficial do dia da liquidação.

Como nos anos anteriores, haverá as modalidades preço médio e preço do dia. Preço médio: esta modalidade corresponde a um adiantamento inicial conforme tabela pré-determinada. Ela será baseada no valor do dólar pela cotação oficial diária. Após a comercialização da safra, o produtor optante terá direito à liquidação.

Preço do dia: Nesta modalidade o produtor liquida sua safra no ato da opção, pelo preço estabelecido no dia, conforme tabela fixada em dólar, pela cotação diária, ao câmbio oficial. O produtor será quitado três dias após o ato de liquidação. A decisão do produtor em relação a modalidade desejada poderá ocorrer no ato da entrega, ou em 30 dias, a contar da entrega da lã na cooperativa.

Preços para liquidação

Classe de lã	Supra	Especial	Boa	Corrente
Merina	4,38	4,12	3,64	2,97
Amerinada	3,92	3,67	3,34	2,81
Prima A	3,41	3,16	2,99	2,71
Prima B	3,03	2,84	2,73	2,53
Cruza 1	2,84	2,64	2,53	2,32
Cruza 2	2,67	2,48	2,38	2,20
Cruza 3	2,53	2,35	2,27	2,09
Cruza 4	2,53	2,34	2,25	2,06

Manch/fina	2,45	Manch/cruza	1,88
Capch/fina	1,92	Capch/cruza	1,64
Crioula	1,09	Pelego	1,71
Preta	1,25	P/queimada	1,09
Lã campo	1,19	Borrego Supra	1,95
Borrego Esp.	1,91	Borrego boa	1,80
Barriga	1,45	Pata	1,12
Garrelo Orig.	1,25	Descole	1,35
Retosa			1,92

LUBRIFICAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Rimula
O Super Óleo do seu dia-a-dia

Multiviscoso para motores Diesel turbo e aspirados

Agora você tem um óleo que facilita as partidas a frio e mantém a viscosidade adequada em qualquer temperatura ou condição de serviço, aumentando o tempo de vida do seu motor, diminuindo o número de retíficas e economizando lubrificante e combustível. A melhor maneira de se celebrar uma parceria conquistada pela consagrada linha de produtos Shell para lubrificação de máquinas agrícolas.

Rimula CT

Recomendado para motores que operem em serviços pesados, mantém o motor sempre limpo e tem aditivos especiais que combatem a oxidação, a corrosão e o desgaste. Menos oficina e muito mais produtividade.

Tellus

Especial para sistemas hidráulicos industriais e para todas as aplicações que peçam um lubrificante de alto nível de desempenho. Contém aditivos antioxidantes, antidesgaste, antiferrugem e antiespuma.

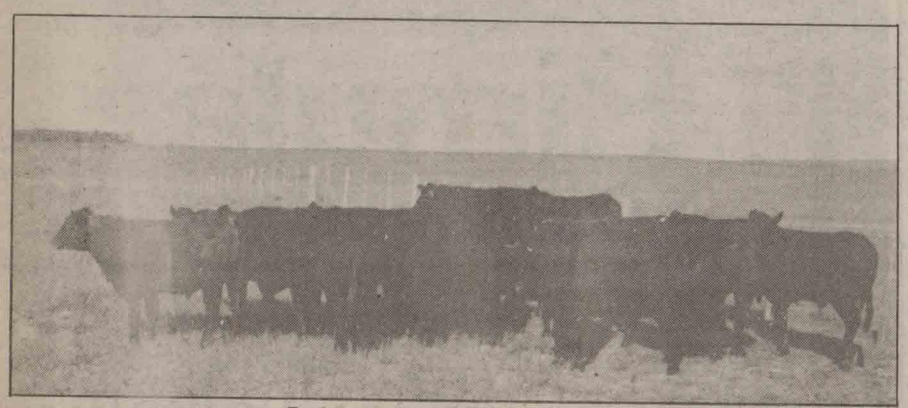
Spirax

Protegendo da umidade as engrenagens e outros componentes de eixos, é recomendado para caixas diferenciais, de redução, de câmbio, de direção e juntas universais. Excepcionalmente resistente à deterioração por uso prolongado.

Retinax

Recomendada para todos os pontos lubrificados à graxa, mantém sua estabilidade e resistência tanto em altas como em baixas temperaturas. Uma moderna fórmula de graxa para lubrificação de máquinas agrícolas.

Shell
Líder mundial em lubrificantes



Projeto de engorde de bovinos
O trabalho foi desenvolvido em cima de um lote de 25 animais

Engorde programado de bovinos

Projeto de engorde bovino executado em Dom Pedrito, por iniciativa da Emater, em conjunto com a Cotrijuí e Secretaria da Agricultura, já alcançou a soma de resultados. O trabalho foi desenvolvido em cima de um lote de 25 terneiros pertencentes a Agape Agro-Pastoril Dom Pedrito Ltda., uma empresa do Grupo Guinle, do Rio de Janeiro.

O engenheiro-agrônomo Luiz Severo, antigo técnico da Emater no município, licenciou-se da empresa para realizar o trabalho da Agape, em tempo integral. Em entrevista ao Cotrijornal, ele conta detalhes do projeto, que foi experimental, e como o desenvolveu até o estágio de terminação dos animais, com um ganho médio diário de peso de 0,72 quilogramas.

O técnico Luiz Severo desenvolveu o trabalho em três etapas, no período de onze meses. Os animais, de um só proprietário — no caso, Leonildo Pötter — foram comprados em feira de remates, com peso médio de 273 quilos. Foram colocados no pastejo, em campo melhorado, por dois meses, de 20 de outubro a 28 de dezembro, sendo transferidos para campo nativo, onde ficaram por mais seis meses. Nesse período, em vista da grande estiagem ocorrida, assim mesmo continuaram ganhando peso. De julho a setembro (dia 9), período de dois meses e oito dias, os animais foram transferidos para campo cultivado de aveia, quando alcançaram a média de 503 quilos por cabeça.

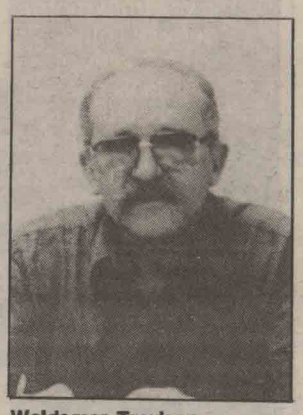
RESULTADOS FINANCEIROS — Diz Luiz Severo que os terneiros foram comprados durante a 5ª Feternape, em 20 de outubro de 1988, ao custo de NCz$ 80,00 por cabeça. Somados, custo financeiro e custeio de manutenção, chegou ao montante de NCz$ 836,00. O ganho de peso, no período, foi de 230 quilos. O valor da venda alcançou NCz$ 1.534,00, deixando uma margem líquida de 46 por cento de lucro, assegura Severo, que ainda chama a atenção para a importância de acompanhamento técnico na pecuária.

Na próxima Feternape, segundo o técnico, a Agape Agro-Pastoril Ltda. vai comprar terneiros em maior número, se os preços forem convenientes, para prosseguir com o trabalho visando melhorar cada vez mais o desempenho dos animais na balança. Para o maior êxito de seu trabalho, ele deseja continuar recebendo apoio dos colegas da Emater, Cotrijuí e Secretaria da Agricultura.

Mudança no BB em Dom Pedrito

A aposentadoria vai retirar da gerência do Banco do Brasil em Dom Pedrito, a competência, a simpatia e o cavalheirismo de Waldemar Trevisan, um gerente que vai deixar saudades. Há anos dirigindo a agência pedritense de nosso principal estabelecimento de crédito, seu Waldemar Trevisan granjeou muitas amizades não só entre os clientes do banco, mas em toda a comunidade, por seu trato sempre gentil e maneiras afáveis, que o transformaram em pessoa muito especial.

A Cotrijuí, que teve sempre em sua pessoa um profissional de primeira linha, atento às suas necessidades e de seus associados, lamenta a ausência do profissional e do amigo. Mas, ao mesmo tempo, deseja-lhe o gozo prolongado de uma aposentadoria feliz, a qual fez jus ao término de tempo de serviço prestado com dedicação e amor pelo trabalho.



Waldemar Trevisan

Os novos preços para o leite

Os novos preços para o leite, válidos a partir de 1º de outubro, tiveram um reajuste médio de 35,76 por cento. Os novos valores, autorizados pelo governo são os seguintes:

- *Leite tipo consumo ..... NCz$ 1,03*
- *Leite tipo indústria ..... NCz$ 1,02*
- *Leite excesso 1 - até 20 por cento - ..... NCz$ 0,73*
- *Leite excesso 2 - de 21 a 50 por cento - livre negociação.*
- *Leite excesso 3 - mais de 50 por cento - livre negociação*
- *Leite ácido ..... NCz$ 0,24*
- *Leite ao consumidor - ..... NCz$ 1,63*

COLUNA do LEITE

Coordenação: João Carlos Schiffer — méd. veterinário
Alaor José Daltrozo — tecnólogo em cooperativismo

LEITE EXTRA-COTA

Na última reunião do Conselho de Administração da CCGL, realizada em Porto Alegre, no dia 22 de setembro, ficou decidido que a aplicação do leite exta-cota vai acontecer a partir do mês de outubro, obedecendo a cota formada no período de março até julho. O preço a ser pago pelo leite excesso será o preço do ***leite excesso 1 para toda a quantidade que ultrapassar a cota estabelecida.*** *Os produtores sabem muito bem que, pela portaria da Sunab existem três classificações de leite excesso. O leite excesso 1 tem um preço estabelecido pela portaria, mas o 2 e o 3 ficam condicionados a livre negociação entre o produtor e a indústria.*

COTA PRÊMIO

A cota prêmio, que neste ano beneficiou 1.268 produtores associados da Cotrijuí na Regional Pioneira, teve seus valores creditados na conta corrente de cada um dos premiados no dia 11 de setembro. Todos aqueles produtores que receberam o prêmio foram comunicados via freteiro. Os critérios utilizados para o estabelecimento do cota prêmio foram os mesmos usados em 88 e foram ratificados em reunião envolvendo as cooperativas singulares e a CCGL. Mas é bem provável, e a própria CCGL já faz este alerta, de que, para o próximo ano, estes critérios sejam alterados. Aliás, novos critérios de composição da cota prêmio já deverão ser definidos nas próximas reuniões das singulares com a Central. Tão logo eles sejam definidos, o Setor de Leite da Cotrijuí estará divulgando para conhecimento dos produtores.

FINANCIAMENTO DE RESFRIADORES

A Cotrijuí, através da CCGL, iniciou o financiamento de resfriadores de leite. O programa, que visa a melhoria da qualidade do leite e vem sendo colocado em prática desde o dia 15 de setembro, está colocando à disposiçao dos produtores, resfriadores com capacidade para 200 e 300 litros de leite. Eles poderão ser adquiridos em ***sete*** *pagamentos no sistema de troca por produto.Numa primeira etapa serão atendidos os produtores que estiverem entregando uma média diária acima de 100 litros de leite. Mais tarde vão participar do programa produtores que entregaram uma produção acima de 50 litros diários em média. Os produtores interessados em adquirir os resfriadores deve procurar o departamento técnico da sua Unidade para obterem maiores informações e proceder na inscrição.*

DIA DO PAGAMENTO DO LEITE

A CCGL iniciou, a partir do mês de setembro, a antecipação de percentuais do pagamento do leite referente ao mês anterior. Como a Cotrijuí previa muitas dificuldades em transferir ao produtor pequena antecipação e, mais tarde o restante do pagamento do leite, a direção da Cooperativa, juntamente com a Comissão Regional dos Produtores de Leite optaram por antecipar em alguns dias o pagamento global do leite a seus produtores, sempre condicionando às antecipações feitas pela própria Central.

REPASSE DE TERNEIRAS

Estão sendo distribuídos na região — área de atuação da Cotrijuí 180 terneiras. Esta distribuição está sendo feita via convênio Cotrijuí/CCGL/LBA. Neste primeiro momento, estão sendo beneficiados os municípios de Vista Gaúcha, Coronel Bicaco, Chiapetta, Jóia, Augusto Pestana e Ijuí. O valor dos animais repassados é de NCz$ 500,00. O pagamento será feito via troca por produto. Ou seja: o produtor que adquirir um destes animais fará o pagamento em litro de leite. A idade dos animais distribuídos varia de seis meses a oito meses. Serão beneficiados produtores com 10 hectares de área aproveitável e uma renda líquida de até 4 salários mínimos.

Alimentação: Silagem de Aveia

Em todos os países do mundo em que se trabalha com pecuária, especialmente a leiteira, existe uma preocupação com a formação de reservas de alimentos para os períodos mais críticos na produção de forragens. É impossível continuar confiando apenas nas pastagens cultivadas ou perenes, sob o risco da atividade ficar por demais vulnerável às condições climáticas adversas.

É difícil alcançar alta produtividade em bovinocultura de leite, se não existir um armazenamento de forragens para os períodos de entresafra. Dentre as formas de armazenamento de forrageiras, o produtor pode optar pelo feno e a silagem. O feno é um processo extremamente simples que requer apenas utilização das plantas em fase adequada — floração. É constituído de um murchamento suficiente para que o produto possa ser conservado.

A ensilagem, por sua vez, merece mais cuidado. Além da construção de um silo na propriedade, o produtor tem que ter o cuidado de utilizar as plantas apropriadas no período certo. As ensilagens mais comuns utilizadas na região, têm sido a de milho e aveia.

A aveia tem se mostrado uma boa opção para a rotação de culturas, coberturas das áreas no inverno e boa produção de material para ensilagem.

Experimentos realizados no CTC têm demonstrado a boa aceitação da silagem de aveia pelos animais, ficando ainda evidenciado uma melhora no que se refere a fibra bruta — NDT — e consumo quando da adição de 10 por cento de fubá de milho à silagem no momento da compactação da silagem. Este fato comprova que é possível melhorar a qualidade e a palatabilidade da silagem de aveia com a adição do fubá de milho.

Permuta viabiliza safra de verão no MS

A Cotrijuí/MS está implantando um programa através do qual os associados terão à disposição os insumos necessários para plantar soja e milho. O pagamento será em produto.

A descapitalização do produtor rural, aliada à falta de recursos para o crédito agrícola por parte do governo federal, têm se constituído nos principais problemas porque têm passado o setor. Em função disso é tida como certa uma redução significativa na área de plantio da próxima safra de verão em Mato Grosso do Sul, sobretudo de soja, acarretando com isso enormes prejuízos não somente a quem tem na atividade sua ocupação primordial mas também para outros setores como de insumos, máquinas e ao próprio governo estadual que terá reduzida sua receita proveniente da arrecadação de impostos.

Atenta a essa conjuntura, a Cotrijuí implantou um programa aos seus cooperados através do qual o produtor vai ter à sua disposição insumos necessários para a formação da lavoura como herbicidas, fungicidas, inseticidas, sementes de soja e milho, e pagar esses produtos com a próxima safra de soja ou milho. O sistema de trocas será viabilizado em todas as localidades onde a cooperativa atua e para executá-lo a Cotrijuí destinou recursos na ordem de 25 milhões de cruzados novos.

Para o diretor de Operações e Comercialização da Regional MS, Vilmar Hendges, essa alternativa vai amenizar o problema de muitos produtores que hoje não têm condições financeiras de adquirir os insumos necessários para a próxima lavoura, mas ressalta que o programa dará prioridade aos associados que vêm operando sistematicamente com a cooperativa. A orientação que temos dado ao produtor, continua, é para que ele faça sua lavoura com recursos desse programa e também que busque complemento junto ao crédito rural, mas que evite de todas as formas, empréstimos fora da linha de crédito rural porque os juros inviabilizam a atividade agrícola.

Hendges estima que esse programa vai atender as necessidades de um grande número de associados e que evitará uma redução ainda maior na área plantada com as culturas de verão. Ele considera, entretanto, a redução inevitável e embora relute em fazer estimativas, calcula de 10 a 20 por cento a diminuição, principalmente com soja. O diretor explica também que o adubo ficou de fora do pacote porque não há financiamento a taxas de crédito rural para a sua compra. A cooperativa precisaria adquirir aproximadamente 20 mil toneladas de fertilizantes para atender seus associados, mas como o preço do insumo está muito alto e não temos como bancar a sua compra, o adubo foi excluído do programa, conclui ele.

Cooperativismo se reúne na fronteira

A Ocergs está organizando, para promover nos dias 7 e 8 de dezembro, em Santana do Livramento, o Encontro Cooperativista do Cone Sul. A pretensão é reunir na cidade fronteirista Brasil-Uruguai, cooperativas e centrais de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com co-irmãs dos países do Prata.

Conforme a pauta, já elaborada, os setores de carne, grãos, vinhos, lacticínios, lã, energia, saúde e crédito, debaterão questões de interesse do sistema, ao mesmo tempo em que procurarão abrir caminhos para um intercâmbio salutar e proveitoso tanto a nível interno como externo.

O presidente Adelar da Cunha, da Ocergs, entusiasmado e prevendo o sucesso do Encontro, acha que está na hora do cooperativismo abandonar a política predatória que tem praticado, e partir para a verdadeira solidariedade, que é, em essência, a filosofia do sistema. Nesse sentido, ele pergunta: "Se a indústria avícola e de suínos precisam de pelo menos um milhão de toneladas de milho, não seria o caso de trabalharmos em conjunto para importar o produto da Argentina em troca do trigo que não precisamos?

Ele coloca isso como ponto inicial para o incremento de negócios com a Argentina, mas sugere que as perspectivas, principalmente em termos de cooperativas, seriam enormes.

O Encontro de dezembro em Santana do Livramento deverá ser prestigiado ainda pelo governo federal através da Secretaria Nacional do Cooperativismo e pelo governo estadual através das Secretarias da Indústria e Comércio e de Assuntos Internacionais.

A nota vai sair na balança

Os produtores de trigo associados da Cotrijuí e vinculados a unidade de Ijuí vão ter, a partir desta safra de inverno, menos trabalheira na hora da entrega da produção. Não vão precisar voltar, dias mais tarde, até o escritório da Unidade de Ijuí para pegar a nota fiscal referente a carga de trigo entregue na cooperativa. Essa nota já vai sair prontinha, na própria balança de pesagem, através de um computador. "A nota, explica o diretor Financeiro e Administrativo da Cotrijuí na Regional Pioneira, Ari Zimpel, vai trazer todas as informações referentes a carga, como peso líquido, descontos de impurezas, PH — no caso do trigo —, preço, entre outras.

Como o produtor ainda desconhece a nova mecânica, pois a sistemática é nova, vai um alerta do Ari: muito cuidado com a nota entregue na balança, na hora da pesagem da carga. Ela é a própria nota fiscal, só que automatizada e que deve ser anexada ao Bloco do Produtor. Essa nova sistemática, segundo o Ari Zimpel, vai possibilitar que o produtor tenha um controle mais real e completo da sua produção entregue na cooperativa.

Por ora, esta nova sistemática vai funcionar apenas na Unidade de Ijuí. Mas o diretor Financeiro Administrativo da Pioneira acredita que, até a próxima safra de verão, as demais unidades da Regional já estejam dotadas de computador e em condições de adotar a mesma sistemática.

Remanejamento interno

Com a perda de dois de seus gerentes, Antônio Vieira dos Santos, da unidade de Santo Augusto e Antoninho Rossoni, de Tenente Portela, a Cotrijuí, Pioneira, foi obrigada a fazer alguns remanejamentos internos. A gerência da unidade de Santo Augusto está sendo ocupada pelo veterinário Antônio Weiller, que já vinha desempenhando a função de coordenador técnico na mesma Unidade. Para a gerência de Tenente Portela foi deslocado João Frantz que até então vinha gerenciando a unidade de Chiapetta. O agrônomo Eloy Pettenon, coordenador técnico da unidade de Ajuricaba, está assumindo a gerência da unidade de Chiapetta.

Agora Tudo Sob Controle.

RINITE - COLI - DISENTERIA - PNEUMONIA - SALMONELLA

DINAMAX

NOVO

Melhora a produtividade dos suínos e aumenta os lucros.

- Revolucionária Associação: Potente Antibiótico + Sulfadimidina + Furazolidona.
- Efetivo controle e prevenção das principais doenças suínas.
- Comprovado aumento no ganho de peso e excelente melhoria da conversão alimentar.
- Pode ser utilizado em reprodutores, matrizes e leitões.
- Fácil de usar - dosagem única.
- Pode ser misturado às rações fareladas e peletizadas.

DINAMAX
Tudo Sob Controle.

ENGRENAGEM

Belo Horizonte (031) 201-1991 • Curitiba (041) 223-8128 • Porto Alegre (0512) 42-6956
Recife (081) 221-2651 • São Paulo (011) 241-8513

SQUIBB VETERINÁRIA

QUALIDADE
SERVIÇO
CONFIANÇA

Estabelecimento e manejo

Jair S. de Mello

A pecuária gaúcha se caracteriza por apresentar baixos índices de produtividade, elevada taxa de mortalidade – acima de 5 por cento –, baixos índices de natalidade – 50 por cento – e um desfrute de aproximadamente 11 por cento, o que leva os animais a atingirem abate com idade de 4 a 5 anos.

Além do manejo inadequado, a carência alimentar, principalmente nos meses de inverno, também é responsável pelos baixos índices citados acima. Vários trabalhos concluem que, nos meses de inverno, os animais perdem cerca de 50 por cento do peso adquirido nos meses de verão. Essa perda poderia ser evitada ou amenizada, se o pecuarista utilizasse mais pastagens de inverno. Existem forrageiras anuais e perenes de inverno, com excelente produtividade de massa e que proporcionam ganhos de peso mesmo neste período do ano, quando as pastagens estivais não apresentam respostas.

Os campos nativos ainda predominam na nossa pecuária e são caracterizados por plantas forrageiras de baixa produtividade, com alto teor de fibras e baixa digestibilidade. As áreas semeadas com pastagens cultivadas representam menos de 10 por cento da área utilizada na bovinocultura de corte e na ovinocultura (Medeiros, 1988).

No entanto, a preocupação com a alimentação na estação quente não pode ser deixada de lado, pois apesar do campo nativo apresentar respostas satisfatórias, eles são limitados por vários fatores. Entre estes, podemos citar a composição botânica, fertilidade natural do solo, manejo empregado. Portanto, para que esses índices da pecuária possam ser melhorados, algumas alternativas de forrageamento para o verão, devem ser utilizados, como o cultivo de espécies perenes e anuais.

Com a chegada da primavera/verão, tem-se o período ideal para o estabelecimento dessas forrageiras. Entre as principais, destaca-se o pânico – **Panicum maximun J.**–, uma gramínea perene da estação quente e de hábito cespitoso. A cultivar gatton é a mais difundida no Rio Grande do Sul. O pânico se adapta melhor em solos bem drenados e com bom teor de umidade e fertilidade. O estabelecimento pode ser feito de setembro ao mês de fevereiro. A preferência para o estabelecimento, no entanto, fica para o mês de outubro, quando as condições de umidade e temperatura são mais favoráveis. É necessário fazer um bom preparo do solo, por causa do pequeno tamanho da semente. Estas não devem ser enterradas numa profundidade superior a um centímetro. Recomenda-se após a semeadura, a passagem de um rolo compactador para proporcionar um perfeito contato da semente com o solo. A densidade ideal é de 6 a 8 quilos por hectare de semente, que devem ser semeadas em linhas espaçadas de 30 a 50 centímetros. Outro aspecto importante é a adubação, a qual deve seguir as necessidades recomendadas pela análise do solo.

O MANEJO – No primeiro ano, recomenda-se a fenação e a produção de sementes. Já a partir do segundo ano da implantação, o pânico pode ser destinado ao pastoreio, observando sempre uma altura de corte aproximada de 60 centímetros e altura de resteva entre 15 a 20 centímetros. A produção de sementes em áreas sem pastoreio pode chegar até duas colheitas durante o período de verão. O rendimento médio varia de 80 a 100 quilos por hectare. Após cada corte ou pastoreio, recomenda-se uma adubação nitrogenada em cobertura. **No manejo de plantas forrageiras, dois aspectos devem ser levados em conta:**

• As práticas de manejo devem ser realizadas em função das características morfológicas e fisiológicas da planta.

• A forragem deve ser de alta qualidade como alimento para os animais (Jacques, 1976):

Dentro das várias características fisiológicas, o índice da área foliar e as reservas orgânicas possuem maior importância. O primeiro compreende a relação entre a área foliar e a área de solo ocupada, sendo que o índice da área foliar remanescente é o tecido fotossintético que permanece após o corte. A área foliar remanescente possui importância fundamental, pois o novo crescimento da forragem deverá ocorrer com o produto da fotossíntese realizada pela planta após o corte ou pastoreio. Portanto, a altura da resteva de uma planta forrageira deve apresentar uma situação de equilíbrio na relação fotossíntese-respiração, pois caso contrário, a planta fará uso das suas reservas orgânicas armazenadas, para um novo crescimento. Jacques (1976), define reservas orgânicas como aquelas substâncias orgânicas armazenadas pela planta em certos períodos, nos órgãos mais permanentes, para ser utilizado como fonte de energia ou como material estrutural.

A compreensão das características morfológicas e fisiológicas explicam as recomendações de manejo das forrageiras, pois o hábito de crescimento é diferenciado entre as várias espécies de plantas.

O HÁBITO – O pânico é uma forrageira de hábito cespitoso – ereto – e o armazenamento de reservas orgânicas ocorre na base dos colmos, consequentemente, a altura de resteva que deve ser deixada após cada corte ou pastoreio é de 15 a 20 centímetros, o que vai proporcionar à planta uma condição ideal para o rebrote e a manutenção da espécie. Quanto a altura do corte, recomenda-se cerca de 60 centímetros, quando a planta possui uma boa relação de produção de matéria seca e qualidade da forragem.

Jair S. de Mello é engenheiro agrônomo e coordenador do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí na unidade de Jóia.

BIBLIOGRAFIA

JACQUES A.V.A 1.976. Fundamentos do Manejo de Plantas Forrageiras. Dept° Fitotecnia, UFRGS. Porto Alegre RS. 21 p.

MEDEIROS, R.B. 1.988. Possibilidades Tecnológicas para uma Eficiente Produção de Bovinos de Corte Baseada em Pastagens no RS. MIRAD, Porto Alegre RS. 28 p.

MEDEIROS, R.B. (s.d). Formação e Manejo de Pastagens Para a Região do Planalto e Missões. Sec. Agricultura RS. Porto Alegre RS. 48 p.

TRATORES MASSEY-FERGUSON TRABALHAM MAIS SEM DAR TRABALHO

O produtor rural é, antes de tudo, um forte.
Tem que enfrentar a falta de chuva, o excesso de chuva, as pragas.
Tem que batalhar pelo financiamento.
E ainda esperar para que a safra tenha um preço justo.
Mas o produtor rural tem pelo menos um grande aliado nessa dura luta de todos os anos: os tratores Massey-Ferguson.
São sete modelos, quinze versões, a mais completa linha do mercado, que trabalham muito sem dar trabalho.
E a família Massey-Ferguson dando uma força para a família do campo.
Escolha o seu modelo, e conte sempre com o apoio da Massey-Ferguson e da sua rede de concessionárias.

235

51 cavalos, o mais forte da categoria. Projetado para pomares e cafezais. Transmissão de 8 marchas, uma para cada tipo de trabalho. Hidráulico que acompanha as oscilações do terreno, e, pela sua robustez, possibilita utilização de implementos mais pesados. Freio blindado em banho de óleo, que dura a vida toda do trator. E a maior autonomia: pára menos para abastecer.
Disponível nas versões, normal e estreito.

265

Transmissão de 8 marchas, que permite o melhor aproveitamento da potência do motor. Hidráulico mais resistente. Freio blindado em banho de óleo que impede a entrada de impurezas. Único na categoria com direção hidrostática original de fábrica, muito mais macia, e exclusiva tração 4x4.
Disponível nas versões 2x2 e 4x4.

275

Transmissão de 8 marchas. Hidráulico mais forte e durável. Freio blindado em banho de óleo. Maior potência na categoria, com baixo consumo. Exclusiva tração 4x4. Bloqueio automático do diferencial dianteiro, para enfrentar qualquer terreno.
Baixo custo de manutenção. Disponível nas versões 2x2 e 4x4.

290

Transmissão com 12 velocidades, a mais elástica em sua classe. Hidráulico reforçado. Freio blindado em banho de óleo, para maior proteção contra poeira, água e impurezas. E de grande durabilidade. Exclusivo ajuste automático da bitola traseira (PAVT), usando para isso a própria força do motor.
Direção hidrostática original de fábrica, que proporciona manobras mais suaves e maior conforto para o operador.
Maior produção com menor consumo. Disponível nas versões 2x2 e 4x4.

292

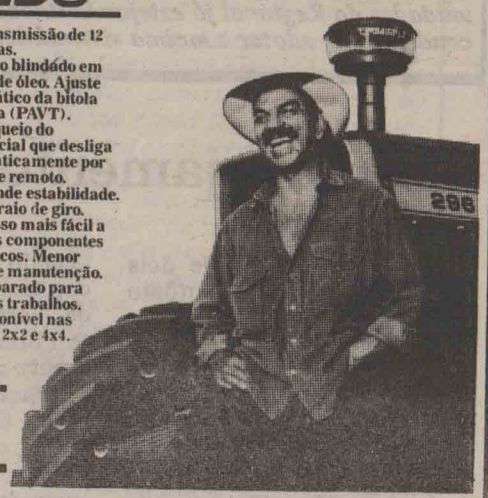
Transmissão com 12 velocidades. Hidráulico de maior capacidade de levante.
Freio blindado em banho de óleo. Ajuste automático da bitola traseira (PAVT).
Motor turbo: maior torque, proporcionando maior força de tração, com menor consumo de combustível.
Controle remoto independente, que permite conjunção de implementos: numa só passagem pode fazer duas operações.
Disponível nas versões 2x2 e 4x4.

295

Transmissão de 12 marchas.
Freio blindado em banho de óleo. Ajuste automático da bitola traseira (PAVT).
Controle remoto que permite conjunção de implementos.
Exclusivo bloqueio automático do diferencial dianteiro, que permite operação em terrenos mais difíceis.
Disponível nas versões 2x2 e 4x4.

296

Transmissão de 12 marchas.
Freio blindádo em banho de óleo. Ajuste automático da bitola traseira (PAVT).
Bloqueio do diferencial que desliga automaticamente por controle remoto.
Grande estabilidade. Menor raio de giro.
Acesso mais fácil a todos os componentes mecânicos. Menor custo de manutenção.
Preparado para grandes trabalhos.
Disponível nas versões 2x2 e 4x4.



MAXION S.A.
FABRICANTE
DOS PRODUTOS

CALENDÁRIO

HORTIGRANJEIROS

A discussão com os produtores

Discussão e aprovação das normas de produção e recebimento de hortigranjeiros. Este foi o tema central da reunião realizada no dia 28 de setembro, no auditório da Cotrijuí/Ijuí entre produtores e as diretorias Agrotécnica e de Compras e Abastecimento da cooperativa. Cerca de 40 produtores da região se fizeram presentes à reunião.

A implantação das normas aprovadas em comum acordo entre os produtores e a Cooperativa, segundo o engenheiro agrônomo João Agostinho Boaro, coordenador da Área de Olericultura da Cotrijuí na Pioneira, representa um novo passo no sentido de se consolidar o crescimento do hortigranjeiro na região. "Aumentando o seu volume de produção, o produtor vai possibilitar que a própria Cotrijuí também possa ampliar seu mercado," diz Boaro, entendendo que o estabelecimento de normas comuns a todos levará a um novo dimensionamento e escalonamento da produção com certa antecedência. "Estes fatores, fundamentais para o bom funcionamento da atividade, reforça, significam que teremos volume, frequência e qualidade na produção".

Na verdade, alerta o agrônomo, o que irá ocorrer na prática, a partir do estabelecimento destas normas, é uma espécie de seleção. Aquele produtor que já vem se especializando na atividade, até vai conseguir se adaptar mais facilmente às normas, podendo "inclusive, produzir maior volume de produto". Já o produtor eventual vai ter de tomar uma decisão. Ou se especializa e se efetiva na atividade ou então, dificilmente terá espaço na produção, "pois as normas expressam aquilo que é uma exigência para o êxito de quem produz ou quer produzir hortigranjeiros".

As normas aprovadas

- Toda a produção, para ser comercializada pela Cotrijuí, deverá ser escalonada, incluídos no caso, datas de semeadura e períodos de colheita de acordo com a capacidade de comercialização;
- Toda a produção escalonada e programada terá termo de compromisso de entrega e recebimento, assinado entre o produtor e a Cotrijuí;
- A Cotrijuí fica desobrigada de receber a produção que estiver fora da programação ou escalonamento;
- As normas também estabelecem padrões de classificação e embalagens.

COTRIEXPORT — CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

Para seguros de:

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA -
ACIDENTES PESSOAIS -
RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: **Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364**

Em Porto Alegre: **Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar - Fone 33-50-32**

O custo de usar as máquinas

Quanto custa preparar a terra, semear, tratar das plantas, combater as pagas e colher? Este é uma conta que, nestes tempos de vacas magras e uma inflação galopante, os produtores devem trazer na ponto do lápis. Na edição passada, publicamos uma tabela mostrando os custos de usar as máquinas levantadas no final do mês de agosto. A partir desta edição estaremos publicando, todos os meses, uma nova tabela atualizada. Para acompanhar as despesas de plantar, basta o agricultor fazer apenas alguns ajustes nos valores.

CUSTOS DAS OPERAÇÕES EMITIDO EM 15.09.89 — DIRETORIA AGROTÉCNICA

NUM MÁQUINA/ EQUIPAMENTO	DEPRECIAÇÃO	SEGURO	MANUT/ REP.	COMBUSTÍVEL	CUSTO H/T	CUSTO H/A	CUSTO H/E	CUSTO T/H	Ha/HORA	CUSTO/Ha
001 Trator 62 CV	7,52	0,07	5,31	3,72	16,61	0,00	0,00	16,61	0,00	0,00
002 Trator 77 CV	8,58	0,08	6,05	4,34	19,05	0,00	0,00	19,05	0,00	0,00
003 Trator 82 CV	9,57	0,08	6,75	4,96	21,37	0,00	0,00	21,37	0,00	0,00
004 Trator 95 CV	10,67	0,09	7,53	5,58	23,88	0,00	0,00	23,88	0,00	0,00
005 Trator 110 CV	12,43	0,11	8,78	7,44	28,76	0,00	0,00	28,76	0,00	0,00
006 Trator 118 CV	13,33	0,12	9,41	8,06	30,92	0,00	0,00	30,72	0,00	0,00
020 Automotriz 110 CV	64,24	0,60	48,18	8,68	0,00	121,70	0,00	121,70	0,90	135,22
021 Automotriz 123 CV	70,96	0,67	53,22	9,30	0,00	134,15	0,00	134,15	0,90	149,06
027 Arado 3 discos	1,91	0,01	0,85	0,00	0,00	0,00	2,77	24,13	0,48	50,27
028 Arado 4 discos	4,13	0,02	1,84	0,00	0,00	0,00	5,99	27,35	0,48	56,98
030 Grade aradora 18 discos	7,18	0,03	3,19	0,00	0,00	0,00	10,40	31,77	1,06	29,97
031 Grade aradora 22 discos	8,20	0,03	3,64	0,00	0,00	0,00	11,87	33,24	1,06	31,36
032 Grade niveladora 32 discos	5,09	0,02	2,26	0,00	0,00	0,00	7,37	28,74	1,59	18,08
033 Grade niveladora 36 discos	5,05	0,02	2,69	0,00	0,00	0,00	8,76	30,12	1,59	18,94
034 Subsolador — P 5 PS	1,42	0,01	0,63	0,00	0,00	0,00	2,05	23,42	0,76	30,82
035 Subsolador — T 5 Braos	2,40	0,01	1,06	0,00	0,00	0,00	3,47	24,84	0,32	77,63
036 Semeadeira adubadeira 13L	6,77	0,03	3,76	0,00	0,00	0,00	10,56	31,93	1,77	18,04
037 Semeadeira adubadeira 15L	7,40	0,03	4,11	0,00	0,00	0,00	11,54	32,90	1,77	18,59
038 Plantadeira — D 5 sulcos	9,52	0,04	5,29	0,00	0,00	0,00	14,84	36,21	0,93	38,94
039 Plantadeira — D 6 sulcos	10,64	0,04	5,91	0,00	0,00	0,00	16,59	37,95	0,93	40,81
040 Distribuidor calcário 1 T	4,37	0,02	2,43	0,00	0,00	0,00	6,81	28,18	0,93	30,30
041 Distribuidor calcário 5T	5,24	0,02	2,91	0,00	0,00	0,00	8,18	29,54	1,55	19,06
042 Terraceador B estrita 2 D	2,63	0,01	1,17	0,00	0,00	0,00	3,80	25,17	0,37	68,03
043 Terraceador B larga (TX)	4,39	0,02	1,95	0,00	0,00	0,00	6,36	27,73	0,22	126,05
044 Capinadeira mecânica 6 PS	1,46	0,01	0,65	0,00	0,00	0,00	2,11	23,48	1,24	18,94
045 Pulverizador 600 litros	3,90	0,02	1,73	0,00	0,00	0,00	5,65	27,02	1,64	16,48
046 Pulverizador 2.000 litros	8,28	0,03	3,68	0,00	0,00	0,00	12,00	33,36	1,64	20,34
047 Atomizador 400 litros	4,58	0,02	2,04	0,00	0,00	0,00	6,64	28,00	1,64	17,07
048 Carreta agrícola 6 Ton.	2,44	0,01	0,86	0,00	0,00	0,00	3,31	24,67	1,33	18,55
049 Ensiladeira	4,85	0,02	2,16	0,00	0,00	0,00	7,02	28,39	0,15	189,27

As abelhas e a produção agrícola

Onairo Sanches

As abelhas melíferas — Apis mellifera —, são insetos que, além de produzirem mel e remédios naturais, possuem função muito importante na produção de alimentos, pois com o auxílio das abelhas, é possível aumentar a produção de muitas culturas, bem como melhorar a qualidade de diversos frutos.

Muitas vezes encaramos a apicultura como atividade no sentido da produção de mel somente, sem lhe darmos o sentido maior que é o trabalho de polinização das plantas.

1. Produção direta das abelhas

***Mel** — O mel é um produto desenvolvido pelas abelhas a partir da transformação do néctar das flores e de exudatos de algumas plantas. É um alimento de alto valor nutricional e biológico produzido somente pelas abelhas, não podendo, portanto, de nenhuma forma, ter sua produção imitada pelo homem. Mesmo assim, alguns falsos apicultores vendem à população determinados produtos produzidos a partir de açúcar de cana, melado e outros com aparência de mel. Já existem análises capazes de comprovar a pureza ou adulteração do mel. Para a obtenção de um mel de qualidade é preciso, além de comprovada a origem, um trabalho consciente do apicultor na higiene, ponto de coleta e modo de extração para que o produto possa permanecer estável por mais tempo.*

***Cera** — É formada a partir de uma secreção de glândulas das abelhas. Para que elas possam produzir a cera, precisam ingerir mel em grande quantidade. Para produzirem, por exemplo, um quilo de cera laminada, elas consomem de 6 a 8 quilos de mel. Essa é uma das razões pelas quais o apicultor deve colocar lâminas de cera alveoladas na colméia. Com esse procedimento, ele estará promovendo uma rápida e também maior produção de mel.*

***Geléia real** — É uma secreção produzida pelas glândulas localizadas na cabeça das abelhas operárias. É reconhecida como bioestimulante, vitamínica e afrodisíaca.*

***Própolis** — Produto originário de resinas vegetais, mas recolhido pelas próprias abelhas que a utilizam no fechamento de frestas das colméias e também como antibiótico natural. Segundo algumas informações, a própolis pode ser utilizada como remédio natural humano no combate a infecções.*

2. Produção indireta das abelhas

A natureza é o que é hoje, com grande número de espécies vegetais, graças a ação polinizadora das abelhas, principalmente. A polinização é um ato de transferência do pólen — órgão masculino —, para o órgão feminino da flor. Muitas espécies não conseguem fazer este acasalamento por mecanismos próprios, ficando desta forma, na dependência de um agente polinizador capaz de realizar a polinização.

As abelhas têm contribuído enormemente na polinização, pois quando estão recolhendo o néctar das flores, o fazem de forma contínua numa mesma espécie, o que facilita a fecundação das mesmas. O homem não tem aproveitado todo o potencial da apicultura na polinização das espécies vegetais cultivadas, porém, tem crescido o uso de abelhas na melhoria da produção de grãos e frutos. É possível aumentar a produção de muitos produtos agrícolas com o auxílio das abelhas.

Na região de Friburgo, Santa Catarina, experimentos realizados pelo professor Helmuth Wiese, provam não ser possível produzir maçã comercialmente sem a presença de abelhas. Para realizar a pesquisa foram cobertas com tela 10 macieiras aleatoriamente e sorteadas 10 macieiras ao acaso como testemunhas. No grupo de macieiras em que as abelhas foram impedidas de visitar, a produção foi de 54 frutos, enquanto no grupo visitado pelas abelhas, a produção foi de 861 frutos. A qualidade dos frutos produzidos com auxílio das abelhas foi de melhor qualidade.

Em relação as frutas cítricas — pomar de laranjas —, o pesquisador Mauri Trevisan, de Barretos, São Paulo, colocando 10 colméias por hectare, conseguiu produções de até 36,3 por cento superiores contando com a presença de abelhas, além da produção de 38 quilos de mel por hectare nos 25 dias em que as abelhas permaneceram no pomar.

Em experimentos realizados durante 15 anos, na Austrália, onde a produção de sementes de trevo e alfafa era de 40 a 60 quilos por hectare/ano, os pesquisadores obtiveram com duas colméias por hectare, produções de até 860 quilos/hectare ano. Outros experimentos na cultura da alfafa demonstraram que ocorria um incremento na produção de sementes, com o aumento do número de colméias.

- *até uma colméia/hectare — 270 quilos/semente/ano*
- *duas colméias/hectare — 480 quilos/semente/ano*
- *de 4 a 6 colméias/hectare — 730 quilos/semente/ano*

3. Floração de algumas espécies para reflorestamento

ESSÊNCIAS FLORESTAIS E MESES DE FLORAÇÃO

ESPÉCIE	MESES DO ANO											
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Eucaliptus Alba	X	X	X	X			X	X			X	X
Eucaliptus Citriodora			X	X	X			X	X	X		
Eucaliptus Robusta		X	X	X								
Eucaliptus Tereticornis					X	X	X	X	X			
Eucaliptus Saligna			X	X	X	X	X	X	X			
Eucaliptus Viminalis										X	X	
Acácia Cavalo		X	X		X	X	X					
Angico												X
Araçá										X	X	
Amoreira							X	X				
Aroeira de Bugre										X	X	
Bracatinga							X	X				
Chá de Bugre							X	X				
Guabeju										X	X	
Guabiroba											X	
Guajuvira										X	X	
Ingá											X	X
Pau Ferro	X	X	X									X
Pitanqueira										X	X	
Tipa											X	X
Unha de Gato									X	X		
Uva do Japão										X	X	

Onairo Sanches é engenheiro agrônomo da Cotrijuí na unidade de Ijuí

COTRIJORNAL

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

Depois de 29 anos, o povo brasileiro volta às urnas para escolher o novo presidente do Brasil, numa eleição de mais de 82 milhões de eleitores e que, além do analfabeto, vai contar com a participação dos jovens de 16 anos. As famílias Guiotto, de Augusto Pestana e Weiler, de Ijuí e ainda e Cláudio de Jesus falam da importância desse primeiro voto.

O primeiro voto

Esta é uma eleição de primeiro voto para alguns milhões de brasileiros. Quem já cruzou dos 46 anos, vai poder quebrar o jejum de quase três décadas e escolher o novo presidente entre os 22 candidatos inscritos e disputando o voto de 82 milhões de eleitores. Mas além do expressivo número de candidatos, esta eleição tem também outras novidades se comparada com a última, de 1960 que elegeu Jânio Quadros com 5,6 milhões de votos para um eleitorado de 15 milhões de brasileiros. A cédula única — acabou a história de que cada partido tinha a sua cédula —, o jovem de 16 anos conquistou o direito de poder participar da escolha do novo presidente, o analfabeto está saindo do anonimato, o título eleitoral já não vale mais como documento e a eleição vai acontecer em dois turnos.

OS GUIOTTO — Entre os milhões de brasileiros que vão às urnas pela primeira vez nesta eleição presidencial, encontra-se a família Guiotto, de São Miguel, interior de Augusto Pestana. São cinco novos eleitores de uma família de sete pessoas. O Pedro de 46 anos, a dona Catarina, de 42 anos e os filhos Vanderlei, de 20 anos, Liane de 18 e o Volmir de 16 anos.

O voto, a estas alturas da campanha, já não é mais secreto lá na casa da família Guiotto. O fato do pai ter sido vereador pelo PMDB de Augusto Pestana e ainda hoje um militante do partido, teve peso na hora da escolha do candidato, embora o Pedro negue qualquer influência sobre a esposa e os filhos. Mas não esconde que um dia reuniu a familia para conversar sobre as próximas eleições. "Falei para os meus filhos sobre o meu candidato e expliquei as razões da minha escolha", se justifica, negando que tenha virado a cabeça do filho mais velho, que vinha pensando em votar num outro candidato. "Apenas procurei orientar os meus filhos para que fizessem uma boa escolha", complementa. "A decisão foi de cada um", reforça a Liane, que não abre mão de votar no mesmo candidato do pai. Administradas as contradições eleitoreiras, a família já decidiu que vai votar unida no candidato do PMDB.

Para o Pedro só existe um candidato a presidente capaz de resolver os problemas do país: Ulysses Guimarães, "um estadista de muito respeito que tem uma história para contar". O pensamento do Volmir, aluno da 7ª série da Escola José Lang, com intenções de seguir a carreira militar, a exemplo do irmão, segue na mesma linha de raciocínio do pai. Para ele o candidato do PMDB é o mais comprometido com o povo brasileiro. "Foi o único que lutou pela paz do Brasil", declara nem um pouco preocupado com a idade avançada do seu candidato. "A minha preocupação é com a competência dele".

OUTRA SITUAÇÃO — O Pedro, o único da família que parece se envolver diretamente com política, não esconde a sua expectativa em relação a próxima eleição e condena o jejum de 29 anos, período em que o povo não teve direito de escolher seu presidente. E garante, com certeza absoluta, de que, se nesse meio tempo, o povo tivesse participado da escolha dos presidentes, a situação do país seria completamente diferente. "É através do voto que o povo também pode expressar a sua opinião em relação a melhorias no país", diz ele, fazendo uma comparação

Volmir Guiotto

Elizabete Ristow

Pedro, Catarina, Liane e Sidinei Guiotto: A decisão foi tomada com antecedência e ninguém pensa em votar num candidato que não seja o da família

Werno e Lúcia Weiller: O voto continua secreto. Seu Werno pretende escolher um candidato que priorize a agricultura

do Brasil atual com o dos anos 60, "quando muito se falava em varrer o país". Reconhece que o Brasil está atolado em problemas de toda a natureza e a corrupção solta, mas entende que quem precisa acabar com a corrupção é a própria sociedade.

COMPROMISSO — Tristeza. Com esta palavra o Cláudio Luiz de Jesus, um agricultor, casado e pai de duas meninas, resume o seu sentimento pelo fato de só agora, aos 34 anos, poder participar de uma eleição presidencial. O Cláudio, a exemplo do Pedro Guiotto, também critica a atual situação do país, "resultado do descaso dos governos com o povo. Sem condições de exercer seu direito de voto por tantos anos, o povo não teve como interferir nos rumos do país. Se não foi responsável pela eleição do presidente, também não sentiu-se responsável por seus atos", observa. O voto, segundo o Cláudio, é um elo muito importante entre o eleitor e o candidato. Ele representa um compromisso futuro.

Cláudio de Jesus

Não só responsabiliza o regime militar e os partidos políticos que o sustentaram nesses anos todos como responsáveis pelo caos em que se encontra o país, como também pelo cerceamento do direito de voto. Condena o processo de politicagem que se disseminou pelo país, "por culpa de maus políticos. Fazer política é um ótimo exercício de democracia, ressalta, lamentando a falta de ideologia partidária do brasileiro, que hoje prefere votar muito mais na pessoa do que no partido político. "Numa democracia, 80 por cento dos eleitores, votam com seus partidos. Nesse raciocínio, entende que a solução para os problemas do país passa, antes de tudo, pela política partidária e pelo voto. Sem fazer política, resume, não vamos conseguir resolver os problemas do país".

O Cláudio, a esposa Eli e mais dois dos três irmãos da família, já abriram o voto: o candidato é o Lula. Assim como entende que a saída para o país passa pelo voto e pela participação política, Cláudio encontra no PT a proposta econômica, política e social mais viável para o Brasil. "E, para mudar este país, além da participação do povo precisamos de propostas concretas".

SEM CANDIDATOS — Indefinidos. Esta é a situação da família Weiller, o seu Werno, de 53 anos, a dona Lúcia de 50 anos e os dois filhos que ainda moram perto de casa: A Elizabete de 25 anos e o Antônio de 22. Os Weiller são proprietários de 15 hectares de terra na Linha 1 Oeste, interior de Ijuí.

O seu Werno só não votou na eleição de 60, porque naquela época analfabeto não tinha direito a voto. A dona Lúcia, é uma destas poucas pessoas que pode dizer como é votar para presidente. Não votou no Jânio preferindo seguir o voto do avô, que era quem decidia pela família. Nesta eleição, ela ainda não sabe em quem votar. "Aqui em casa o voto é secreto", se defende. Mas conta que já ouviu os filhos conversarem sobre alguns nomes, como o do Maluf e o do Afif.

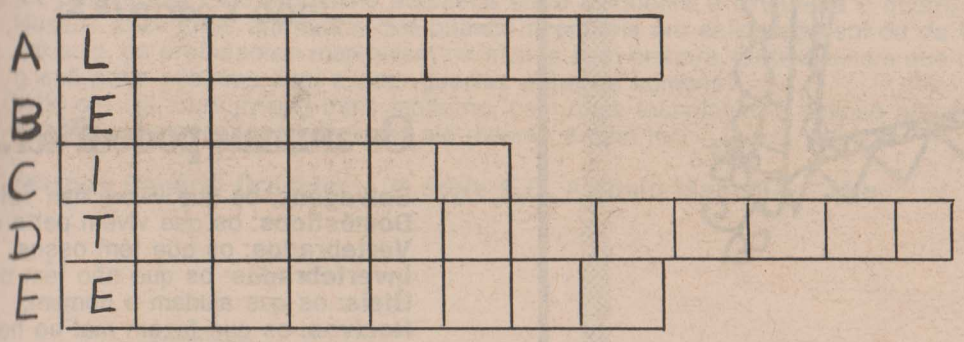
"Vou escolher alguém comprometido com a agricultura", vai logo dizendo o seu Werno, simpatizando com o Freire, "só que não voto em comunista" e com o Afif. Não vota no Brizola porque acha o candidato muito agressivo e revoltado. "Aí ia ser perigoso demais, diz ele pretendendo escolher um candidato menos crítico".

A Elizabete Ristow, de 25 anos, é uma das cinco filhas do casal Weiller. Casada e mãe de um filho, Elizabete não acredita na política, nem nunca teve qualquer vínculo com partidos políticos e também ainda não definiu seu voto. "Por enquanto ainda estou acompanhando o desempenho dos candidatos, diz ela não acreditando que algum destes condidatos possa fazer alguma coisa pelo país. "Qualquer mudança não está nas mãos dos políticos. O povo também precisa ajudar as coisas acontecerem".

Leva esta eleição presidencial para o nível do aprendizado. "Vai ser um grande aprendizado para o brasileiro", diz ela que também não concorda com o voto do analfabeto e acha que o jovem não está tendo perspectiva nenhuma com os programas que os candidatos estão apresentando. A questão do aprendizado na sua opinião está muito ligado a educação do povo que ainda está votando sem ideologia, apenas no candidato.

Cotrisol

Elaboração: Mariluza da Silva Lucchese
Datilografia: Derci Fátima Mariani



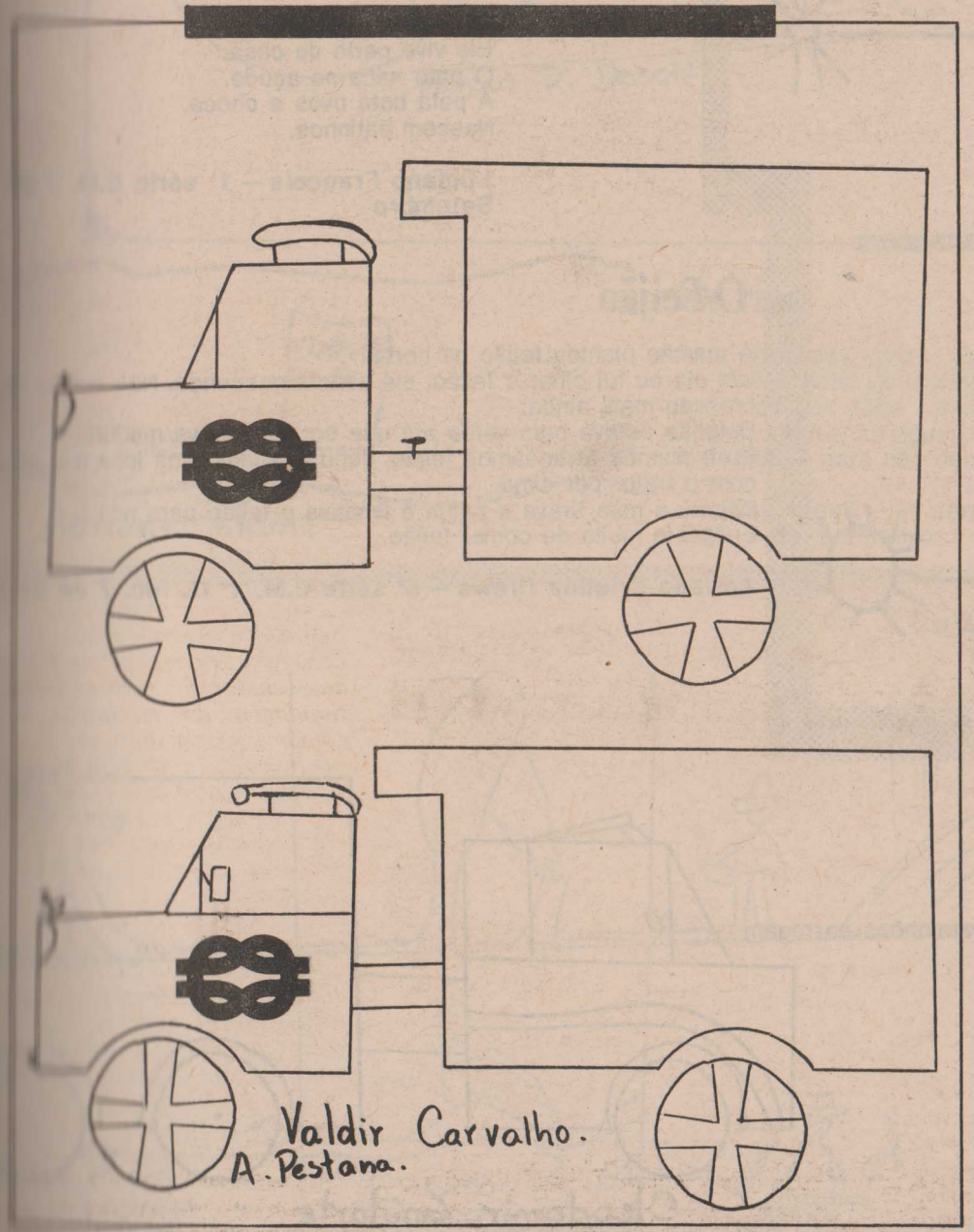
Resolva a Cruzada:

1 – Qual o gado que produz leite?
2 – De que se faz o mate?
3 – Quem habitava o Brasil antes do Descobrimento?
4 – Quem trabalha bastante é...
5 – Qual é o maior bicho do mundo?

Marisa Hetter – 5ª série E.M. 1º G. Inc. Sete de Setembro

Brincando de... dizer SIM

1. O animador formula três perguntas a um participante da brincadeira, porém a pessoa não poderá responder sim.
2. A terceira pergunta será: Você concorda que perdeu o jogo?



Passatempo

Charadinhas

1 – O que tem barriga de vidro e tripa de arame?
2 – Qual o pássaro que sempre sente dor?
3 – Quando é que se abre a porta?
4 – Nasceu verde, de luto, se cobriu para satisfazer o povo. Cai na água. O que é?

Luis Carlos Hettxer – 4ª série E.M. Sete de Setembro

Construindo um dicionário

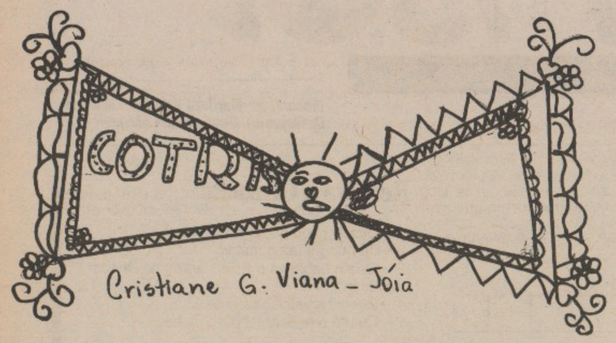
Há poucos dias atrás, esteve em Ijuí o professor Luis Carlos Cagliari, proferindo palestra a respeito da Construção da Linguagem pela criança.
Entre outras sugestões de atividades, sugeriu esta, bastante valiosa:
Toda vez que um aluno solicitar à professora a escrita de uma palavra que encerre uma dificuldade ortográfica, a professora escreve a palavra em ficha que deve ser guardada dentro de uma caixa de camisa.
Quando a caixa estiver com uma boa quantidade de fichas é hora de organizá-las em seqüência alfabética, coletivamente.
Não é uma boa sugestão?

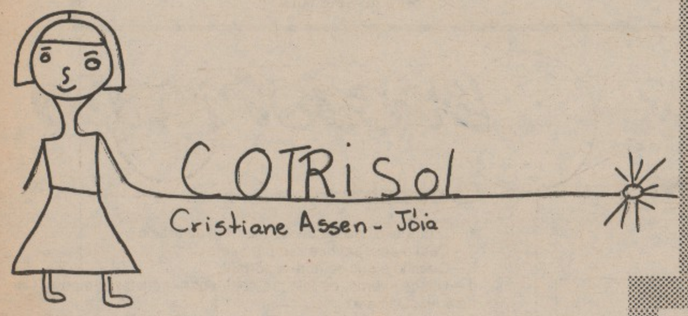
Editorial

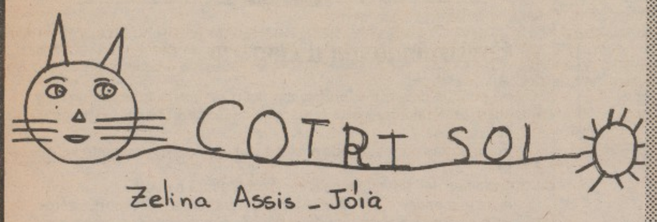
Gurizada e Professoras:
Estou ansiosa por receber os trabalhos sobre as professoras de vocês. Eles deverão ser enviados até no máximo, 15 de outubro.
Um beijo grande, Mariluza.

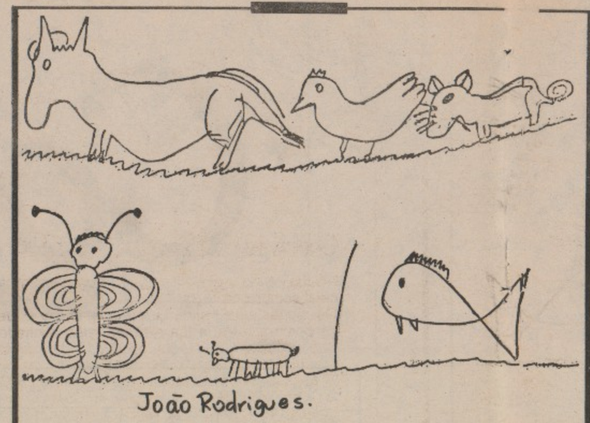
Página do Leitor

Na edição passada foram publicadas algumas das sugestões mandadas pela criançada para que saisse um novo logotipo do Cotrisol. Que tal, gostaram do novo desenho? Ele é uma mistura das sugestões enviadas pelas crianças. O resultado final é de um jornalista que hoje trabalha na Zero Hora, mas que durante quatro anos escreveu no Cotrijornal: Moisés Mendes. Nesta edição nós estamos publicando as sugestões da **Cristiane G. Viana, da Cristiane Assen** e da **Zelina Assis,** todos de Jóia. Até a próxima com mais sugestões.









Os animais podem ser...

Selvagens: os que vivem nas selvas.
Domésticos: os que vivem perto do homem.
Vertebrados: os que têm ossos.
Invertebrados: os que não têm ossos.
Úteis: os que ajudam o homem.
Nocivos: os que fazem mal ao homem.

João Rodrigues – 2ª série E.M. 7 de Setembro

O Pato

O pato tem penas.
Ele vive perto de casa.
O pato nada no açude.
A pata bota ovos e choca.
Nascem patinhos.

Luciano François – 1ª série E.M. 7 de Setembro

O Feijão

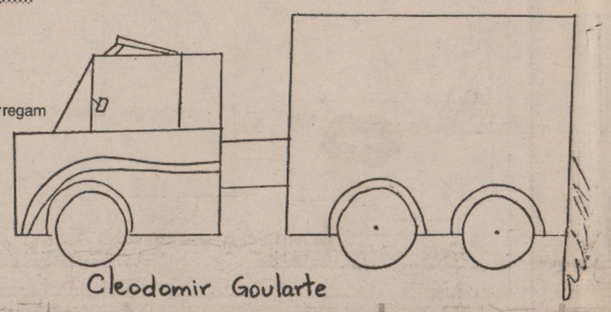
A mamãe plantou feijão na horta.
Um dia eu fui olhar o feijão, ele estava nascendo. Nos outros dias ele cresceu mais ainda.
O feijão estava bem verde até que um dia estava maduro.
Eu e mamãe arrancamos feijão, depois botamos na lona e o pai passava com o trator por cima.
Depois a mãe tirava a palha e limpava o feijão para nós
Eu gosto muito de comer feijão.

Adriane Cristina Drews – 5ª série E.M. 1º G. Inc. 7 de Setembro

Os caminhões que derramam calcário

Os agricultores precisam somente fazer o pedido na Cotrijuí, que os caminhões carregam e já esparramam calcário, diretamente.
É especial!
Não quer experimentar uma vez? É só passar lá na Cotrijuí.
O calcário é um mineral que corrige o solo.

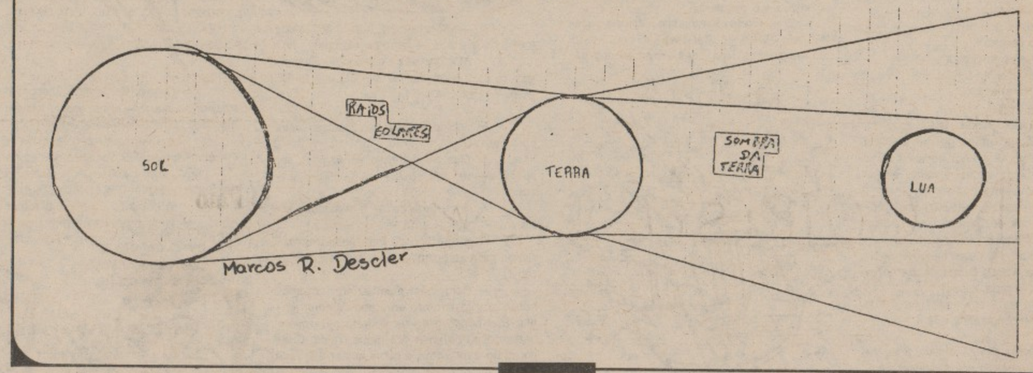
Cleodomir Goulart
E.M. 7 de setembro

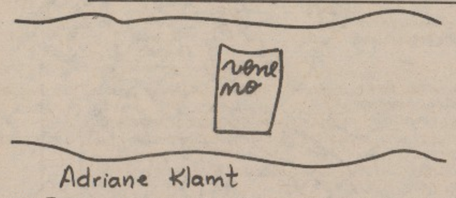


O eclipse da Lua

No dia 16 de agosto de 1989, a natureza mostrou uma coisa muito bela, o eclipse lunar, no qual a lua ficou totalmente tapada pela sombra da terra.
Os cientistas afirmam que o eclipse, ou a lua sendo tapada pela sombra da terra, dura segundos, minutos ou horas, dependendo de como a terra, a lua e o sol estão alinhados.
O eclipse que aconteceu no dia 16 de agosto à noite, teve uma hora e trinta e sete minutos de duração, tempo em que a lua ficou totalmente sombreada pela terra.
O eclipse acontece quando três planetas ficam alinhados e a Terra fica entre a lua e o sol, não deixando que o sol transmita luz para a lua. Este fenômeno acontece entre cinquenta e cinquenta e quatro anos.
Nossos ancestrais afirmaram que quando acontecia um eclipse do sol ou da lua, o dia seria de azar. Quando as crianças estavam em aula, os professores mandavam os alunos irem embora. Outros dizem que quando acontecia o eclipse, as plantações morreriam, o ano seria péssimo, com muitas guerras entre os homens.
Hoje em dia, num mundo mais moderno, com mais tecnologia, o eclipse não é mais um fenômeno de terror, mas sim uma coisa bela, que as pessoas podem ver até mesmo a olho nu.

Marcos Rogério Drescler – 7ª série E.E. Antônio Mastella – Jóia





Os rios

Rios arrazados, sujos, cheios de lama, baixos e sem peixes.
Os rios servem para pescar peixes e também dele tiramos água para tomar. Mas se alguém toma água dos rios pode parar no hospital porque estes rios estão cheios de porcarias e venenos.
Quando chove, as águas das curvas vão direto dentro d'água por causa de desmatamento. Não tem mais matos para não deixar a água passar.

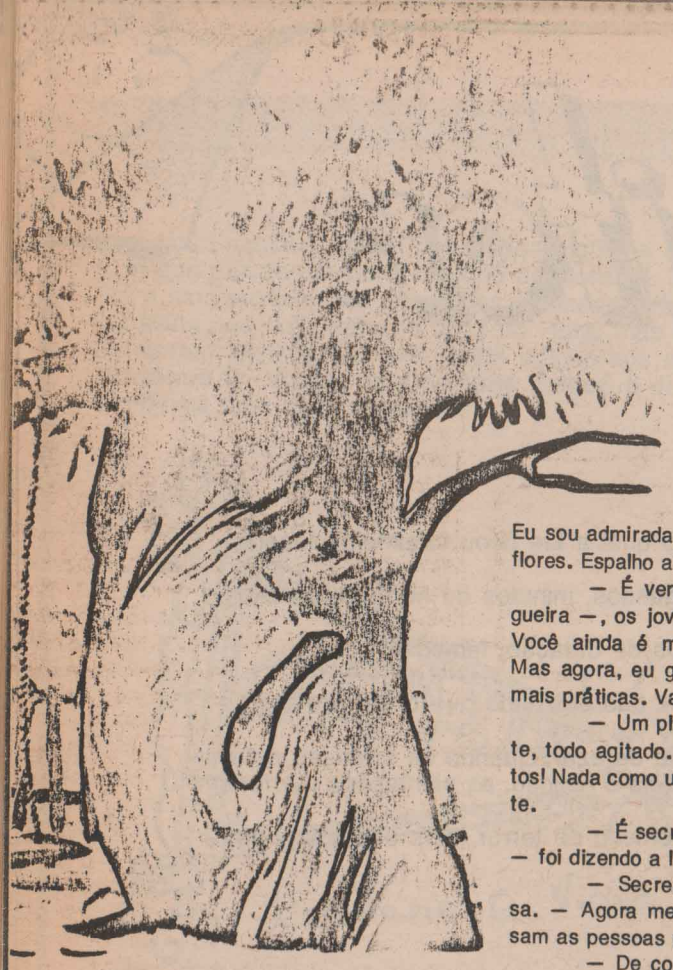
Adriane Klamt – 2ª série
E.M. 7 de Setembro

Os desenhos acima são do **Luciano Carvalho de Assis.** Ele está mostrando no que resulta o homem tocar o machado nas florestas, caçar animais, pescar desenfreadamente e ainda jogar veneno nos rios. Confira...

Suplemento Infantil/setembro/89

A Greve das Hortaliças

Autora: Regina Sormani Ferreira
Ilustrado por Marchi



Um dia, não muito belo,
O ar andava amarelo,
Difícil de respirar!
As plantas, preocupadas,
Então resolveram tentar
Melhorar a situação.
E numa reunião
Que surgiu a grande idéia...

Num lindo e antigo quintal, desses que quase não se vê mais, moravam uma velha mangueira, um coqueiro muito alto e uma laranjeira novinha e florida.

A mangueira, cheia de rugas no tronco — daí o seu nome Rugosa —, era bem antiga. Naquele dia, ela resmungava:

— Hã, hum, rá! Estou cansada de ficar aqui plantada, vendo coisas ficarem pretas. Ei, Gigante! Acorda, rapaz!

— Quem está dormindo? Eu é que não! — respondeu o coqueiro, que era um tipo caladão.

A laranjeira, que se chamava Florabel, orgulhosa de suas flores, sacudiu os galhos para espantar a poeira e perguntou:

— Estão falando comigo? De que se trata? O que aconteceu?

— É esse o problema, nada acontece! — reclamou Rugosa. — Olhem para mim. O que mais machuca uma velha árvore é o esquecimento. Eu me sinto abandonada. Depois de tantos anos de boa sombra, de frutos que fizeram a alegria de tantas crianças...

— Agora que você tocou no assunto, estive reparando... — suspirou o coqueiro — Sim, eu também já tive mais prestígio, mais cartaz. Os casais eram românticos, costumavam namorar perto de meu tronco e admirar a Lua... Bons tempos!

— Nada disso! — gritou Florabel. — Eu sou admirada, todos amam minhas lindas flores. Espalho alegria e esperança.

— É verdade — concordou a mangueira —, os jovens espalham a esperança. Você ainda é muito jovem, laranjeirinha... Mas agora, eu gostaria de tratar de coisas mais práticas. Vamos bolar um plano.

— Um plano?! — exclamou o Gigante, todo agitado. — Bons ventos, bons ventos! Nada como um plano para sacudir a gente.

— É secreto? Só topo se for secreto — foi dizendo a laranjeira.

— Secretíssimo! — segredou Rugosa. — Agora me respondam: do que precisam as pessoas para viver?

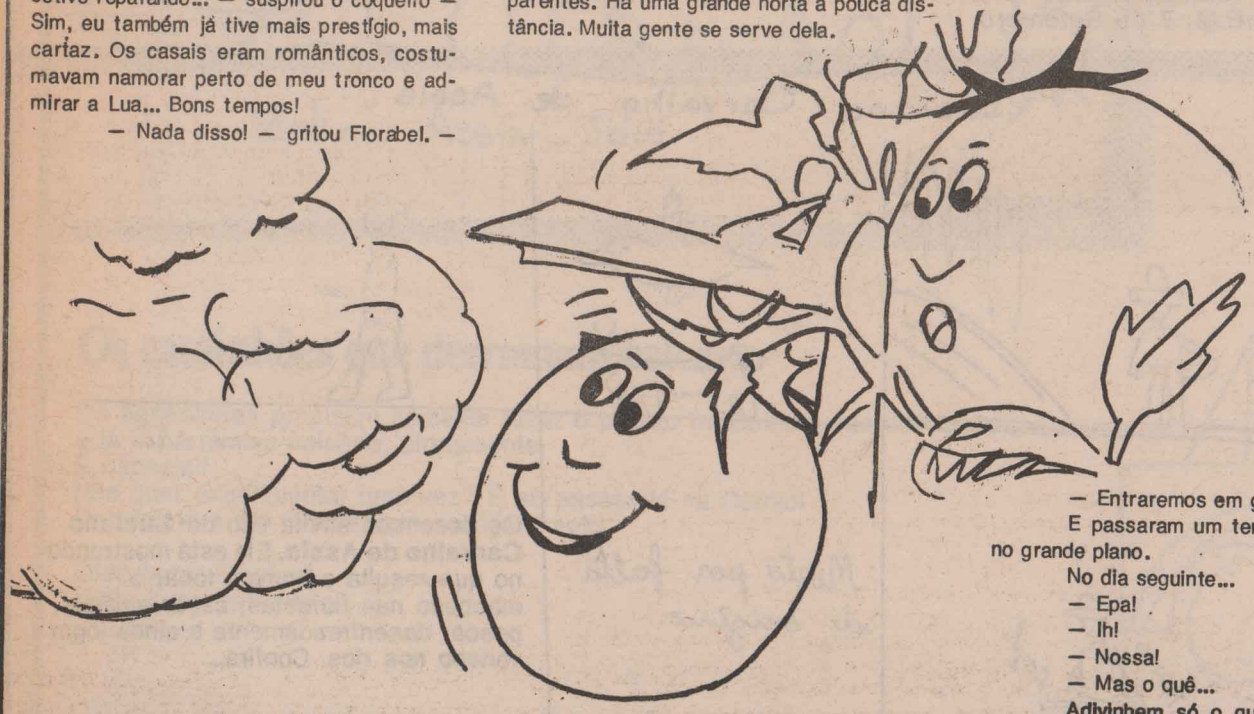
— De comida, ora! — exclamaram a laranjeira e o coqueiro.

— Exato, exatíssimo. Vamos pegá-las pelo estômago, dar-lhes um bom susto. Somos apenas três, mas temos alguns parentes que fazem a delícia de todo esse pessoal.

— Quem? — quis saber a laranjeira.

O coqueiro, que enxergava mais longe, falou:

— Sim, sim, posso ver daqui nossos parentes. Há uma grande horta a pouca distância. Muita gente se serve dela.



— As hortaliças! Mas não temos meios de ir até lá — lembrou Florabel.

— Aí é que entra o plano! — Rugosa estava toda animada, parecia até que remoçara. — Usaremos o C.S.P.

— C.S. P.?

— Código Secreto das Plantas, meus caros amigos.

— Que tal pedir ao vento para ser nosso agente secreto? — perguntou o coqueiro.

— Isso, Gigante! — a mangueira vibrava. — Você já está usando a cuca.

— E que tipo de mensagem mandaremos para as hortaliças? — quis saber Florabel.

— Bom, nós, plantas, só utilizamos nosso código secreto em caso de emergência. É o nosso grito de socorro para que a natureza se defenda dos maus tratos. Chegou a hora de gritar, e quem quiser que faça o mesmo.

E foi assim que o agente vento carregou a mensagem até a horta mais próxima, recomendando:

— Usem o C.S. P.

Alguns tomatinhos, ainda verdes, perguntaram o que era aquilo. Os maduros explicaram e, naquela noite, as hortaliças fizeram um acordo:

— Entraremos em greve.

E passaram um tempão trabalhando no grande plano.

No dia seguinte...

— Epa!

— Ih!

— Nossa!

— Mas o quê...

Adivinhem só o que o pessoal que veio fazer a colheita encontrou!

Beringela desbotada, cenoura toda azulada, o chuchu enferrujado, tomate empipocado, alface com catapora!

Quem vai comprar isso agora? E, tudo sabor fumaça! O que será que se passa?

Aí, vocês podem imaginar a grande confusão que deu. Um culpava o outro:

— A culpa foi de quem plantou!

— Nunca! Foi de quem mandou plantar.

— Foi o inseticida!

— Deve ter sido aquela nova marca de adubo!

— Foi o tempo que virou...

— Já pensou se isso acontecer também nas outras hortas?

— Credo.

— E se acontecer com as frutas e outras plantações?

— Duas vezes credo!

Gigante viu tudo lá de cima e contou tintim por tintim para suas amigas Rugosa e Florabel. Podem ter certeza de que a velha mangueira nunca mais se sentiu esquecida, abandonada. Desde esse dia passou a cantarolar: Dos erros, não adianta reclamar.

O remédio é consertar,
Procurar a solução.
Unidos! A força vem da união.